

# **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**



**Cláudio Henrique Nunes Mourão**

**Porto Alegre**

**2011**

**Capa: Carolina Hessel Silveira**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cláudio Henrique Nunes Mourão

**Literatura Surda:  
produções culturais de surdos  
em Língua de Sinais**

Porto Alegre

2011

Cláudio Henrique Nunes Mourão

**Literatura Surda:  
produções culturais de surdos  
em Língua de Sinais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:  
Prof. Dra. Lodenir Becker Karnopp

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Cláudio Henrique Nunes Mourão

**Literatura Surda:  
a produção cultural de surdos  
em Língua de Sinais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora:  
Prof. Dra. Lodenir Karnopp

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Prof. Dra. Lodenir Becker Karnopp – Orientadora

---

Prof. Dra. Adriana Thoma – UFRGS

---

Prof. Dr. Edgar Roberto Kirchof – ULBRA

---

Prof. Dra. Madalena Klein – UFPel

---

Dedico à Comunidade Surda Brasileira,  
cuja língua própria e cultura  
fazem parte da minha vida...

## AGRADECIMENTOS NESTE MOMENTO

Aos meus queridos pais e família  
na terra maranhense, e  
Anna Mourão, Wilson e família  
na terra São Caetano do Sul/SP.  
Muitíssimo obrigado por acreditarem em mim,  
com fé e sem dúvida,  
longe de mim...  
mas...  
estão dentro e profundamente no...  
meu coração .

À minha mulher, Carolina Hessel  
por apoio total e puro coração com flores coloridas...

À minha sogra Rosa Hessel por fazer parte da minha árvore  
e aumentar mais as folhas para eu crescer...

À minha Tia Lidia Marinho por amizade sincera,  
saúde do bom tempo entre brincadeira e implicância.

A Shaula (canina) por apoio Au au...  
- traduzindo “carinho”.

Aos meus amigos Nelson Pimenta e Fábio de Mello,  
pelo descobrimento do mundo dos surdos...

Aos meus amigos e colegas  
que compartilharam comigo durante bom tempo  
na terra maranhense, carioca e gaúcha,  
principalmente na dança...

Às escolas de surdos,  
que abriram as portas, possibilitando  
as experiências de trabalhos  
e compartilhamento com os alunos, professores, funcionários e diretorias.

Aos meus colegas e babás (tutores)  
no Pólo UFSM, por tudo, que é inesquecível...

À Ronice Quadros e professores  
do curso de Letras/Libras - 2006 (inédito no Brasil)  
pelas aprendizagens e conhecimentos.

Aos meus colegas  
com as professoras Lodenir Karnopp e Adriana Thoma,  
por atividades e energias compartilhadas  
durante as aulas  
na UFRGS/FACED.

A minha orientadora Dra. Lodenir Karnopp,  
pela amizade crescente com sua presença,  
que me empurrou para engatinhar, deu mamadeira das palavras,  
ajudou na evolução de conhecimentos,  
pela paciência, apoio e carinho...

Aos professores da UFRGS/FACED,  
que meus olhos abriram para a subjetividade refletida,  
com emoção, sentimento, desafio,  
fazendo crescer os conhecimentos...

As intérpretes de Língua de Sinais na UFRGS/FACED  
pela presença em aulas e eventos.

A dra. Adriana Thoma, dr. Edgar Kirchof e dra. Madalena Klein,  
pela guerra de sugestões, idéias e apoio,  
que me fizeram brotar as folhas (conhecimentos e reflexão) da árvore.

Por fim, agradeço a Deus pelos meus passos, protegendo e iluminando  
para o caminho certo...

Mais uma vez, obrigado Deus, por existir o ser surdo e a Língua de Sinais!



Meu silêncio não é como o silêncio de vocês.  
Meu silêncio verdadeiro seria o de ter  
os olhos fechados, as mãos paralisadas,  
o corpo insensível, a pele inerte.  
Um silêncio do corpo.

Emmanuelle Laborit (1994)

## RESUMO

Com o propósito de investigar a manifestação das produções culturais dos surdos em histórias que são contadas em Libras, o foco da pesquisa é a análise da forma como os surdos vêm apresentando e construindo a Literatura Surda, com foco na língua de sinais. A partir disso, os objetivos são desdobrados na análise das temáticas e do uso da língua de sinais, ou seja: verificar quais histórias os surdos têm contado, como são caracterizadas essas histórias e quais são os temas apresentados, e analisar o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados. A base teórica foi buscada nos Estudos Culturais e Estudos Surdos, em autores como Hall (1997), Karnopp (2006, 2010), Quadros (2004), Klein e Lunardi (2006), Sutton-Spence (2008), Lopes e Thoma (2004), Perlin (2004), Silveira (2006), Strobel (2008). O material empírico que subsidia a investigação foi obtido através das atividades desenvolvidas por alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, ensino à distância, da Universidade Federal de Santa Catarina. Optei pela coleta de materiais produzidos (filmados, disponíveis em DVDs) na disciplina de Literatura Surda e, além disso, realizei entrevistas que subsidiam a análise dos textos produzidos em Libras, verificando o depoimento dos alunos sobre as histórias selecionadas, o uso da língua de sinais e dos recursos expressivos utilizados. As produções analisadas se dividiram em traduções e adaptações de histórias conhecidas, incluindo personagens surdos, procurando marcar uma produção da cultura surda..

Palavras-chave: Cultura Surda, Estudos Culturais, Estudos Surdos, Libras, Literatura Surda.

## ABSTRACT

Aiming at investigating the manifestation of deaf cultural production in stories recounted in Libras, the research focuses on the analysis of how deaf ones manage to introduce and construct the Deaf Literature emphasising on the sign language. From this, objectives are unfolded when analysing themes and use of the language sign, that is, checking which stories deaf ones have recounted, how these stories are characterised and what are the themes deaf ones have presented, and analysing the use of the language sign and its expressive resources used. The theoretical base comes from the Cultural Studies and Deaf Studies in writers such as Hall (1997), Karnopp (2006, 2010), Quadros (2004), Klein and Lunardi (2006), Sutton-Spence (2008), Lopes and Thoma (2004), Perlin (2004), Silveira (2006), Strobel (2008). We have found the empirical material supporting the investigation in activities students attended in a Libras Language Programme and in distance education at the Federal University of Santa Catarina. I have chosen to collect produced materials (films on DVDs) at the discipline of Deaf Literature. Furthermore, I made interviews supporting Libras text analysis, checking testimony students gave about selected stories, sign language use and its expressive resources used. Productions we have analysed were of two kinds: translations and adaptations of known stories, including deaf characters, seeking to highlight a deaf culture product.

Keywords: Deaf culture, Cultural Studies, Deaf Studies, Libras, Deaf literature.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVEA	Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem
ASL	American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
EAD	Ensino à Distância
EUA	United States of America (Estados Unidos da América)
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
GES	Grupo de Estudos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPA	Centro Universitário Metodista
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
NTD	National Theatre of the Deaf – EUA (Teatro Nacional do Surdo)
SSRS	Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul – Porto Alegre/RS
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Folder (15x15) - Espetáculo “Catirina”. Atrás Tapuios e Rajados, em Frente 1º Vaqueiro (2º Vaqueiro com varas, atrás do Chico e Catirina), Amo, Chico, Miolo do boi (meio) e Catirina .....	26
Figura 2 – Panfleto (20x22) - Espetáculo “Nordestenamente:Uma viagem pelas danças e festas populares do Nordeste” .....	26
Figura 3 – Folder: Cia Surda de Teatro, Grupo Lado a Lado. . Folder (15x20). Em 1999, espetáculos em Rio de Janeiro/RJ no INES e o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, na UFRGS .....	28
Figura 4 – Cia Teatro Absurdo. Panfletos (20x20). Espetáculos eventos no Rio de Janeiro/RJ .....	30
Figura 5 – Espetáculo “Nelson 6 ao vivo”. Folder (12x20): Local: Teatro Calil Haddad, Maringá\PR – 2005, espetáculos em várias cidades do Brasil .....	33
Figura 6 – Espetáculo “Nelson 6 ao vivo”. Panfleto (15x20) – local: Teatro GACEMSS, Volta Redonda\RJ – 2004 .....	34
Figura 7 – Desenhos de Cláudio Mourão .....	35
Figura 8 – Pierre de Rosard .....	50
Figura 9 – Dorothy Miles .....	51
Figura 10 – Livros com histórias adaptadas .....	56
Figura 11 – Livros de criação de surdos.....	57
Figura 12 – livros de literatura infantil: “O Canto de Bento” e de “A Família Sol, Lá, Si...”, ambos da autora Márcia Honora, 2008 .....	58
Figura 13 – Variações em sinais da Libras .....	62
Figura 14 – Tradução de Português/ Libras .....	65
Figura 15 – Exemplos de tradução para a Libras .....	67
Figura 16 – Exemplos de piadas em Libras .....	67
Figura 17 – Abertura e usuário / senha.....	70
Figura 18 – Disciplina de Literatura Surda .....	71
Figura 19 – Cenas de “O cavalo e as amigas Hienas” (Grupo 1) .....	73

Figura 20 – Cenas de “Chapeuzinho Vermelho” (Grupo 2) .....	74
Figura 21 – Cenas de “João surdo pé de feijão” (Grupo 3) .....	76
Figura 22 – Cenas de “A festa no céu” (Grupo 4) .....	77
Figura 23 – Cenas de “Três Porquinhos e um Lobo” (Grupo 5) .....	78
Figura 24 – Cenas de “A Cigarra e as Formigas” (Grupo 6) .....	81
Figura 25 – Cenas de “Shrek” (Grupo 7) . .....	82
Figura 26 – Cenas de “Pinóquio Surdo” (Grupo 8).....	83
Figura 27 – Cenas de “Paixão dos Gatos” (Grupo 9) .....	85
Figura 28 – Cenas de “Os Sete Cabritinhos e o Lobo” (Grupo 10) .....	87
Figura 29 – Cenas de “João e Maria” (Grupo 11) .....	88
Figura 30 – Cenas de “Chapeuzinho Vermelho Surda” (Grupo 12) .....	90
Figura 31 – Site: <a href="http://sites.google.com/site/claudiomourao/">http://sites.google.com/site/claudiomourao/</a> .....	92
Figura 32 – Representação Surda em desenho de Cláudio Mourão .....	111
Figura 33 – Divulgando “I Mostra Literatura Surda”.....	117

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Utilização de Ilustrações e Recursos Expressivos .....	94
Quadro 2 – Utilização de Cenário e tipo de apresentação .....	96
Quadro 3 – Tipos de Produção Literária .....	97
Quadro 4 – Síntese de utilização de diversos recursos de apresentação de histórias .....	98
Quadro 5 – Analisando Cenário e forma de apresentação .....	99
Quadro 6 – Analisando o Processo de Produção Literária .....	100

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
1.1 PERTENCIMENTOS E EXPERIÊNCIAS .....	21
1.2 CONSTITUIÇÃO DA MINHA IDENTIDADE SURDA .....	24
1.3 TERRITÓRIO .....	34
<b>2 RECONHECER A CULTURA</b> .....	40
2.1 ARTEFATOS CULTURAIS .....	44
2.2 LITERATURA SURDA: UM POUCO DA HISTÓRIA; ADAPTAÇÃO E CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS .....	49
2.3 TRADUÇÃO – APROFUNDANDO O TEMA .....	61
<b>3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A LITERATURA SURDA PRODUZIDA PELOS ACADÊMICOS PESQUISADOS</b> .....	69
3.1 CURSO DE LETRAS-LIBRAS .....	69
3.2 ANÁLISE DOS MATERIAIS – NARRATIVAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS .....	71
3.3 DOCUMENTAR AS ENTREVISTAS .....	91
3.4 REALIZANDO ANÁLISES .....	93
3.4.1 Analisando os Materiais (DVDs) .....	93
3.4.2 Análise dos quadros .....	97
3.4.3 Análise das entrevistas .....	101
<b>4 REPRESENTAÇÃO DOS SURDOS E LITERATURA SURDA (DA LÍNGUA DE SINAIS)</b> .....	109
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS MÃOS NÃO TERMINAM AQUI</b> .....	113
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	119
<b>ANEXOS</b> .....	124
<b>ANEXO A</b> .....	125
<b>ANEXO B</b> .....	126
<b>ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	131



## 1 INTRODUÇÃO

Para começar... uma carta!

Para começar, trago um texto que escrevi em forma de *carta* durante as aulas com a Profª Drª Adriana da Silva Thoma, atividade em que todos os alunos escreveram uma carta, trocando com os colegas na sala de aula, na disciplina *A Constituição de Identidades e da Diferença Surda no Campo da Educação* do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/FACED, durante o 1º semestre de 2009.

*A carta...*

*Bom, escrever a carta? Hum! Interessante que vamos escrever a carta para cada colega ou interagir com pessoas durante aulas, vamos conhecer alguns segredos da vida, ou seja, histórias individuais... Vou tentar escrever a minha história! Falarei de mim? Nossa que vergonha! Prepare-se, vamos começar: Quem é Cacau?*

*O Cacau é surdo, nome completo é Cláudio Henrique Nunes Mourão, ex-dançarino profissional, mas, por enquanto, ele ainda é dançarino. Pode acreditar? Já imaginou como ele ouve a música ou o ritmo, apesar de ser surdo? Ele é Formado em Educação Física em Licenciatura no IPA/2007, em Porto Alegre-RS; professor de teatro e dança; professor de Libras; estudante do curso de Letras/Libras, Pólo UFSM; e mestrando na área educação na UFRGS. Nasceu em São Luís-MA, terra do boi... Ops! Foi mal, quero dizer que é a terra do bumba-meu-boi, conhecida pelas festas juninas durante o mês de junho. Nasceu surdo... Opa! Também, nasceu para dança... Então, viveu duas vidas em caminhos diferentes: dançando e os lendo os lábios “oralizado”.*

*Vamos falar de “dança”: ele é dançarino artístico, bailarino profissional, coreógrafo. Desde criança que ele gostava de dançar, quando havia festas ou aniversários, sempre estava ali para dançar no meio do povo, das crianças e até mesmo dos adultos, não sei explicar por que ele amava dança! Como eu disse antes, ele nasceu para dança, notou? Certa época, Cacau ganhou uma bolsa de estudos para dançar jazz: esta foi a primeira experiência de dança, ficava apaixonado por essa experiência e acabou ficando durante um bom tempo. Mais tarde, ele ganhou várias bolsas de estudo para dança popular, balé clássico, balé contemporâneo, nos melhores companhias de dança do Maranhão como bailarino profissional. Até chegou o dia em que ele fazia parte das melhores companhias de dança do Maranhão como bailarino profissional. Aos 24 anos de idade, ele recebeu convite para morar no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo em que ganhou outras bolsas de estudos para dança de salão, balé clássico, jazz. Passou na audição (teste) para fazer parte da Cia de Dança*

*Carlinhos de Jesus e ficou durante 8 anos, fizeram shows em vários lugares como TVs, teatros, empresas, etc., em todos os estados do Brasil e no exterior.*

*Agora, vamos falar sobre “oralizado”, Hum! Essa história é feia. Como todos sabem as crianças surdas atrasam no processo de aquisição de linguagem como Cacau, na escola regular, ou seja, nas propostas de “inclusão” em que os surdos não têm contato com a língua de sinais. Se você quiser saber e aprofundar sobre “Aquisição da Linguagem”, sugiro a leitura de livros e teorias sobre aquisição da linguagem (Karnopp 1994, Quadros 1997, Karnopp 1999,...) que tem toda a explicação, também o que é ser oralizado e ser surdo. Ele viveu vida toda nas escolas regulares até ensino médio.*

*Acredita se quiser, ele conheceu o mundo surdo e da Língua de Sinais quando ele tinha 24 anos no Rio de Janeiro e descobriu sua língua própria surda, ou seja, língua natural através de comunicação em Língua de Sinais. Com o bom tempo, um surdo fazia poemas e ele viu e ficou emocionado, caiu um pingo de lágrimas e clareza natural.*

*Em 1999, o descobrimento de identidade, navegou em um navio por um bom tempo entre terra maranhense e carioca, ele tinha duas identidades: fingir “ser ouvinte” e o verdadeiro “ser surdo”.*

*Identidade fingir “ser ouvinte”: ele viveu no meio de círculo ouvinte, algo que tem limite por vários motivos, ele sabe que é deficiente auditivo, mas não sabe qual é identidade e jamais imaginou o que é “identidade”? Mas ele sempre dizia: “EU SOU SURDO” e na ficha coloca escrito deficiente auditivo, mas ele não sabia a diferença e sempre pensou que surdo e deficiente auditivo era o mesmo significado.*

*Identidade “ser surdo”: ele descobriu língua de sinais que tem comunicação natural entre os surdos ou povo surdo, que tem cultura surda como piada, poema, Literatura Surda, etc. Não é só objetivo comunicação, mas é língua que tem estrutura de Libras, gramática, sistema, lingüística, competência e outros, como outra língua.*

*Afinal, qual é identidade dele?*

*Ele vendeu identidade fingir “ser ouvinte” e comprou identidade “ser surdo”, ser surdo é algo natural e pura comunicação pelo visual através da Libras.*

*O Cacau é surdo: esse sou eu e tenho orgulho de ser surdo!*

----- // -----

Como me narro? Sou humana, sou Surda,  
usuária de Língua de Sinais (LS),  
participo na Comunidade Surda  
(não vivo sem Comunidade Surda)...  
(Silveira 2006, p. 9)

Hum! Literatura Surda? O que representa a Literatura Surda? Será que a Literatura Surda está dentro do círculo da cultura surda? Essas são algumas perguntas que motivaram a pesquisa em torno da Literatura Surda. Com essa pesquisa, indico que as identidades surdas e os sujeitos surdos estão envolvidos em práticas sociais, adquirindo as subjetividades de fábricas culturais e trazendo em forma de discursos as representações surdas.

Hum! Interessante é conhecermos um pouco da longa história do povo surdo<sup>1</sup>, para podermos comprovar que através de obras de vários autores e pesquisadores a Literatura Surda através do povo surdo se faz presente há muitos séculos. Como sabemos, há milhares de anos não existiam escritas e as histórias circulavam somente pela oralidade, passando de geração a geração. No mesmo caminho o povo surdo utiliza a *sinalidade*<sup>2</sup>, passando de geração a geração histórias em línguas de sinais. No entanto, mesmo existindo obras e autores, é recente o uso da temática Literatura Surda, mesmo que os surdos contassem e recontassem histórias, narrativas, piadas e vários gêneros literários através da comunidade surda. A noção de Literatura Surda começou a circular em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, principalmente onde havia escolas de surdos. Em 1864 foi fundada a Universidade Gallaudet (*Gallaudet University*)<sup>3</sup>, em Washington D.C.; com o passar do tempo, os sujeitos surdos, acadêmicos e pesquisadores construíram significados em torno da Literatura Surda, espalhando para seus próximos, na comunidade surda, como nos encontros de surdos, escolas de surdos, associação de surdos etc. Alguns alunos surdos estrangeiros formados na Universidade Gallaudet voltaram para sua terra natal, espalhando-os a notícia para sua comunidade surda local, como escolas de surdos, associação de surdos, etc. Os acadêmicos e pesquisadores começaram a divulgar materiais empíricos, fazendo distribuição de livros, vídeos, etc. de fontes da Literatura Surda, da qual fazem parte a cultura surda e identidades surdas.

---

<sup>1</sup> Povo Surdo: conjunto de sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço. (Strobel, 2006)

<sup>2</sup> *Sinalidade* é o termo que utilizo nesta Dissertação para a produção linguística em sinais de surdos, assim como o termo oralidade é tradicionalmente utilizado para o ouvinte.

<sup>3</sup> Gallaudet University – para saber mais, acesse: <http://gallaudet.edu/>

Não é fácil definir a Literatura Surda. Como não há uma definição ou uma única conceituação para literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura Surda... Há vários anos que se alteram os seus significados de literatura até os dias de hoje. Cito Lajolo (2001, p. 25):

O que é *literatura*? É uma pergunta complicada justamente porque tem *várias* respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição. Respostas e definições – vê-se – para uso interno.

A proposta desta dissertação, assim, é investigar a manifestação das produções culturais dos surdos em histórias que são contadas em Libras. O foco da pesquisa é a análise da forma como os surdos vêm apresentando e construindo a Literatura Surda, através do uso da língua de sinais. A partir disso, os objetivos são desdobrados na análise das temáticas e do uso da língua de sinais nesta literatura, ou seja, eles são seguintes:

- a) Verificar quais histórias os surdos têm contado, como são caracterizadas essas histórias e quais são os temas apresentados;
- b) Analisar o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados.

Para desenvolver esta pesquisa, divido a dissertação em 5 capítulos. Nestes capítulos da minha dissertação há diferentes maneiras de pensar, experiências vividas, leituras e estudos. Naveguei durante um bom tempo para pescar os conhecimentos e comi bastante das palavras e significados, compartilhei pedaços de pão com outros, ativei o cérebro e o motor das mãos e do visual, que agora podem compartilhar entre as muitas perguntas algumas respostas.

No primeiro capítulo, na seção “Pertencimentos e Experiências”, que é esta, apresento os meus interesses de pesquisa e o surgimento de meu interesse pelo tema Literatura Surda. Busco também contextualizar a utilização da expressão Literatura Surda. Mais especificamente, na seção “Constituição da minha Identidade Surda” apresento minha experiência vivida com a dança, apresentações artísticas e culturais, o encontro com artistas surdos, com a comunidade surda e com a língua de sinais. Na seção “Território” relato experiências vividas, aspectos da comunidade surda e conhecimentos adquiridos.

No capítulo “Reconhecer a Cultura...”, trago inicialmente um breve histórico da comunidade surda e comunidade surda brasileira, que fizeram um movimento entre a positividade e negatividade; fala também sobre artefato através da cultura surda.

Na seção “Literatura Surda: um pouco da história; adaptação e criação de histórias” trago os registros das histórias de surdos, materiais em livros, DVD(s), representações, assim como diferenças entre tradução, adaptação e criação de histórias.

No terceiro capítulo, com o título “Caminhos teóricos-metodológicos: a Literatura Surda produzida pelos acadêmicos pesquisados”, falo sobre a situação do curso de Letras/Libras e disciplinas, através Ensino a Distância (EAD), sobre a metodologia de coleta de materiais de DVD(s) através de grupos de alunos no Pólo UFSM com resumos de cada grupo que foram gravado em DVD(s). Entrevistei cada grupo perguntando sobre como foi organizado o grupo, como construíram as atividades, como surgiu a idéia, como foi expressa pelo grupo, como era a atividade. Essas perguntas foram respondidas por email e gravados em WEBCAM. Depois analisei o material que foi filmado e produzido em DVDs, buscando características gerais e organizando: tabelas, sobre Ilustrações/Imagens, Cenário, e Processo Produção Literária. Verifiquei também as categorias de análise das entrevistas, que representam as experiências em seus grupos.

Na quarto capítulo, denominado “Representação dos Surdos e Literatura Surda (da Língua de Sinais)”, aprofundo a questão da representação dos surdos e Literatura Surda.

No quinto capítulo trago “Considerações finais: as mãos não terminam aqui”, a partir da experiência em que naveguei no barco dos Estudos Culturais em que pesquei entrevistas no Pólo UFSM e matérias produzidas em DVD(s). Descobri que todas as características gerais, entre entrevistas e materiais em DVD(s) são importantes, são algo que envolve práticas discursivas e crescentes atividades da Literatura Surda, integrando a representação surda.

## 1.1 PERTECIMENTO E EXPERIÊNCIAS

Escutá-las [as histórias] é o início da aprendizagem para ser um leitor,  
e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito  
de descoberta e de compreensão do mundo...

Abramovich (2002, p. 16)

A literatura não está em um único território, mas está presente em vários territórios e em fronteiras de diferentes países. A literatura iniciou pela oralidade, foi passando de geração a geração, depois surgiu a escrita. Cada país conta suas narrativas, diferentes histórias através

das próprias comunidades. Assim, através das narrativas, as histórias são contadas para as pessoas e identificadas como pertencendo à literatura japonesa, literatura árabe, literatura chinesa, literatura grega, literatura brasileira, literatura indígena entre outras. Tribos indígenas, na terra brasileira ou em diferentes territórios, trazem a literatura indígena através da oralidade, passando de geração a geração, ainda até os dias de hoje. A Literatura Brasileira do séc. XVI, considera-se que foi iniciada com a carta de Pero Vaz de Caminha, sobre o Descobrimento do Brasil, explicando detalhes do que havia acontecido na terra brasileira. Sobre a Literatura Brasileira, Bosi (1987, p. 15) afirma:

Os primeiros escritos de nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são *informações* que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro (...). Dos textos de origem portuguesa merecem destaque:

- a) A *Carta* de Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel, referindo o descobrimento de uma nova terra e as primeiras impressões da natureza e do aborígene. (...)

No séc. XVII, começou o Barroco no Brasil por intermédio dos jesuítas, ligando a literatura à arquitetura e escultura. Após dois séculos, temos outra obra importante com Gregório de Matos (1636-1696), que produziu poesia religiosa, poesia amorosa e poesia satírica. Também se deve citar o orador sacro Padre Antonio Vieira (1608 - 1697), que deixou a famosa obra Sermões. Cada século trazia um movimento literário como o Arcadismo, Romantismo, Realismo e outros. Há várias obras, como de Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho nas artes plásticas; Machado de Assis, Castro Alves, Monteiro Lobato, Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos outros autores, os quais deixaram registros históricos na Biblioteca Nacional (em obras disponíveis). Os leitores podem ler vários textos literários; assim os textos orais ou escritos vão sendo passados e contados às pessoas: “(...) para que exista uma literatura é preciso certa continuidade, uma transmissão de experiências que só o estabelecimento em caráter regular da relação AUTORES – OBRAS – PÚBLICO possibilita.” (GONZAGA, 1989, p. 25). Logo, leitores ou ouvintes podem ter idéia ao ler ouvir textos, possibilitando o surgimento de outros autores e outras obras literárias. A literatura inclui o conjunto de contos de fadas, poemas, piadas, crônicas, contos, mitos, lendas e outros gêneros. Citando Coelho (1987, p. 10):

A literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas dessa *ânsia permanente de saber e de domínio sobre a vida*, que caracteriza o homem de todas as épocas. *Ânsia permanente latente nas narrativas populares legadas pelo passado remoto.* (...) Todas essas formas de narrar

pertencem ao caudal de narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade, que, fundidas, confundidas, transformadas... se espalharam por toda parte e permanecem até hoje como uma rede, cobrindo todas as regiões do globo: o caudal de *literatura folclórica* e de *velhos textos novelescos* que, apesar de terem origens comuns, assumem em cada nação um caráter diferente.

Estive refletindo sobre como surgiu a literatura que chegou na Literatura Surda para o povo surdo. De que forma esse tema está relacionado às identidades surdas, à cultura surda e ao ser surdo? Citando Perlin e Miranda (2003, p.217-218):

Ser surdo [...] olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença.

[...] ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Mas como comprovar que os surdos têm uma Literatura Surda? De onde surgiu a Literatura Surda? Para responder a essas perguntas, trago a noção de comunidade surda, para afirmar que a Literatura Surda surgiu dentro da comunidade surda<sup>4</sup>, em associações de surdos, em encontros entre os surdos, em bares, colônias de férias, escolas de surdos, etc. Nesses lugares, os surdos se encontram para bate-mãos<sup>5</sup>, conversam sobre costumes em várias localidades, sobre suas experiências, contam histórias. Cito a autora Soares (2006, p. 36) “A literatura vista como cultura regional é transmitida, na maioria das vezes, oralmente de forma que os detalhes podem variar entre os narradores das histórias.”

Tradicionalmente, a literatura é vista com participando de culturas regionais em que o sujeito ouvinte conta histórias e uma das possibilidades é que todos podem ouvir as histórias, se emocionar com o que ouvem, refletir e criar mil maneiras de pensar. Podem surgir formas de se expressar a si mesmo, através de piadas e poemas, por exemplo. O mesmo pode acontecer com o sujeito surdo ao trazer as narrativas da comunidade surda, mostrando histórias interessantes, que usam as mãos e a visão. Tais histórias em geral emocionam e

---

<sup>4</sup> Strobel (2006, p. 32), cita os surdos americanos, Padden e Humphries (2000, p. 5) para afirma: “Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os sujeitos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar.”

<sup>5</sup> Bate-mãos é o termo correspondente a bate-papo ou conversa ou comunicação pela Língua de Sinais.

exploram o que visualmente é produzido na língua de sinais, que através do olhar podemos sentir e entender. É algo que faz rir pela piada, emocionar pelo poema, etc. O surdo ouve pela visão, e a Literatura Surda surge: como uma árvore balançada pelo vento e a folha, ao cair e ser levada pelo vento para outros lugares, finalmente pisa na terra, se transforma, é adubada e brota na terra... é feliz para sempre. A Literatura Surda emociona aqueles que ouvem pela visão e transforma, brilha, nos arrepiando. Então, destacando a visão, reflito que há mil maneiras de pensar, citando Lebedeff (2005, p. 181):

De acordo com Carter, Carter e Fleischer (2005), os surdos se reúnem em associações e eventos sociais possuindo sua próprias instituições e tradições. Segundo os autores: os surdos se unem e se aproximam em função da língua de sinais e, a partir dela, desenvolvem sua própria cultura.

Os surdos, ao contar em histórias dentro da comunidade surda, transmitem para outros sujeitos surdos, para outras comunidades surdas, a cultura surda, que se espalha pelo país, possibilitando também a visibilidade da cultura surda através da tradução para outros países. Não somente há tradução para povo surdo, também para povo ouvinte, através da tradução para as línguas faladas.

Mas o que é Literatura Surda? Perguntas eternas, permanentes, respostas imprecisas, vagas, provisórias! Mais do que responder a essa pergunta, talvez o contato com as narrativas, com os poemas e as histórias que circulam nas comunidades surdas nos tragam evidências da forma como os surdos vêm apresentando e construindo a Literatura Surda.

## 1.2 CONSTITUIÇÃO DA MINHA IDENTIDADE SURDA

Farei um memorial explicando como surgiu o meu interesse pelo tema da Literatura Surda, de onde veio e como foi parar em minha mente através dos sinais visuais e das mãos, com a língua de sinais. Tenho muito interesse de entrar com mais profundidade na cultura do povo surdo, e isso está ligado à minha experiência de teatro, dança e expressão corporal, através de vários espetáculos no Brasil e exterior, principalmente com a Literatura Surda e teatro surdo.

Antes de mais nada, destaco que trabalhei em vários espetáculos de dança e teatro em São Luis, Maranhão, onde nasci. É uma longa história, em que pude me certificar que tenho

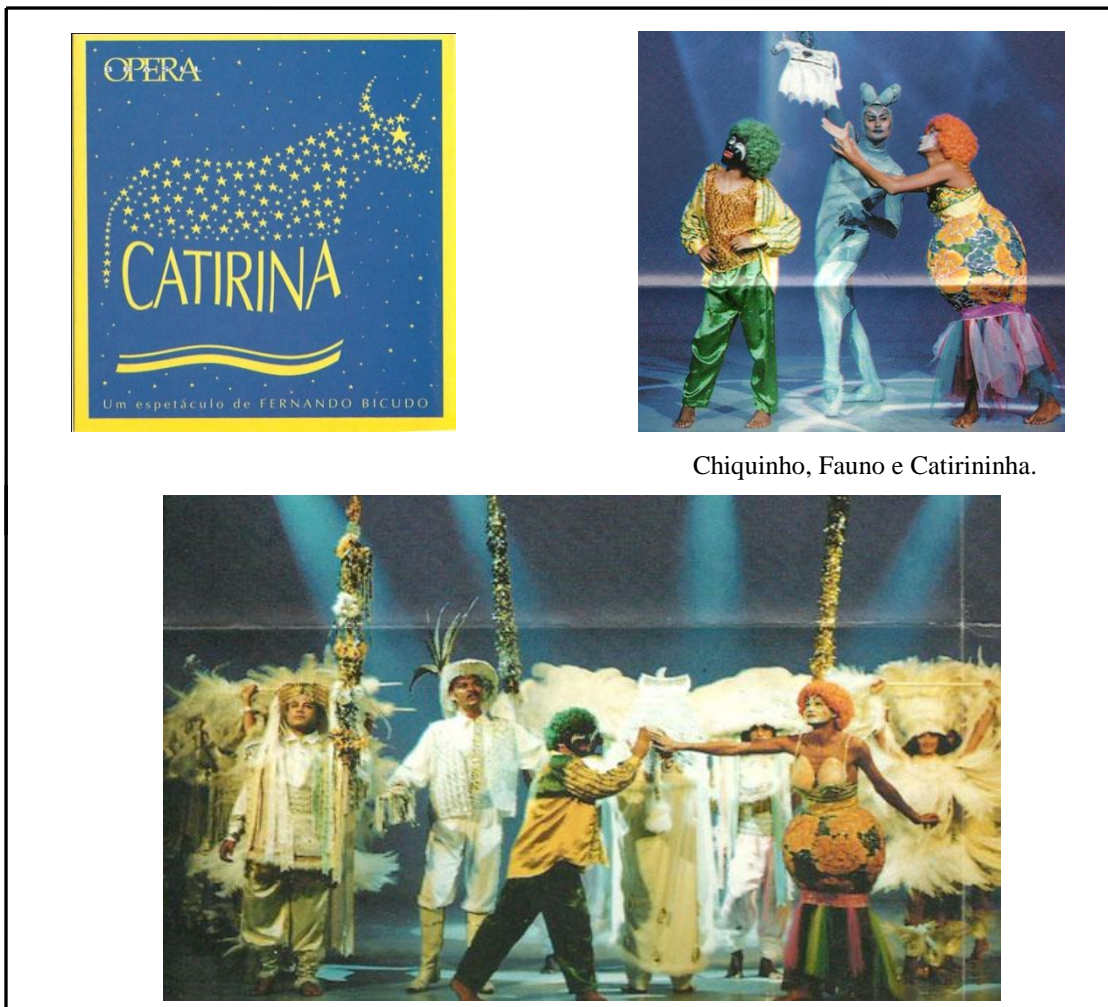


mais facilidade de me expressar corporalmente. Quando eu era jovem, passava um bom tempo me relacionando com os meus amigos artistas, por exemplo, quando me encontrava com eles em bares, em casa ou na praia. A gente aproveitava para brincar com expressão nos rostos, identificando o que marcava o rosto como triste, amor, mulher, etc. É claro que desde pequeno eu gostava de dança, ia a muitas festas como aniversários, festas juninas, etc. Toda minha família (todos são ouvintes e sou o único surdo da família) e colegas me motivaram positivamente para que eu continuasse a gostar de dança. Gostava também de filmes, brincava com meu irmão mais velho, Luis Henrique, no quintal de casa, fazia como índios contra soldados, Zorro, etc., imitando os personagens dos filmes. Finalmente, já quase adulto, frequentava baladas, festas juninas, festa popular, etc. Certa vez, conheci um professor de dança Jazz, Henrique Serra, que frequentava balada e, assim, ele me ensinou alguns passos dos movimentos e até brincamos com personagens. Um ano depois, ele me repassou uma bolsa de estudo para curso de dança jazz; logo integrei um grupo de jazz para me apresentar em vários eventos, que foram sucessos. Depois de um ano de dança jazz, conheci artistas, recebi convites e ganhei bolsa de estudos para cursos de dança popular, balé clássico, balé contemporâneo, performances, nas melhores academias de dança em São Luis/MA. Finalmente, passei num teste de dança popular e balé clássico que fazia parte da Ópera Brasil, dirigida por Fernando Bicudo (era diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro) no Teatro Arthur Azevedo e apresentamos vários espetáculos como *Catirina*<sup>6</sup> (Fig. 1) espetáculo de bumba-meu-boi, misturando dança e teatro; *Nordestenamente*<sup>7</sup> (Fig. 2) e outros. Além disso, continuava a dançar em sala de aula e me identificava com a expressão corporal.

---

<sup>6</sup> Espetáculo “Catirina”, dirigido por Fernando Bicudo, de 1996 a 1998. Catirina - baseada no Auto do Bumba-meu-boi do Maranhão. O cenário é uma fazenda; Catirina e Pai Francisco (Chico) são casados e os principais personagens. Catirina está grávida, deseja comer a língua do boi; Pai Francisco rouba o boi para satisfazer a sua mulher. O “Amo”, dono da fazenda, soube e manda perseguir culpado pelos vaqueiros e pelos índios. O Chico é encontrado e levado à presença de todos. Catirina, comovida, acaba confessando a culpa. Perdoados, encontram boizinho que é salvo pelos “doutores” e pajés, reanimando-se e urrando em meio a alegria de todos.

<sup>7</sup> Espetáculo “Nordestenamente”, dirigido por Fernando Bicudo, de 1996 a 1998. Nordestenamente – é um espetáculo de danças e festas populares do Nordeste, em três ciclos: O grupo junino como a Quadrilha, Xaxado, Forró, Côco e Ciranda; O grupo afro como Lundu, Maculelê, Orixás e Maracatu; e o grupo carnavalesco como o Frevo e dança do Caboclinho.



Chiquinho, Fauno e Catirinha.



Figura 1: Folder (15x15) - Espetáculo “Catirina”.  
Atrás Tapuios e Rajados, em frente 1º Vaqueiro (2º Vaqueiro com varas,  
atrás do Chico e Catirina), Amo, Chico, Miolo do boi (meio) e Catirina.



Figura 2: Panfleto (20x22) - Espetáculo “Nordestenamente:  
Uma viagem pelas danças e festas populares do Nordeste”

Naquela época, antes de entrar no mundo artístico, eu experienciava duas possibilidades identitárias. Uma delas era a experiência de “fingir ser ouvinte”: eu vivia no meio do território falante, onde se encontrava o povo majoritário e eu precisava fingir ser como eles para me sentir pertencente àquela comunidade. Se eu demonstrasse ser deficiente auditivo, estaria excluído do território falante. Mas, eu entendia como sinônima a relação entre surdo e deficiente auditivo, era a mesma relação, os dois significavam o mesmo; eu desconhecia a diferença entre o surdo e deficiente auditivo. Logo que eu entrei no mundo artístico e artes, me identificava como surdo, sentia que tinha habilidade artística e era um ser humano como os outros, mas não sabia que existia cultura surda ou língua de sinais, que é uma língua própria para surdo como primeira língua, tudo isso era desconhecido para mim. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a Libras é a língua usada pela comunidade surda no Brasil e que há estudos que demonstram os diferentes níveis lingüísticos (fonologia, morfologia, sintaxe...) do uso e do funcionamento desta língua. Apresenta uma gramática, sendo utilizada de forma visoespacial. Portanto, não se trata de mímica ou gestos improvisados, como certos ouvintes às vezes pensam.

Em 1997, recebi convite de Fábio de Mello, um ex-coreógrafo da Cia de Dança Carlinhos de Jesus, para trabalhar no Rio de Janeiro, e lá ganhei duas bolsas de estudos: dança/teatro e teatro surdo. Ele era amigo de Nelson Pimenta<sup>8</sup>, ator, ex-professor no Centro Educacional Pilar Velásquez, da escola de surdos, Professor de Libras e Teatro e trabalhavam juntos num grande espetáculo de teatro.

Em 1998, quando eu tinha 24 anos, mudei para Rio de Janeiro, comecei a estudar língua de sinais e teatro através da comunidade surda e dança/teatro na Casa de Dança Carlinhos de Jesus. Nessa idade, pela primeira vez entrei em contato com a comunicação pela língua de sinais, através de Nelson Pimenta. Não foi a primeira vez que vi a língua de sinais, antes já havia visto na minha terra maranhense, via os surdos na praia ou em público. Lembro-me que eu malhava em uma academia de musculação, tinha um surdo que se comunicava com um ouvinte através da língua de sinais. Estava fazendo musculação, o professor me apresentou a eles, eu não tinha idéia de como me comunicar. Ao mesmo tempo, fiquei impressionado que um surdo e um ouvinte estavam se comunicando pela língua de sinais. Então, conversamos bastante pela oralização, enquanto o ouvinte interpretava com a língua de sinais para o surdo, mas jamais imaginei que a língua de sinais era uma língua!

---

<sup>8</sup> Nelson Pimenta nasceu em Brasília em 1963, reside no Rio de Janeiro, e foi o primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil.

Voltemos ao assunto anterior “Rio de Janeiro”, para continuação. Depois de um ano de estudo de dança, passei no teste de audição (tipo de seleção) para fazer parte da Cia de Dança Carlinhos de Jesus. Na Companhia, apresentamos em vários eventos como em teatros, novelas, filmes, desfile na comissão de frente da escola de samba da Mangueira, TV, etc. Viajamos para o interior do Brasil e exterior como Lisboa-Portugal, Peru, Bolívia e outros. Algumas vezes, pude passar minha experiência de expressão corporal e facial para meus colegas ouvintes dançarinos na Companhia. Lá também fortaleci senso de disciplina, alma, leveza, representação de personagem, sensibilidade para relacionar sentimentos (alegria, tristeza) com dança, etc.

Foi nessa época que aconteceu uma grande surpresa pra mim: a descoberta da língua de sinais! Comecei a pesquisar o mundo surdo, ou seja, a cultura surda. Busquei informações, aprofundei mais detalhes, de onde vieram, etc. Até mesmo no teatro, onde eu não esperava tanto assim, tinha “visão identidade surda”: na minha visão, podia identificar expressão corporal até nas mãos, a “língua de sinais”. Tudo era comunicação para mim.

Então, fui convidado para fazer parte de teatro surdo, no espetáculo de Nelson Pimenta, “Nelson 6 ao Vivo”; na Cia Surda de Teatro, no Grupo Lado a Lado (Fig. 3) e na Cia Teatro Absurdo (Fig. 4) no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Fiquei fascinado com o meio dos surdos artistas e povo surdo, até mesmo com o bate-mãos.

**COMPANHIA SURDA  
DE TEATRO  
&  
GRUPO LADO A LADO**



*Arte Poética*  
1999

**COMPANHIA SURDA DE TEATRO  
&  
GRUPO LADO A LADO**  
*Arte Poética*

Poesias de Adelia Prado, Afonso Romano de Sant'Anna, Ferreira Gular, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Nelson Pimenta e Vijaya Mukhopadhyay

**POESIAS EM SINAIS**

Alexandre Luiz.....	A Pesca O Leitor e a Poesia Orfandade Rondó do Capitão
Cacau Mourão.....	Viver
Nelson Pimenta.....	Bandeira do Brasil Traduzir-se Viver Conflito das Mãos Querendo Mover

**POESIAS FALADAS**

Lanucia Quintanilha.....	Rondó do Capitão O Leitor e a Poesia Orfandade
Regina Celeste.....	Traduzir-se Querendo Mover

**MÚSICA**

Cacau Mourão.....	Brasil Zizi Posse
-------------------	----------------------

"A POESIA EM MIM  
DAS FOLHAS PASSOU AOS FATOS,  
DA RIMA PASSOU À TRAMA  
DAS LETRAS PASSOU AOS GESTOS."

Afonso Romano de Sant'Anna

"A Companhia Surda de Teatro e o Grupo Lado a Lado, do INES, mostram um espetáculo com belíssimas poesias de poetas consagrados da Literatura Brasileira e Estrangeiras.

Poetas como: Adelia Prado, Afonso Romano de Sant'Anna, Ferreira Gular, Mario Quintana, Manuel Bandeira e Vijaya Mukhopadhyay.

A ARTE POÉTICA é marcada pela presença de dois lados no palco: as mãos e as bocas que falam. Os corpos se encontram na mais significativa produção cultural de um movimento poético que expressa a visão do mundo e as diferentes formas de ser.

O Grupo é formado por atores surdos e ouvintes que acreditam na magia da arte como um magnífico espaço de integração, descobertas e participação. Dessa forma, ser igual é respeitar as diferenças e transformá-las imediatamente num espetáculo aberto à plateia surda e ouvinte.

Teremos o enorme prazer de partilhar a beleza e a sensibilidade deste espetáculo com todas as pessoas que acreditam no silêncio repleto de conchas e luzes e com quem mais quiser ver e ouvir.



**Cacau Mourão**  
(Bailarino surdo)



**Nelson Pimenta**  
(Ator surdo)



**Alexandre Luiz**  
(Ator surdo)



**Ana Paula Botelho**  
(Atriz ouvinte)



**Lanucia Quintanilha**  
(Atriz ouvinte)



**Marcelo Mello**  
(Diretor)



**Regina Celeste**  
(Atriz ouvinte)



**Roger Mello**



**Fábio de Mello**

Figura 3: Cia Surda de Teatro, Grupo Lado a Lado. Folder (15x20). Em 1999, espetáculos em Rio de Janeiro/RJ no INES e o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, na UFRGS.



apresenta

Espaço Cultural Santa Rosa de Lima  
Voluntários da Pátria 110 - Botafogo  
(ao lado da estação do Metrô)  
Sextas e Sábados: 20h  
Tel.: 2266-7061  
2266-0779



## A LIÇÃO

Adaptação gestual da obra  
de Eugène Ionesco

Apoio cultural:

JAPO  
Iluminação

lines

Meirelles Cunha

BY CELINA

M&M  
efeitos especiais

tabuk

coopines

SATEDIRJ

@

WALTER'S  
COFFEE

WALTER'S  
COFFEE

### COMPANHIA TEATRO ABSURDO

A Companhia Teatro Absurdo realiza atividades relacionadas às artes cênicas e visuais, de modo a oferecer uma oportunidade artística que fomente a emancipação social dos surdos.

### O ESPETÁCULO

Inspirada na obra de Ionesco, A LIÇÃO chega aos palcos brasileiros através de uma adaptação gestual (pantomima). O texto encenado por atores profissionais surdos mostra a dificuldade de comunicação entre os homens, onde uma palavra ou som pode adquirir diferentes sentidos de acordo com a vivência de cada indivíduo. A peça é ambientada num velho gabinete, revela o constante conflito entre seus personagens: uma jovem aluna surda não oralizada e o velho mestre fonoaudiólogo ensurdecido pela idade.

Nesta atmosfera, desenrola-se a relação de poder exercido pelo professor frente às dificuldades da aluna e a angústia de ambos diante das imposições do mundo sonoro. Outros dois personagens transitam nesta trama: a governanta cega e tagarela e o criado anão surdo escravizado pelo professor. As situações absurdas que acontecem neste universo funcionam não somente como uma porta para as boas reflexões, mas brinda o espectador com momentos de humor hilariante. A falta de comunicação entre professor e aluno pode ser fatal.

### FICHA TÉCNICA:

**Elenco:** Alexandre Lutz (professor), Nivea Ximenes (aluna), Germana Chalu (governanta), Joel Costa (criado), Márcia Melo (aluna II), Rafaela Mesquita, Joana Medeiros, Cacau Mourão (stand in)

**Adaptação e Direção:** Breno Moroni e Alexandre Lutz // **Coreografia:** Cacau Mourão // **Produção:** Mirna Salomão, Amaury Messias, Leticia Napole e Sandro Rabello // **Ass. de Produção:** Sandra Guimarães e Sanny Cupello // **Iluminação:** Felipe Tanaka

**Op. de Luz:** Sandro Valério // **Sonoplastia:** Leonardo Tush // **Op. de Som:** Marisa Fonseca  
**Coord. de Projeto:** Zeca Magaldi // **Assessoria de Imprensa:** Rejane Medeiros // **Captação de Recursos:** Lucía Lins Santos e Solange Pancotto

**Fotos:** Nanda Brito  
**Dir. Arte:** Síllas Queiroz  
**Cenotécnico:** Luiz Bombom  
**Contra-Regra:** Berini Luz



Figura 4: Cia Teatro Absurdo. Panfletos (20x20). Espetáculos eventos no Rio de Janeiro/RJ.

Lembro-me que houve um encontro em um restaurante-pizzaria em São Paulo, numa mesa comprida, onde eu estava com os surdos para um bate-mãos. De repente, uma pessoa, Sandro Pereira<sup>9</sup>, surdo, levantou o braço e ficou em pé, todos viram que ele disse: “Vou fazer poema para vocês!” Eu estava sentado no meio da mesa e pensei assim: “Odeio poema!” (eu tinha trauma da escola regular, quando lia poemas, e eu não entendia seu significado, enquanto outros ouvintes ficavam com lágrimas e emocionados ao ler poemas). Então, eu disse, educado e sorrindo: “Por favor, comece!” Assim, ele fez poema através da língua de sinais... De repente, fiquei emocionado, cheio de “árvores” na pele e fiquei com lágrimas nos olhos brilhantes, pois eu nem esperava tanto assim. Poema surdo me fez descobrir que a

<sup>9</sup> Sandro Pereira – Surdo, é profissional ator e professor, conhecido na comunidade surda da grande São Paulo/SP. Saiu na revista Sentido, em 06/07/2002: ..."Se examinarem meu sangue encontrarão em todas as células TEATRO, teatro. É minha vida. Mas não quero que apareça eu, o Sandro, e sim a cultura surda". Disponível site: [http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=2203&cod\\_canal=3](http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=2203&cod_canal=3). Acesso em 13 de junho de 2009.

Língua de Sinais se tornou minha primeira língua, a minha língua própria, e o português minha segunda língua. Isso faz parte da cultura surda e me identifica como surdo.

Em 2001, consegui entrar na Faculdade Estácio de Sá, curso de Educação Física em licenciatura plena; a maior dificuldade é que não tinha intérprete de língua de sinais na sala de aula. A maior parte do meu estudo era feita com a leitura dos livros, para conseguir acompanhar as matérias, mas apenas uma porcentagem (mais ou menos 60%, dependendo da linguagem dos livros) eu conseguia entender nessas leituras, e perdia muitas informações na própria sala de aula. Na faculdade, tinha uma professora de Psicologia que comentou ao meu respeito com a colega dela, coordenadora da Vila Olímpica Carlos Castilhos<sup>10</sup>. A professora me pediu que eu levasse meu currículo para a coordenadora. No dia seguinte, fui lá para conhecê-la e apresentei meu currículo; uma semana depois, recebi email com convite para trabalhar como estagiário e professor de dança de salão para alunos que moravam próximo da favela ou bairro, e como professor de Libras para professores de Educação Física; fiquei lá de 2003 a 2005. No primeiro dia do trabalho, tinha uma única aluna para dar aula de dança de salão; ela ficou surpresa que eu era surdo, mas me comunicava pela oralidade (não quer dizer que sei falar oralmente com perfeição - é apenas minha segunda língua portuguesa); no outro dia e nos dias seguintes, veio mais gente, porque essa primeira aluna espalhou na favela onde era conhecida. Então expliquei para meus alunos e alunas sobre minha língua de sinais e cultura surda. Assim, sempre tive mais de 30 alunos na sala de aula naquele lugar.

Quando eu estava no 3<sup>a</sup> semestre da faculdade, eu soube, através da comunidade surda, que havia intérprete de língua de sinais na Faculdade Universo, em Niterói-RJ. Por mim, na hora, me transferi para lá, fiquei aliviado que podia entender tudo na sala de aula sem maiores dificuldades. Notei que, com as novas condições, durante as provas, sempre terminava mais cedo. Assim, antes na faculdade sem intérprete, eu não tinha bom rendimento – notas baixas, recuperação e reprovação. Depois, na outra faculdade com intérprete, tirava notas boas, nunca mais fiquei em recuperação e sempre tive bons resultados, simplesmente porque tinha intérprete de língua de sinais na sala de aula. Única diferença é uma língua. Essa minha língua é língua de sinais como primeira língua e segunda língua é língua portuguesa.

Durante bom tempo com Nelson Pimenta, aprendi a observar o jeito de utilizar a língua de sinais em alguns poemas surdos, até como contar histórias, fábulas, e cada vez me fascinava mais a Literatura Surda. Ele morou um ano no EUA, estudou teatro surdo, passou maior parte do tempo pesquisando na comunidade surda no teatro e poesia. Sutton-Spence &

---

<sup>10</sup> A Vila Olímpica Carlos Castilhos tem ginásio, quadra de esportes, campo de futebol, pista de atletismo e piscinas para todos os esportes, e é um local mantido pela Prefeitura na favela do Morro do Alemão.



Quadros (2006, p. 112) afirmam: “Nelson Pimenta também foi influenciado pela escola poética americana, crescendo com o trabalho do NTD<sup>11</sup> através do seu contato com poetas surdos americanos contemporâneos na Universidade Gallaudet<sup>12</sup>.”

Nelson Pimenta trouxe esses conhecimentos ao Brasil, para espalhar e contribuir com o grupo de teatro surdo e escolas surdas. Eu fazia parte do espetáculo de Nelson Pimenta, “Nelson 6 ao Vivo” (Fig. 5 e 6) e outros trabalhos como oficinas e espetáculos diferentes em várias partes do Brasil; felizmente eu estava por perto dele na maior parte de tempo. Todas as vezes que fizemos trabalhos, no momento do intervalo ele me contava algumas histórias, fábulas, até expressava poemas. Durante esse espetáculo de Nelson Pimenta, quando eu estava fora do palco, escondido na cortina, em que as platéias não podiam me ver, e ele estava no meio do palco e interpretava alguns poemas, eu não perdia ele de vista para poder assistir ao espetáculo. Jamais me cansei de vê-lo repetir poemas surdos, até viajamos juntos para fazer espetáculos em vários lugares do Brasil. É claro que eu também fazia teatro com Nelson Pimenta, além de dançar; fazíamos teatro juntos ou sozinho, enquanto ele trocava roupas ou vice-versa durante espetáculos.



Figura 5: Espetáculo “Nelson 6 ao vivo”. Folder (12x20):  
Local: Teatro Calil Haddad, Maringá, PR – 2005, espetáculos em várias cidades do Brasil.

<sup>11</sup> NTD - National Theatre of the Deaf (Teatro Nacional de Surdos), Fundada em 1967, por David Hays, no E.U.A. Disponível em: <http://www.ntd.org/>. Acesso em 13 de junho de 2009.

<sup>12</sup> Universidade Gallaudet (*Gallaudet University*) – é a única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para pessoas surdas. Está localizada em Washington, DC, a capital dos Estados Unidos da América. Acesso em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade\\_Gallaudet](http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Gallaudet). Disponível em: 13 de junho de 2009.

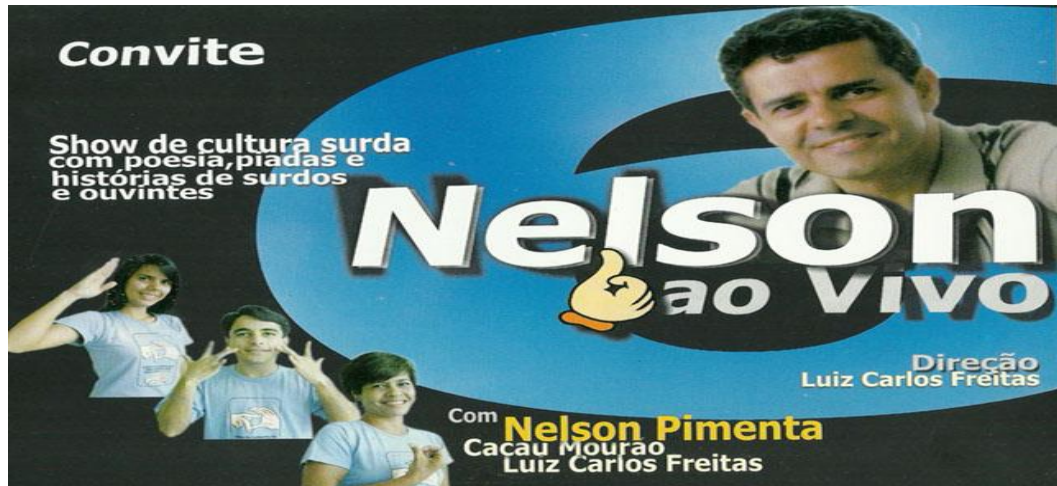


Figura 6: Espetáculo “Nelson 6 ao vivo”. Panfleto (15x20) – local: Teatro GACEMSS, Volta Redonda\RJ - 2004

Essa experiência me mostrou como, com poema surdo, também teatro surdo, posso transmitir e expressar a visão do povo surdo para reforçar seu poder e identidade. Com base em Finnegan (1977), Sutton-Spence & Quadros (2006, p. 113) afirmam: “Como todas as línguas de sinais tradicionalmente não apresentam um sistema escrito, o conhecimento cultural das comunidades surdas, que é passado por meio da língua de sinais, é transmitido visualmente.”

### 1.3 TERRITÓRIO...

"Os outros ouvem, eu não. Mas tenho olhos,  
que forçosamente observam melhor do que os eles.  
Tenho as minhas mãos que falam..."

"Os que ouvem têm tudo a aprender  
com aqueles que falam com o corpo.  
A riqueza da sua língua gestual  
é um dos tesouros da humanidade."  
(Laborit, 1994)

Na infância e adolescência das pessoas, no território “local”, existem múltiplas manifestações culturais ou diferenças culturais. Manter algumas convivências e participar de alguns ambientes, interagir com as pessoas pela comunicação, respeitar um ao outro, enfim, isso é o que costumeiramente fazemos na escola, onde aprendemos a construir a vida. Cada

aluno adquire informações durante as aulas, principalmente na língua do território nacional, que não é somente uma manifestação de língua, também é uma prática de conversação em diferentes locais, onde encontramos diferenças como as variações regionais. Costumamos ver em novelas ou filmes brasileiros que a fala manifesta diferenças locais e pela fala se adquire a linguagem e se constroem significados.

Já no meio da família acontecem almoços, jantares, atividades de lazer, e outras atividades que integram as crianças ou os jovens. Eles sentem prazer de participar de uma conversação, as palavras voam pelo ar, pela boca, com velocidade, desembarcam nos ouvidos um do(s) outro(s), que logo vão buscar as malas na esteira e dentro dessas malas existem milhões de palavras, que habitam na casa do cérebro, escolhendo uma das duas estradas: direita ou esquerda. A direita move o motor para manter o corpo em ordem, enquanto a esquerda constrói as palavras, os significados. Elas sempre mantêm contato entre as linhas, são conectores da transversalidade, os conectores do cérebro e do corpo, que envolvem as práticas sociais, atribuindo valores às palavras e ao mesmo tempo adquirindo múltiplas formas culturais.

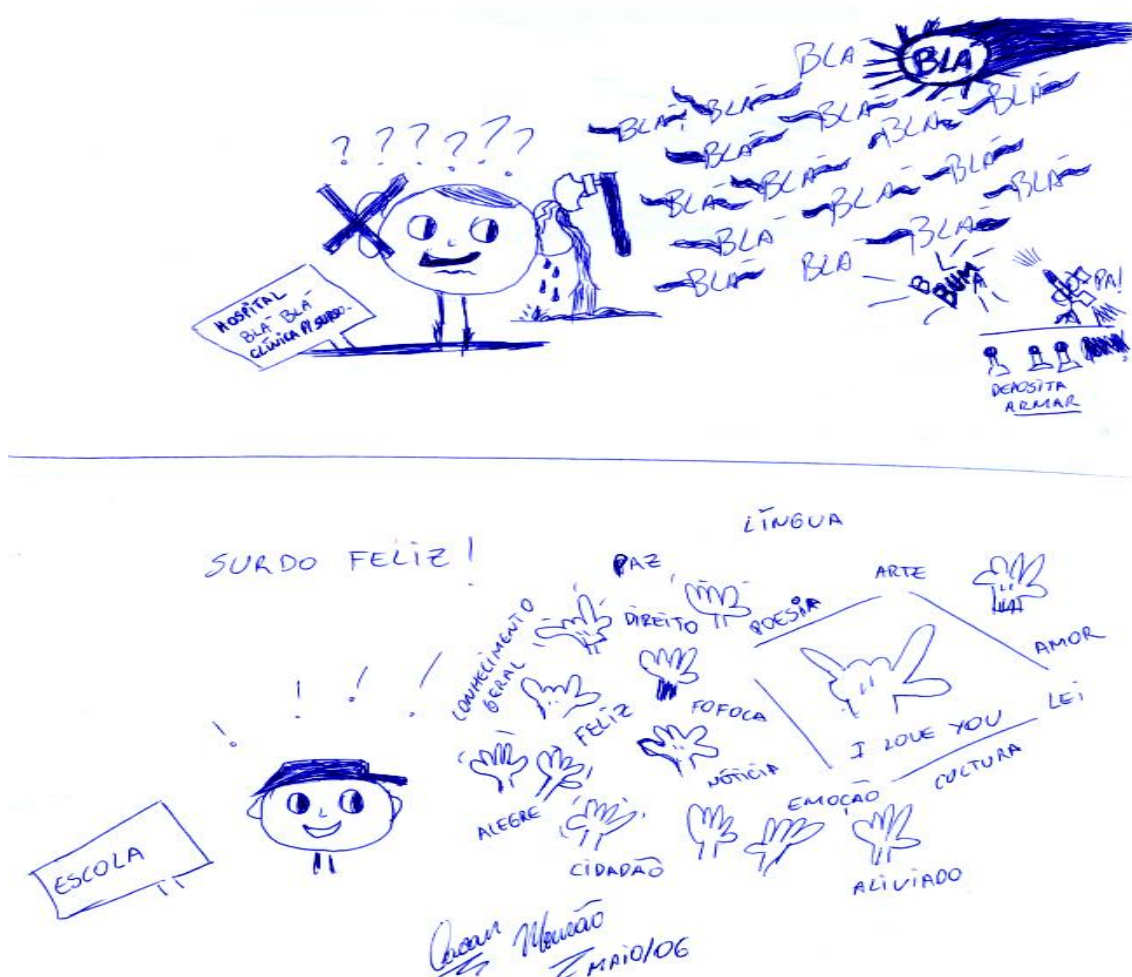


Figura 7: Desenhos de Cláudio Mourão

Fig. 7: Desenho feito em um momento que eu não agüentava e me irritava, por não entender a aula, onde não tinha intérprete de Língua de Sinais. Logo senti que precisava de alguma coisa para me acalmar. Peguei um pedaço de papel, desenhei para me expressar. Na disciplina de Futebol, no mês de maio de 2006, curso de Educação Física no Centro Universitário Metodista – IPA, em Porto Alegre/RS.

Já imaginou como seria um surdo no meio do território da infância e da adolescência? Relembro da minha infância e adolescência em que convivia em um território desconhecido, estava no meio das pessoas, sempre estava lá com os outros, via que eles brincavam, jogavam futebol, enfim. Mas sentia falta de algo em minha vida; não estou fazendo “crítica”, é algo que não sei explicar, mas é como se nada acontecesse. Os outros podiam ficar ali, aqui e lá enquanto eu permanecia parado sem saber o porquê. Mas continuava sorrindo, sem motivo, buscava algumas coisas para entender o que era aquilo ali, mas continuava entendendo pouco. Eu olhava meu corpo e cérebro: era como eles, o que havia de errado? Eles abriam a boca dirigindo-se aos outros e vice-versa, enquanto eu tentava imitá-los, ser como eles, outras bocas não respondiam. A diferença para mim estava na boca/fala e brincar, a boca que tentava imitar o outro. Enquanto isso, eu brincava no meio do território da “diferença” e com o maior prazer eu participava de natação, futebol de campo, ping-pong, sinuca, dança popular (quadrilha, forró e outros) e outros tipos de jogos, sem maiores dificuldades. Esse tipo de jogos fui desenvolvendo nas práticas sociais. Na infância ficava a maior parte da vida brincando e assim, fui descobrindo significados dos jogos enquanto a boca era desconhecida. Não quer dizer que nenhum som saía da boca, sabia emitir alguns, com a voz formando palavras como “Mamãe”, “Papai”, “Água”, “Cachorro”, “Cocô”, “Casa”, “Parar”, “Não”, “Sim” com o mínimo de palavras e sem contexto das palavras. Não é que fui desenvolvendo as palavras no meio dos jogos, mas apenas pelo “olhar”, pois este visual mostrava as regras dos jogos, sabia exatamente aquilo que podia e não podia, etc..., esse “olhar” que ensina e captura os significados, mas isso não veio das palavras. Citando, Laborit (1994, p. 17), sobre sua experiência de surda com a mãe ouvinte:

Aprendi a oralizar o á-bê-cê. As letras eram representadas para mim por movimentos da boca e gestos da mão. (...) Era uma ocupação mãe-filha. Foi pela identificação com essa mulher que minha mãe reaprendeu a falar comigo. Mas nossa maneira de nos comunicarmos era instintiva, animal, chamo-a de “umbilical”. Tratava-se de coisas simples, como comer, beber, dormir. Minha mãe não me impedia de gesticular, como lhe haviam recomendado. Não tinha coragem de me proibir. Tínhamos signos nossos, completamente inventados.

Na escola o mesmo acontece entre a boca e o brincar; todas as crianças e adolescentes têm direito de escrever, aprender e brincar, enquanto o indivíduo surdo continua escrevendo como imitação/cópia, pouco aprende e permanece muitas horas sem interagir. Em minha visão fui descobrindo as palavras que saíam da minha voz pela boca, via as palavras voando (daquelas que sabia significados). Indivíduo surdo, “eu” sabia que a voz produzia as palavras e significados, sabia também que algo faltava para completar as palavras, as frases, enquanto que o sujeito ouvinte tem voz completa das palavras. Mas tenho identidade como eles e estou assujeitado na cultura, sei exatamente como eles são e assim percebo a minha “identidade”. Mas, por que não tenho identidade como eles, “Voz e boca”? Percebia que minha voz era a grande desconhecida, sem cura para a identidade da “voz das palavras”.

Mais tarde, logo que naveguei de barco no meio das tempestades, chuvas e cheio de trovões e raios, finalmente o sol apareceu entre as nuvens, brilhou na direção do barco, a neblina foi abaixando e percebi que no céu era lindo o dia. De repente, vi unicamente duas mãos sem corpo que apareceram voando no céu, como se fossem pássaros, voando suavemente e me olhando com sorriso, deu sinal de arco-íris. Neste momento, meus olhos brilharam, logo que arco-íris tocou o chão, vi que a terra vista era chamada *Língua de Sinais*. As árvores se formaram nas mãos, uma mão dizia ”COMUNICAR”, outra mão dizia: “ENSINAR”, “SABER”, “CONHECIMENTO”, “ESCRITA”, “POLITICA”, “AMOR” e outros. Cito Laborit (1994, p. 69), sobre uma experiência semelhante à minha:

Com a descoberta de minha língua, encontrei a grande chave que abre a porta que me separava do mundo, posso compreender o mundo dos surdos e também o mundo dos ouvintes. (...) Tinha construído uma reflexão própria. Necessidade de falar, de dizer tudo, de contar tudo, de compreender tudo.

Vi que os sujeitos surdos se comunicam pelas mãos que era então a grande desconhecida para mim. Desembarquei na terra *Língua de Sinais*, os meus pés criaram raízes e descobri que esse é meu mundo surdo. Como se uma semente estivesse saindo, formando árvore de mão, ou seja, nasci em terra surda. Eles são como eu, com o mesmo território visual, cultura e comunicação. Cito Perlin (2004, p.75):

Segundo Hall, (1997, p. 20): “A cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo.” Então a cultura é agora uma das ferramentas de mudança, de percepção de forma nova, não mais homogeneidade, mas de vida pessoal, constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender, de explicar.

Este território surdo é algo que completa a vida para o surdo, não é focalizando somente o “surdo”, mas é algo que acontece pela comunicação, aquilo que provoca em cada um e no outro que recebe a informação, as palavras “completas”, os significados. Nosso corpo age sob efeito de emoção, de compreensão, de entendimento, de conhecimento, enfim age como Língua. Isto acontece comigo, o ser surdo, que está no território surdo e com uma própria língua como a língua de sinais; e com o ser ouvinte, que está no território ouvinte, com uma língua própria como a língua falada (português, inglês, espanhol, etc.). Entre as crianças ou adolescentes surdos há algo como sensação de prazer enorme que é estar na mesma cultura entre visualidade/gestos, não compartilhando somente o sistema lingüístico, também a identidade e ambientes, principalmente na escola com a presença de professor surdo. Não importa se o professor é ouvinte ou surdo, importante é que saiba fluentemente a língua de sinais, que entendam de cultura surda, hábitos, adquirindo a língua e participando da comunidade surda. A significação das palavras é algo importante de saber e entender, é nosso direito na escola.

As mãos, na língua de sinais, produzem as palavras, voam como a velocidade da luz, atravessam a visão do outro, desembarcam no aeroporto dos olhos, automaticamente as malas vão parar no cérebro, explodindo os maiores parques do mundo, onde podem brincar de roda gigante, carrossel, montanha russa. Com as palavras gritando, entre uns e outros, são produzidas linguagens que se conectam além do significante/significado, se tornam signos, e logo nasce o compreender e entender das palavras. Os alpinistas sanguíneos (grupos sanguíneos), que carregam os “signos”, atravessam os braços, em meio à área montanhosa, vão até o fim, chegando às mãos, entregando às mãos as palavras/significados que voam para outra visão, que as recebe, com maior prazer de entendimento. Cito Laborit (1994, p. 67):

(...) me haviam dado uma língua que me permitia fazê-lo. Compreendia que meus pais tinham sua língua, seu meio de comunicação, e que eu tinha o meu. Pertencia a uma comunidade, tinha uma verdadeira identidade. Tinha compatriotas.

Não significa que fechamos as fronteiras na terra surda, mas é que somos diferentes nas culturas e identidades, e interagimos com fronteiras e globalização - é onde se envolvem práticas, ação e tudo se torna política social. A diferença está também na língua, não somos deficientes, somos minoria linguística.

Portanto, se eu estivesse na escola de surdos durante a minha infância, tendo a língua de sinais como a primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua na modalidade

escrita, estariam “completas” as palavras, significados e informações. Poderia escrever cedo com mais detalhes, teria mais histórias, mais leituras, mais poesias, enfim, principalmente jogos e lazer com os surdos e ouvintes. Se não tivesse descoberto a terra surda, eu nem estaria formado na faculdade muito menos como mestrando...

## 2 RECONHECER A CULTURA...

Os surdos são diferentes das pessoas que ouvem.  
Eles podem fazer qualquer coisa que  
os que ouvem fazem, menos ouvir.  
(Wrigley, 1996, p. 81)

Recusamo-nos a ser o que vocês querem.  
Somos o que somos, e é assim que vai ser.  
Bob Marley

Surdez? Surdo? Já pensou nisso ou já ouviu falar qual é diferença entre eles? É comum em cursos superiores de formação, que a maioria dos profissionais conclua a faculdade e aprenda, através dos textos, sobre a “Surdez” com base científica, com ênfase no conhecimento comprovado pela área da saúde, como medicina, fonoaudiologia, otorrinolaringologia, educação especial. Tais áreas enfatizam prioritariamente (ou exclusivamente) a relação do surdo com o deficiente, enfim, sem ao mínimo fornecer informações sobre cultura, identidade, diferença e língua. Neste sentido, quais representações os profissionais adquirem sobre os surdos? Na área da saúde, temos uma longa história que dominava o território surdo com o objetivo de transformá-lo, a partir de práticas ouvintistas<sup>13</sup>. Já se passaram séculos de muita batalha, de práticas colonialistas, mas os surdos continuam mantendo em pé árvores de sinais, visuais no ar, borboletas na mão, chuvas de lágrimas e terremotos de emoção e sentimento. Compartilho com Skliar (1998, p. 7):

Foram mais de cem anos de práticas engeuecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.

Temos uma longa história, de avanços e retrocessos, séculos de opressão e resistência, mas gostaria de registrar o que chamo de Terremoto Surdo, a partir de alguns registros que são contados como a história dos surdos, entre milhares de histórias que são narradas,

<sup>13</sup> Ouvintismo – “Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.” (Skliar, 1998, p. 15)



admiradas, interessantes, enfim como “positividade” ou como um Terremoto Surdo. Um Terremoto Surdo aconteceu em 1880, em uma Conferência Internacional, em Milão, Itália, em que foram banidas as Línguas de Sinais, obrigando-se que os surdos fossem oralizados, obrigando-se a ter identidade auditiva. Houve, com isso, um grande impacto, como se um cometa tivesse caído no Território Surdo, explodindo como a bomba atômica. Por pouco que não foram extintos, mas os surdos sobreviveram e assim recomeçaram a reconstruir a vida de surdo. Citando Mourão (2007, p. 11):

Existia o ensino como educação para surdos, até tiveram professores surdos que ensinaram Língua de Sinais naquela época.  
No ano de 1880, foi realizada uma conferência internacional em Milão com o objetivo de discutir o futuro da educação para os surdos. Foi questionado se o ensino deveria se dar em Língua de Sinais ou através do Oralismo. O método oralismo venceu por vários motivos, dentre eles, devido à idéia de que sem fala não existe pensamento, filosofia de Aristóteles, etc. Isto demitiu professores surdos após Congresso.

Outro autor, Carvalho (2007, p. 90) relembra:

Apesar das decisões do Congresso de Milão de 1880 que proibiam a utilização da Língua Gestual nas escolas, os surdos continuaram a agrupar-se. A Língua Gestual continuou a transmitir-se de geração em geração graças aos jovens surdos, principalmente os internos das escolas residenciais, que continuavam a exprimir-se em Língua Gestual às escondidas, evitando os castigos dos educadores ouvintes.

Conseqüentemente, as escolas proibiram o uso da língua de sinais, impondo somente “oralismo”; se alguém usasse a língua de sinais, era castigado ou batiam nas mãos; além disso, foram demitidos os professores surdos. Faço duas citações sobre o oralismo:

Oralismo: (...) A concepção do sujeito surdo ali presente refere exclusivamente um dimensão clínica – a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos patológicos – em uma perspectiva terapêutica. A conjunção de idéias clínicas e terapêuticas levou em primeiro lugar a uma transformação histórica do espaço escolar e de suas discussões e enunciados em contextos médicos-hospitalares para surdos. (PERLIN 1998, p. 59).

E, citando Moura (2000, p. 52):

O oralismo se baseou em muitas técnicas, que foram se desenvolvendo com o avanço da tecnologia (eletroacústica: aparelhos de ampliação sonora individual e coletivo, para um maior aproveitamento dos restos auditivos), das investigações na reabilitação da afasia e dos trabalhos na clínica

foniátrica (Sánchez,1990). Todos se baseavam na necessidade de oralizar o Surdo, não permitindo a utilização de sinais.

Através do livro “Os Surdos, os Ouvintes e a Escola: narrativas, traduções e histórias capixabas” (Vieira-Machado, 2010) e do DVD “Narrativas surdas capixabas” (Vieira Machado, 2008), podemos comprovar como são comuns as narrativas de surdos mais velhos, que comentam como batiam mãos e relatam suas experiências escolares, na comunidade surda. A autora, Vieira-Machado, é filha ouvinte com pais surdos e era uma criança que frequentava com os surdos a associação de surdos. Destaca a experiência de surdos com a escola:

(...) Nessas interpretações, eu prestava muita atenção às falas indignadas recorrentes. Lembro-me bem delas: “Os professores batem nas mãos”, “Eles obrigam a falar”, “Inimigos dos sinais”, etc. E eu perguntava aos meus pais: “Mas como bate as mãos? É errado... Pai, por que não pode usar sinais?” “Claro que pode usar sinais. Eu sei que é errado o que os ouvintes falam. Eles dizem que os sinais são dos macacos. Mas não são dos macacos. São dos surdos. Por um acaso, os surdos são macacos?” (VIEIRA-MACHADO 2010, p. 23)

Na escola de surdos, somente professores ouvintes trabalhavam para que os alunos se desenvolvessem e praticassem a oralização. Durante a sala de aula, como de costume, um professor ouvinte ficava escrevendo no quadro negro, enquanto alunos surdos ficavam atrás, em bate-mãos com maior silêncio (ainda existe até dia de hoje). Além disso, alguns alunos surdos moravam na escola (internato), conheciam as regras da escola, então, acontecia na hora de dormir, que todos deitavam na cama enquanto funcionário da escola verificava se estava tudo em ordem. Mas alguns minutos ou horas depois, todos iam ao banheiro como de costume, mas qual era o motivo? Fazer pipi ou xixi? Negativo! Era para bate-mãos, pode?! Eles combinavam fazer encontros em outros locais, fora da escola ou ficavam no meio de parques ou escondidos no centro da cidade, etc. Segundo Moura (2000, p. 52):

A língua de sinais continuava a ser utilizada pelos Surdos tanto nas escolas como onde os Surdos adultos se encontrassem. Ela era proibida, mas como aconteceu no decorrer dos séculos, continuou viva onde quer que os surdos se encontrassem. Nas escolas, a metodologia poderia ser oral, mas nos dormitórios (no caso de escolas residenciais), no recreio, em qualquer momento em que os Surdos se encontrassem fora do domínio de seus professores e determinadores de seus comportamentos, a sua comunicação se dava através da língua que lhes pertencia.

Em casa de família ouvinte com filho surdo, surdo ficava impaciente sem comunicação, por isso, fugia ou fingia que ia fazer passeio ou, por exemplo, ia jogar futebol e ficavam desviando para ir ao encontro de outros surdos. Como afirmei acima, citando Mourão (2007, p.11):

A comunicação de surdos, através da Língua de Sinais, se dava em ambientes escondidos, como por exemplo, no banheiro, no pátio das escolas, nos quartos de internatos, antes de dormir, e nos pontos de encontros de surdos. Devido a esse fato, a Língua de Sinais nunca se extinguiu, permanecendo como língua na vida dos surdos.

Até os dias de hoje, a maioria dos profissionais que atuam na área de saúde, educação, ciências desconhecem história dos surdos. Podemos ver que a área da saúde, como a Medicina, obedece a certas regras, centradas no corpo humano. Para eles, desse ponto de vista, há a preocupação com o “ouvir” e com o “som”, objetivando que o ouvido seja curado para poder transformar o “surdo da orelha” (sem som) em “milagre da orelha” (cura), ou seja, sujeito surdo deveria se transformar em ouvinte, inserindo-se principalmente no “oralismo”, sem considerar o direito que o sujeito surdo tem de opinar e escolher o território surdo. Mourão (2007, p. 1) afirma:

Ao longo da história, existem relatos negativos sobre surdos desde a Antiguidade, mas ainda hoje as pessoas desconhecem o que é ser uma pessoa surda, geralmente a consideram como doente ou portadora de um defeito. O desconhecimento do mundo surdo: seu dia-a-dia, sua língua, seus costumes, sua cultura... pode prejudicar na educação de surdo, transformando-a num ensino “clínico”. O ensino clínico quer normalizar os surdos para tornarem-se iguais aos ouvintes. É comum pessoas falarem que os surdos não sabem, têm falta de conhecimentos; além de já serem rotulados “deficientes”, “doentes” até “incapacitados”.

Notamos que foram anos de contato com a comunidade surda, transmitindo um ao outro e seguindo em frente, acreditando em nossos valores, na língua de sinais para comunicação e na visibilidade da diferença/identidade. Como sabemos, os surdos ou membros da comunidade surda foram construindo processos sociais, práticas discursivas, políticas educacionais, foram produzindo significados, se envolvendo entre o conhecimento e o poder, constituindo a cultura surda e identidades surdas. Eles atravessaram a fronteira do território ouvinte, buscaram informações, estudaram para construir conhecimentos próprios, buscaram a área acadêmica, escolas e curso de graduação. Alguns surdos compartilharam com os/as colegas ouvintes, participaram de grupos de pesquisas, tornaram-se professores, fizeram

doutorados, dando visibilidade e empoderamento ao povo surdo, à cultura das comunidades surdas, principalmente nossa língua de sinais.

Muitos deles são considerados heróis, surdos ou ouvintes, pois continuam até os dias de hoje estudando o campo. Temos registros da história de surdo, como os americanos Willian Stokoe (1965), surda Carol Padden e Tom Humphries (1988); surda francesa Emmanuelle Laborit (1994); britânico Oliver Sacks (1998), surda portuguesa Marta Morgano (2009) e os brasileiros tal como Ronice Quadros (2006, 2007), Lodenir Karnopp (2004, 2006), Carlos Skliar (1998), Adriana Thoma (2004), Márcia Lunardi (2006), Madalena Klein (2006), surda Karin Strobel (2008), surda Gladis Perlin (1998, 2003, 2006), surda Carolina Hessel Silveira (2007), surda Shirley Vilhava (2009), surda Emiliana Rosa (2009), surdo Nelson Pimenta (2006), entre outros, que contam histórias para que nós “surdos” possamos reconhecer nossa pátria de sinais.

Surdez é um termo recorrente na área clínica, que se preocupa em focalizar o ouvido para propor a cura. Nesse caso, a abordagem clínica produz práticas consideradas ouvintistas, cujo objetivo é fazer o deficiente auditivo<sup>14</sup> ser ou parecer um ouvinte. Como Bianca Ribeiro Pontin, surda, fez frase para pensar<sup>15</sup>: “*Todos os Surdos são deficientes auditivos, mas nem todos deficientes auditivos são Surdos.*” Citando Wrigley (1996, p. 94):

Assim a surdez é vista como uma diferença que “deveria” ser por fim abolida, seja através de táticas a curto prazo – políticas de assimilação e práticas de amplificação acústica – ou através de “consertos neurocirúrgicos permanentes e os sonhos finais de geneticamente produzir um pool de gens “purificados”.

## 2.1 ARTEFATOS CULTURAIS

Estando nos espaços da cultura surda pode-se dizer  
que é muito bom ser surdo hoje. A vida surda  
é hospedeira com seu espaço de comunidade.  
(PERLIN; MIRANDA 2003, p. 222)

<sup>14</sup> O “Deficiente auditivo” o sujeito único, centrado e homogeneizado, constituído a partir de um discurso científico, médico e terapêutico, tem sido considerado como o problema a ser solucionado pela instituição – escola e clínica – através de práticas e metodologias reabilitadoras da audição e da fala. (Lunardi, 1998, p. 162)

<sup>15</sup> Frase de Bianca Ribeiro Pontin no blog “Palavra ao Vento: *O MUNDO DOS SURDOS: Saiba como vivem os surdos e aprenda sobre a sua cultura. De Jerusa Campani e Sayuri Kubo.* Disponível site: [http://sazinhaaa.blogspot.com/2010/03/o-mundo-dos-surdos-saiba-como-vivem-os\\_6923.html](http://sazinhaaa.blogspot.com/2010/03/o-mundo-dos-surdos-saiba-como-vivem-os_6923.html). Acesso em março de 2010.

Os artefatos culturais criam representações sobre como é o surdo. A cultura que caracteriza um local, onde convivem os sujeitos, é construída nos processos sociais e práticas discursivas, através dos artefatos culturais. As manifestações das tradições culturais, dos valores e das artes de diferentes grupos correm o risco de desaparecer com o tempo, mas para que não desapareçam, essas manifestações são frequentemente modificadas, hibridizadas, tendo a possibilidade de circular em muitos locais.

Costumamos assistir a produções culturais de territórios locais, por exemplo: dança do frevo é típica do estado de Pernambuco; dança de Bumba-meu-boi é do estado do Maranhão; Samba é típico do estado do Rio de Janeiro; dança de CTG - Centro de Tradições Gaúchas é do estado do Rio Grande do Sul entre outros. Assim percebemos as manifestações culturais no jeito de falar, na comida típica, (como comida baiana, maranhense etc.), nas roupas típicas (o jeito brasileiro, italiano ou japonês etc.). Mas essas não são formas puras ou com um jeito único de se manifestar. Tais produções culturais também são frequentemente hibridizadas, modificadas. Dessa forma, podemos comer churrasco na Bahia, acarajé no Rio de Janeiro, sambar no Rio Grande do Sul e dançar axé no Maranhão.

As comunidades surdas manifestam traços de sua cultura no território local, onde habitam ou se encontram os surdos, no convívio dos sujeitos surdos e através de processos sociais e discursivos da cultura surda. Os adultos surdos contam as narrativas para as crianças surdas como poemas surdos, piadas surdas, narrativas surdas, e outros.

Acredito que é importante trazer a temática cultura e cultura surda. Em geral, costuma-se dizer que cultura faz parte do povo e de seus costumes compreendendo seu modo de vestir, sua comida, sua língua, sua crença, lendas e mitos, enfim são manifestações de suas práticas sociais. Utilizo o conceito de cultura segundo Hall (1997, p. 33):

O que aqui se argumenta, de fato, não é que “tudo é cultura”, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo.

Então, como entendemos cultura surda? Os modos de vida de surdos em seus territórios ou em cada região, suas práticas sociais e os discursos produzidos em sua própria língua ou em outras, isso circula, produz e se consome. O mesmo acontece em comunidades surdas, que compartilham as experiências e as diferenças entre as fronteiras. Para Karnopp

(2010, p. 04), “a ênfase na dimensão centralizadora de uma cultura universal tem impossibilitado o aparecimento de processos culturais existentes em comunidades de surdos.”

Portanto, cultura surda se manifesta em formas e discursos; isto é, forma de sinalizar como língua de sinais e experiências visuais, compreendendo o mesmo mundo, formas de contar, narrativas, piadas, poemas. Os surdos também frequentam ambientes como associação de surdos e eventos como olimpíada surda, encontro de jovens surdos, colônias de férias, etc. todos em modalidade visual e práticas sociais. Cito Perlin e Miranda (2003, p. 218):

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (...)

Como podemos relacionar cultura surda com Literatura Surda? Como podemos encontrar o material de Literatura? Uma parcela do povo brasileiro costuma ler livros ou ver os CD-ROM de Literatura (clássicos, conto de fadas, crônicas, contos e outros), nas escolas ou faculdades, casas e outros lares, para que os leitores sintam prazer de leitura! Não somente são os leitores que possuem materiais, pois também existe literatura disponível em sites (gratuitamente), até leitura de livros de imagem, que mostram somente figuras. É interessante porque que os leitores aumentam vocabulário, seus conhecimentos gerais, exercitam a imaginação, reflexão.

Como se apresenta a Literatura Surda? Antes eu nem imaginava, nem nunca pensei nisso! Depois que convivi com a comunidade surda, eles comentaram que existiam materiais, achei interessante. Resolvi procurar e encontrei materiais em CD-ROM como *As aventuras de Pinóquio* (Carlo Lorenzini); *Iracema* (José de Alencar); *O alienista* (Machado de Assis); *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carroll) e outros, em Libras/Português e alguns livros de Literatura Surda como *Cinderela Surda* (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003); *Rapunzel Surda* (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003); *Patinho Surdo* (ROSA; KARNOPP, 2005); *Adão e Eva* (ROSA; KARNOPP, 2005); *Tibi e Joca*, (BISOL, 2001); e outros. Todos esses CDs e livros de certas maneiras fazem parte da cultura surda. Segundo Strobel (2008, p. 56):

A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp faz referência a respeito desse artefato cultural: “[...] utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]”.

Todos esses artefatos trazem informações e sensações que entram na minha mente, sinto que se espalham como se corressem no meu sangue, me emocionam e me inspiram, pois posso transmitir aos outros, para que os surdos obtenham empoderamento e sua diferença cultural seja visibilizada.

Em 2006, mudei para Porto Alegre e me transferi para o Centro Universitário Metodista – IPA, continuando o curso de Educação Física, claro que com intérprete de língua de sinais. Mais tarde, consegui ingressar na Universidade Federal de Santa Maria, no curso de Letras/Libras, na modalidade de Ensino a Distância (EAD), no qual cursei uma disciplina de Introdução aos Estudos da Literatura (1º semestre). Naquela disciplina, houve uma distribuição de tarefas e cada um tinha que elaborar e apresentar poemas. Então, fui o primeiro, e apresentei o poema “Deusa Ronice & Virgem Santa Maria” (na aula presencial do Pólo UFSM, 2007 – anexo A – CD ROM) e, no outro dia, a partir da temática Romantismo - “Uma mão com 5 dedos” (presencial, na aula no Pólo UFSM, anexo A – CD ROM). Sucessivamente, compartilhamos experiências com colegas durante aulas, sobre como fazer poemas, como se expressar e quase houve encontro do “Sarau Poesia Surda”; só não foi possível por vários motivos, como excesso de trabalhos, ou falta de tempo, etc.

Além disso, na mesma época eu trabalhava no Centro Social Marista Mario Quintana, em Gravataí-RS, como professor de teatro e dança para alunos surdos, e também de Libras. Um dia fizemos ensaio geral com alunos surdos para se apresentarem, com o espetáculo “Amazonas e Paz” (algumas partes continham poemas). Assim, houve sucessivamente apresentação em alguns eventos até numa apresentação na pré-festa da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, em comemoração aos 45 anos da SSRS<sup>16</sup>, em 2007.

Em 2009, no mesmo Pólo da UFSM<sup>17</sup>, finalmente cursei a disciplina de Literatura Surda, com Prof<sup>a</sup> Lodenir Karnopp. Houve uma distribuição de tarefas e cada grupo tinha que elaborar e apresentar trabalhos para os colegas. Então, reunimos um grupo na casa do nosso colega e fizemos a tradução do conto “A Mulher e sua Galinha” e a adaptação do conto infantil “Três porquinhos” (presencial, na aula no Pólo UFSM, anexo A – CD ROM). Posteriormente na sala de aula, demos muitas risadas, discutimos, refletimos sobre a atividade. E aproveitamos a idéia para usar em outras escolas, oficinas e outros, através do nosso grupo, pois somos professores de Libras.

---

<sup>16</sup> SSRS – Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul – Porto Alegre/RS.

<sup>17</sup> Pólo UFSM: EAD – Ensino à Distância do Pólo Universidade Federal de Santa Maria, curso de Letras/Libras – 2006.

Com essas experiências, das quais eu nem esperava tanto, percebi a possibilidade de mostrar e desenvolver com alunos surdos, na escola, a arte surda e a Literatura Surda.

Podemos ver que temos cultura surda e estamos vivendo um momento de seu reconhecimento, de querer aprofundar mais e buscar ativamente conhecer e explorar o tema “Literatura Surda”. Creio que podemos ver os livros com histórias clássicas de literatura, escritas por ouvintes, pesquisar e adaptar, fazendo uma releitura da história a partir da cultura surda ou mesmo podemos buscar inspiração para criar outros textos, tais como poemas surdos. Citando Perlin e Strobel (2006, p. 34):

(...) cultura surda é constituída de significantes e significados, tal como é contada nas narrativas surdas. Vejamos alguns aspectos da cultura surda contidos nas narrativas surdas. Primeiramente temos narrativas pedagógicas onde enfatiza o jeito surdo de ensinar, onde apela por estratégias de ensino visuais, transmissão de conhecimentos em língua de sinais, com presença de professores surdos; (...)

Podemos tomar como ponto de análise o estudo feito por Sutton-Spence e Quadros, que escreveram um artigo que “analisa como os temas e a linguagem usada na poesia em língua de sinais se constituem para criar e traduzir a cultura surda e a identidade das pessoas surdas” (2006, p. 111). As autoras analisaram dois poemas de dois poetas diferentes – um brasileiro, Nelson Pimenta, e outro inglês, Paul Scott. É possível encontrar poetas surdos brasileiros e analisar seus poemas ou talvez trabalhar com alunos surdos para se inspirarem e fazerem seus poemas. Como Silveira escreveu (2006, p. 117):

(...) para alguns alunos é bonito falar. Por isso, é necessário mostrar que LS<sup>18</sup> também é linda, estimulando através da contação de histórias ou leitura de histórias adaptadas como livros infantis Cinderela Surda, Rapunzel Surda e Patinho Surdo (Editora Ulbra), uso de piadas, que podem ser emocionantes, utilização de poesias, estratégias que podem ajudar alunos surdos a aceitarem a língua de sinais mesmo.

Essa é uma parte que comentei anteriormente. Antes eu pensava que Literatura Surda estava ligada exclusivamente ao poema surdo, mas depois ampliei a idéia, porque li mais e tive contato com outros gêneros literários que me influenciaram, fazendo-me verificar que a Literatura Surda é ampla e apresenta diferença entre os temas, os autores, o propósito e os gêneros literários.

---

<sup>18</sup> LS – Língua de Sinais.



## 2.2 LITERATURA SURDA: UM POUCO DA HISTÓRIA; ADAPTAÇÃO E CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS

Temos alguns registros de histórias na comunidade surda no mundo e no Brasil. Para exemplificar, contarei algumas histórias que li em livros escritos por Paulo Vaz de Carvalho (2007) e Antonio Gascón Ricao; Antonio Gascón Ricao e José Gabriel Storch de Gracia y Asensio (2004). Achei fascinantes os relatos em tais livros, que me fizeram ter orgulho surdo, mostrando a história registrada. Além da leitura desses dois livros, busquei informações sobre aspectos da história de surdos através de *sites* de escolas de surdos, revistas ou artigos publicados em países como Espanha, EUA, Portugal, Inglaterra. Contarei algumas histórias relevantes retiradas dessas fontes com o objetivo de contextualizar a produção das pessoas surdas como artistas, pesquisadores, professores... bem como a produção de grandes obras artísticas. Eis alguns fragmentos que considero relevantes, nos parágrafos a seguir.

No EUA, Laura Reeden Searing, ficou surda aos 10 anos. Em 1855 ingressou na Escola para Surdos Missouri (MSD), logo se tornou escritora, fez longa carreira de sucesso como jornalista, biógrafa e poeta. Searing usou o pseudônimo Howard Glyndon devido à discriminação de gênero dos escritores da época. Cito Carvalho: “Durante a guerra civil americana, o escritor Howard Glyndon publicou várias histórias de guerra no jornal *St. Republican*. Muitos dos leitores sabiam que Glyndon era uma mulher, mas poucos sabiam que era surda”. (2007, p. 163)

Laura Searing foi a primeira mulher no campo da literatura e jornalismo; ao final da guerra civil americana, foi para Europa, estudou francês, italiano e espanhol, continuando a escrever para o jornal *The New York Times*. Em 1870, retornou para Nova York e Boston para continuar trabalhando como escritora.

Entre outras surdas famosas nos Estados Unidos, Phillis Frielich (atriz, 1944) estudou teatro na Universidade de Gallaudet, participou de várias produções teatrais. Já Marlee Matlin (atriz, 1965), participou de teatro e cinema. Matlin ajudou a aprovar uma lei para TV com legenda no EUA.

Emmanuelle Laborit (atriz, 1971), surda francesa, descobriu a sua identidade surda em visita à Universidade de Gallaudet, EUA. Depois ingressou no teatro da escola em que estudava, mais tarde tornou-se atriz profissional, fez sucesso em teatros e filmes franceses e publicou sua autobiografia “O Grito da Gaivota”, que foi traduzida para várias línguas e é muito conhecida.

Através de breves relatos de vidas de artistas surdos, não quero focalizar nas individualidades, mas mostrar um pouco da história do movimento surdo, da arte surda.

A Literatura Surda traz histórias de comunidades surdas, os processos sociais e as práticas discursivas relacionadas que circularam em diferentes lugares e em diferentes tempos. O envolvimento que as comunidades surdas compartilham, não é somente interno à comunidade, mas também externo, com comunidades ouvintes, através da participação tanto de sujeitos ouvintes quanto de sujeitos surdos.

Os sujeitos surdos reconhecem modelos e valores históricos através de várias gerações de surdos, com artistas plásticos ou outros profissionais. Eles têm narrativas surdas como piadas e anedotas, conhecimentos de fábulas ou conto de fadas através da família, até adaptações em vários gêneros como romance, lendas e outras manifestações culturais, que se constituem a partir do conjunto de valores e ricas heranças culturais e lingüísticas. Como todas as línguas e seus territórios, para as minorias torna-se indispensável habitar o local e conviver de modo aconchegante em sua cultura. Segundo Strobel (2008, p. 60):

Os povos surdos olham para suas trajetórias vivenciadas no passado e no presente e percebem muitas realizações deslumbrantes dos pioneiros da cultura surda. A história cultural de surdos é longa e complexa, existe há dezenas de milhares de sinais, os povos surdos usam inúmeros meios de se comunicar através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais.



Figura 8: Pierre de Rosard<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Fonte e ilustração: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/PieRonsa.html>

Pierre de Ronsard nasceu ouvinte e serviu inicialmente como pagem de um príncipe francês, mas tornou-se surdo aos 16 anos por motivo de doença. Ele mudou de carreira, tornou-se escritor, e é mais famoso por seus sonetos. Ele é considerado um dos maiores de todos os poetas franceses, e seu nome é reconhecido por quase todos os franceses. (Pessoas Surdas nas Artes e Ciências, p.304-306). Disponível site: [http://library.gallaudet.edu/Library/Deaf\\_Research](http://library.gallaudet.edu/Library/Deaf_Research). Acesso em 29 de dezembro de 2010.

Os primeiros poetas surdos conhecidos foram Pierre de Ronsard (1524 a 1585) (Wilcox 2005, p. 101) e Dorothy Miles (1931 a 1993). O poeta francês, Pierre de Ronsard, era surdo (Fig. 8). A surda Britânica, Dorothy Miles, aos 25 anos foi para os Estados Unidos, quando estudou na Universidade de Gallaudet. Em 1967, ela viu uma apresentação no recém fundado Teatro Nacional de Surdos (NTD) e, imediatamente, entrou para o grupo. Logo, aprofundou os estudos, tornou-se poeta, sendo um sucesso para as comunidades surdas. Cito Sutton-Spence (2003, p. 2):

Ela estava especialmente tocada pelo uso da língua de sinais do *National Theatre of the Deaf* (Teatro Nacional dos Surdos). Em uma entrevista à Comunidade de São Francisco, no Programa “*Surdos Perspectivas*”, em 1976, ela disse, "Quando eu vi pela primeira vez Teatro Nacional de Surdos de 1967... Eu vi o que eles estavam fazendo com a língua de sinais coisas que eu nunca havia sonhado. E eu fui para casa e comecei a escrever poesia combinando Inglês e sinais. Essa foi meu primeiro contato real com boa poesia – antes que eu escrevesse, bem, apenas verso - e tudo era muito excitante para mim.” (TRADUÇÃO NOSSA)<sup>20</sup>



Figura 9: Dorothy Miles<sup>21</sup>

Em 1975, Dorothy Miles (Fig. 9) deixou NTD e foi trabalhar na Universidade da Califórnia (CSUN), ligando o teatro surdo e a docência como professora de língua de sinais. Mais tarde, depois de 20 anos nos EUA, Dorothy voltou a viver na Inglaterra, para continuar ensinando poesias e teatro para as comunidades surdas. Quando Dorothy retornou, começou

<sup>20</sup> Original (inglês): She was especially taken by the use of sign language in the National Theatre of the Deaf. In an interview on the San Francisco Community Programme Deaf Perspectives in 1976, she said, "When I first saw the National Theatre of the Deaf in 1967 ... I saw what they were doing with sign language, things I had never dreamed of. And I went home and started writing poetry that combined English language and signs. That was my first real honest to goodness poetry – before that I wrote, well, just verse – and it was all so exciting for me." Disponível site <http://www.let.ru.nl/sign-lang/echo/docs/Dorothy%20Miles.pdf>

<sup>21</sup> Fonte e ilustração: <http://www.dorothymilesc.org/level2.asp?ID=599&Ref=about>

uma mudança na comunidade surda britânica, especialmente na área da poética e da política, pois ela se juntou à União Nacional de Surdos e também participou de vários seminários na área da lingüística em diversas universidades. Ficou conhecida no mundo todo, principalmente entre acadêmicos na educação de surdos e na área da lingüística. Segundo Spence-Sutton (2008, p. 340):

(...) nos anos 70, surgiram algumas mudanças relacionadas à consideração da poesia em língua de sinais não apenas como concebível, mas, também, como uma realidade. A lenta emergência do Orgulho Surdo – primeiramente na América e, mais tarde, na Inglaterra e em outros países – o reconhecimento crescente das línguas de sinais como línguas independentes e reais, o trabalho pioneiro de poetas em língua de sinais, como, por exemplo, Dorothy Miles, criaram uma mudança significativa na maneira de ver as línguas de sinais. Nesse ambiente social, histórico, cultural e político, cada performance de um poema em BSL é, ainda hoje, um ato de empoderamento e uma expressão implícita de orgulho em uma língua de sinalizantes surdos.

Existem várias obras surdas nas comunidades surdas, algumas conhecidas somente em seus próprios territórios, outras conhecidas mundialmente, sendo compartilhadas em várias comunidades surdas através de encontros internacionais, esportivos, educacionais, artísticos etc. A biblioteca da Universidade de Gallaudet guarda várias obras em *American Sign Language* (ASL), onde os alunos podem buscar conhecimentos e compreender a Literatura Surda, ao ver vídeos (pode ser em VHS/DVD/CD) com os olhos nos sinalizantes, podem compreender textos literários, se envolver e sentir prazer, emoção e realizarem reflexão.

A comunidade surda reúne grandes poetas, contadores de histórias, escritores, atores e artistas surdos. Assim como em diferentes países, no caso do Brasil podemos citar Nelson Pimenta (RJ), Silas Queiróz (RJ), Sandro Pereira (SP), Rosani Suzin (PR), Heloir Montanher (PR), Celson Badin (SP), Paulo André Bulhões (RJ), Jadson Rodrigues (PE), Fernanda Machado (RJ), Alexandre Luiz (RJ), Rosana Grasse (RJ) Cleber Coutor (PA) e entre outros surdos brasileiros.

A comunidade surda é bilíngue e convive no meio social com ouvintes e surdos. Segundo Wilcox (2005) e outros autores, a comunidade surda é bilíngue. Os surdos trabalham no meio artístico como atores, escritores de livros, artigos, peças de teatro, diretores de filmes curtos ou de teatro, entre outros. Por isso, eles convivem entre fronteiras e territórios da comunidade ouvinte e têm sua própria experiência vivida. Há muitos trabalhos em inglês de poetas surdos, escritores de peças, romancistas e ensaístas que os estudantes de segunda língua podem ler com o intuito de se familiarizarem com a cultura e a experiência surda. Segundo Strobel (2008, p. 57)

Muitos escritores e poetas surdos também registram suas expressões literárias em língua portuguesa, como testemunhos compartilhados de suas identidades culturais e, assim, a cultura surda passou a ganhar espaço literário com lançamentos de livros e artigos com temas nunca antes imaginados.

Existem livros de literatura clássica traduzidos da língua portuguesa para a língua de sinais (disponíveis em DVD), por exemplo, os textos produzidos e distribuídos pela Editora Arara-Azul. Em relação a livros de Literatura Surda, podemos citar *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda*, *Patinho Surdo* e *Adão e Eva*, que são adaptações dos clássicos da literatura. Na apresentação do texto de *Cinderela Surda*, os autores destacam que:

Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto.

A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como *sign writing*. (SILVEIRA; ROSA e KARNOPP, 2003, p. 5).

Tais livros têm sido usados por toda a comunidade surda principalmente em escolas de surdos. Não é uma literatura somente para sujeitos surdos, é também para os sujeitos ouvintes para alunos das escolas comuns, a fim de que possam aprender a língua de sinais e também que possam reconhecer e respeitar a comunidade surda ou o povo surdo. Existem também outros textos (poemas, fábulas, contos) em Libras, filmados e registrados em DVDs, que os alunos do curso de Letras/Libras fizeram como atividades integrantes da disciplina de Literatura Surda, como já mencionei.

A partir da análise dos materiais disponíveis, podemos destacar traduções, adaptações ou criações. Citando Karnopp e Machado (2006, p. 3):

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, conta da língua de sinais de determinada comunidade lingüística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais.

Percebemos, assim, que já temos alguns materiais disponíveis em Libras. Por exemplo, materiais da Editora Arara Azul como *Alice no país das maravilhas* (2002);

*Iracema* (2002); *O Alienista* (2004) caracterizam-se como traduções para a Libras de clássicos da literatura. O significado de tradução vamos explorar mais no próximo subcapítulo. Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda. Conforme a Editora Arara Azul<sup>22</sup> (2010) os objetivos de tais materiais são:

- Produzir materiais e ofertar serviços tendo como público alvo pessoas surdas e profissionais que atuam na área da surdez.
- Registrar fatos e acontecimentos relativos às comunidades surdas; brasileira e internacional. (...)

Outro material encontrado, como já mencionei acima, são os livros *Cinderela Surda*; *Rapunzel Surda*; *Patinho Surdo e Adão e Eva* que são **adaptações** de histórias ou de contos de fadas que existem há anos (Fig. 10), para empoderar a comunidade surda, valorizando a cultura surda, a LIBRAS, etc. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história muda um pouco. Os autores desses livros conhecem os clássicos da literatura mundial, reconhecem nessas histórias valores culturais e realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traz representações sobre os surdos. De modo semelhante, seria possível realizar adaptações em vários gêneros literários, assim transformando as histórias já conhecidas.

No caso de criação, não é fácil definir o que entendemos por isso. Considero que são textos que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de idéias que circulam. Por exemplo, se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com histórias, com textos literários (em sinais ou através de leituras), essa aprendizagem nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, eles teriam mais possibilidade de imaginação, reflexão, emoção, e se tornariam como uma fábrica de histórias, de subjetividades literárias, logo produzindo idéias e criatividade – isso seria criação. Com conhecimento e experiências, sua subjetividade literária possibilitaria a criação de histórias. Cito Camargo (2010, p. 21):

As crianças nascem e logo aprendem a ler as pessoas e objetos ao seu redor. Aprendem a interpretar fatos e emoções, principalmente em sua profunda interação afetiva com a mãe ou com sua cuidadora. (...) estímulo lingüístico faz-se através da contação de histórias de encantamento, magia, mistério, medo, aventura. E da leitura de poesia, pois esta liberta nossa capacidade de

---

<sup>22</sup>Editora Arara Azul: Disponível site: <http://www.editora-arara-azul.com.br/Historico.php>. Acesso em 19 de janeiro de 2010.

expressão. (...) Pais ou professores, quando forem ler para os seus filhos ou seus alunos, precisam apenas entregar-se, com alegria e arte, a esse momento único de comunhão humana entre gerações. Os adultos visitam a sua infância e as crianças aprendem a confiar no mundo adulto. Já a leitura feita pelas próprias crianças, em casa ou na escola, precisa apenas de um livro na mão e de muita imaginação na cabeça.

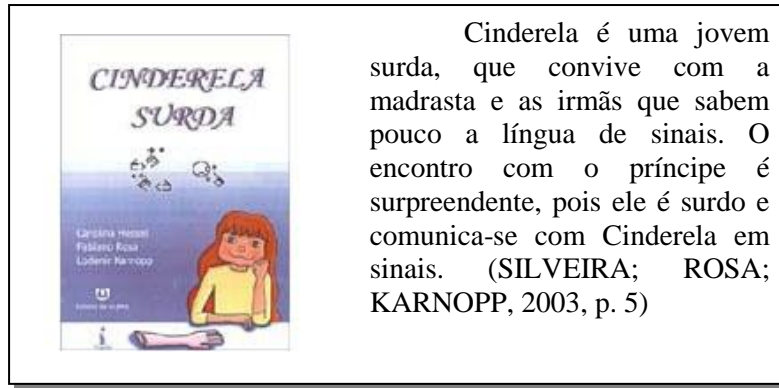
Concordo com Camargo que as crianças precisam estar envolvidas com leituras e ler as pessoas e objetos ao seu redor; não somente fazer leituras, mas também necessitam receber as informações e conhecimentos.

Na mesma situação, as crianças surdas deveriam ser envolvidas com as práticas de leituras e visualizarem a sua língua própria, a língua de sinais, e a língua portuguesa como segunda língua, aprendendo a confiar no mundo adulto surdo. Nesse ambiente, podem surgir as idéias, a criatividade, a compreensão em seu próprio sistema lingüístico, tornando-se fábricas de cultura surda, logo que a subjetividade e experiência do corpo saem para fora e inauguram idéias, para produzir poesia, contos, anedotas... Cito Apolinário (2005, p. 79):

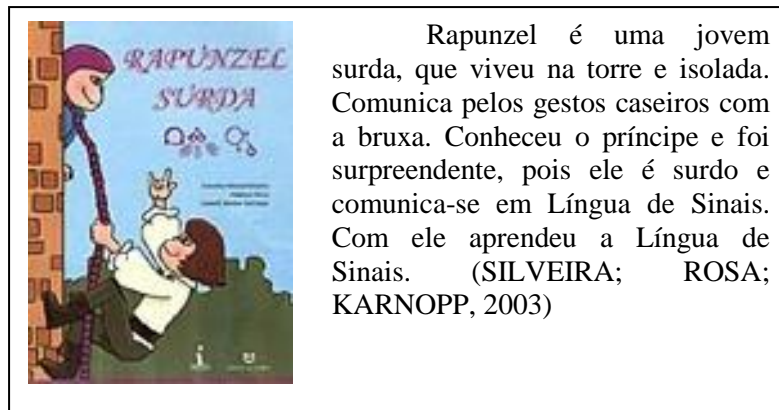
(...) a família, a escola, a biblioteca desempenham papéis fundamentais na formação das crianças leitoras, pois são estas instâncias capazes de mediar não somente a leitura dos textos, mas a leitura do mundo, das vivências, da sociedade, do sujeito. E a literatura? A literatura se concretiza como um ponto de encontro entre a leitura e o leitor surdo, é ela capaz de despertar o imaginário, a fantasia, colaborar para a formação de sujeitos mais críticos e preparados para a vida, além de transmitir saber e conhecimento.

Nessa classificação que estamos provisoriamente propondo – tradução, adaptação e criação – podemos citar alguns textos que são considerados como criação. Encontrei um tipo de material raro aqui no Brasil, por exemplo, o livro *TIBI E JOCA* (2001). Esse é um livro que conta a história de vida de um surdo, é o relato e criação de uma história contada por um surdo, uma realidade na comunidade surda.

Um outro livro, *CASAL FELIZ* (2010), é criação de uma história contada por um surdo, autor Cleber Couto, é um livro sobre encontros entre a mão vermelha e mão azul, em que os desenhos foram feitos pelo mesmo autor. Vejam Figura 11.



Cinderela é uma jovem surda, que convive com a madrasta e as irmãs que sabem pouco a língua de sinais. O encontro com o príncipe é surpreendente, pois ele é surdo e comunica-se com Cinderela em sinais. (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003, p. 5)



Rapunzel é uma jovem surda, que viveu na torre e isolada. Comunica pelos gestos caseiros com a bruxa. Conheceu o príncipe e foi surpreendente, pois ele é surdo e comunica-se em Língua de Sinais. Com ele aprendeu a Língua de Sinais. (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003)



Patinho Surdo nasceu de uma família ouvinte por engano no ninho. Família Cisne estranhou que Patinho se comunicava em sinais. Patinho foi procurar família que usa Língua de Sinais. (ROSA; KARNOPP, 2005)

Figura 10: Livros com histórias adaptadas



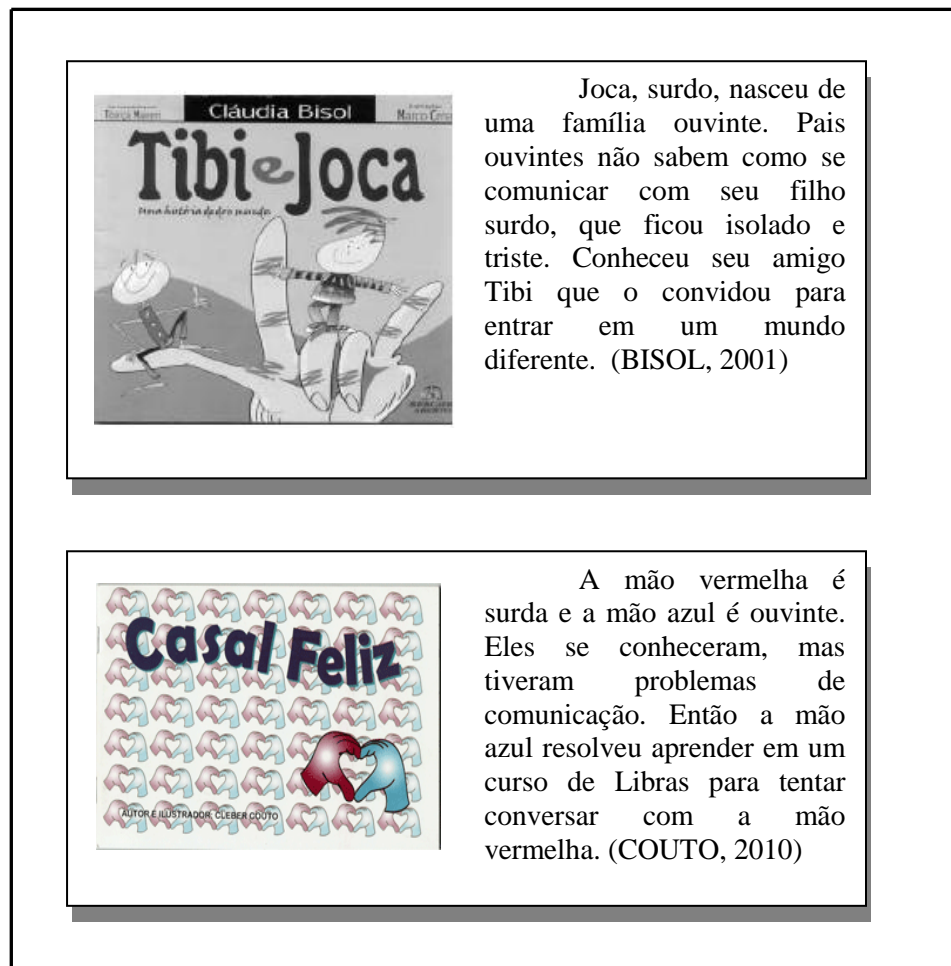


Figura 11: Livros de criação de surdos.

Após a identificação de tais materiais, quero mostrar mais especificidades da Literatura Surda, para evitar confusão. Já afirmei que a Literatura Surda é composta de histórias que circulam na comunidade surda, através da língua de sinais, tendo como foco a valorização e o uso de Língua de Sinais, o empoderamento dos surdos e a descoberta da identidade surda, etc. No entanto, há livros que tematizam a língua de sinais e os surdos a partir de uma representação normalizadora, ouvintista. Cito dois livros de literatura infantil intitulados “*O Canto de Bento*” e “*A Família Sol, Lá, Si...*” (Fig. 12), ambos da autora Márcia Honora (2008). No primeiro livro, os personagens são pássaros e no outro livro os personagens são elefantes. Veja a seguir, resumos dos livros, escritos por Mourão e Silveira (2009, p. 3):



(...) trata-se de uma família de Bem-te-vis, em que os personagens são pássaros. O costume deles era se apresentar cantando músicas no quintal na árvore. A estação primavera era a mais importante para os filhotes de Bem-te-vi, na primeira vez, cantaram para o público, várias espécies de pássaros, como tucano, papagaio, urubu, etc. Num dia, o maestro que apresentava show de todos filhotes de cada família convidou seu filho, um bem-te-vi chamado Bento, que devia se apresentar. Mas Bento estava com medo, abriu bico, mas não soltou nada a voz e não conseguiu cantar. O maestro consolou seu filho, explicou que o problema dele para cantar podia ser resolvido. Foi procurar ajuda, encontrou alguém - uma é borboleta que “sabia uma língua diferente da língua falada pelos bem-te-vis”. Dona Leta, borboleta, explicou para maestro que Bento podia aprender a se

comunicar pelas asas e assim poderia apresentar música. O maestro aceitou e deixou Bento nas aulas da Dona Leta. Um dia, após treinamento das aulas, Bento resolveu apresentar música, e se apresentou fazendo música pelas asas. Percebeu, então, que suas asas eram falantes.



(...) mostra personagens que são elefantes roqueiros e o costume deles era apresentar uma banda de rock, chamada Família Sol, Lá Si..., no “Circo Fanfarra”. O Circo Fanfarra era comum que viajasse pelo país com um caminhão que fazia parte do espetáculo. O mais importante do Circo Fanfarra era a apresentação da família “Sol, Lá, si”, descrita como a “única família de elefantes roqueiros do mundo”. Um dia, fechou o circo, a família “Sol, Lá, Si” precisava trabalhar e encontrou um restaurante em que o dono estava precisando de músicos. Interessou-se pela família “Sol, Lá, si”, que se apresentou numa noite e fez sucesso! Na família “Sol, Lá, Si”, o pai era cantor, mãe era guitarrista e filho mais velho era baterista, mas os pais estavam esperando outro filho. Quando nasceu, foi chamado de Nando. Desde bebê acompanhava todos os ensaios em alto som e

ficava dormindo. A mãe percebeu algo errado no Nando e resolveram levar o filho ao médico, para fazer alguns exames. O médico descobriu que era problema de audição e o narrador escreve: “necessitava de aparelho. Nando já saiu do consultório do dr. Rino com um aparelho e ouvindo bem melhor no colo de Dona Filó”. Continuou fazendo tratamento com a fonoaudióloga, Dra. Zezé, que ensinava muitas coisas a ele e assim, diz o narrador, ele “pode ter uma vida bem próxima de outros elefantes de sua idade”. Mesmo com dificuldade, ele tenta aprender a tocar o instrumento contrabaixo através do aparelho, mas não conseguia ouvir o som. A família “Sol, Lá, si” teve, então, uma idéia e deu a Nando o instrumento bumbo, que ele aprendeu a tocar rapidamente e fizeram muito sucesso. O livro termina dizendo que a família “não só tocava os instrumentos com perfeição, mas também aprendeu a conviver com uma situação difícil com muito amor”.

Figura 12: livros de literatura infantil: “*O Canto de Bento*” e de “*A Família Sol, Lá, Si...*”, ambos da autora Márcia Honora, 2008.

Podemos ver que esses dois livros mostram e focalizam a música e a experiência auditiva do mundo (ou a falta dela), bem como a normalização dos surdos, trazendo como principais personagens o bem-te-vi (O Canto de Bento) que apresentava sua música pelas asas

falantes, bem como o elefante roqueiro (A Família Sol, Lá, Si...) que desempenhava sua música pelo instrumento musical bumbo. Cito SKLIAR (1998, p. 16):

Como toda ideologia dominante, o ouvintismo gerou os efeitos que desejava, pois contou com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área da saúde, dos pais e familiares dos surdos, dos professores e, inclusive, daqueles próprios surdos que representavam e representam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia – o surdo que fala, o surdo que escuta.

Em ambos, a autora enfatiza a falta de audição, e como a surdez pode complicar a vida futuramente, etc. Os livros não valorizam a cultura surda. Afinal, onde está a rica Língua de Sinais? Observe que há diferença entre os textos: em *O canto de Bento* a autora usa o termo “asas falantes”, mas não faz referência à Língua de Sinais; já o outro livro *A Família Sol, Lá, Si...* mostra o uso de prótese auditiva e o tratamento do elefantinho com a fonoaudióloga. É importante lembrar que a autora dos dois livros é a mesma e tem como profissão, conforme a capa informa, ser fonoaudióloga. Parece que ela desconhece a comunidade surda e a língua de sinais. (MOURÃO; SILVEIRA, 2009).

Karnopp (2006, p. 104), ao analisar alguns livros de literatura infantil, cuja temática sejam os surdos ou a língua de sinais, cita o estudo feito por Silveira (2000):

Silveira (2000), ao concentrar sua análise na produção de livros de literatura infantil que tematizam a surdez, verificou que os autores retratam o surdo como ‘deficiente auditivo’, perfeitamente integrado à comunidade ouvinte, sendo usuário de uma língua oral. No texto “Contando histórias sobre surdo(as) e surdez”, a autora analisa sete livros destinados às crianças em que essa temática se faz presente e conclui que a visão dos surdos e da surdez em tais obras se compõe a partir da representação ‘medicalizada’, vista como deficiência, mas supostamente ‘compensável’ pelo uso do aparelho auditivo e pela leitura labial, conjugando-se tais aspectos a uma visão compensatória da deficiência.

Sobre a música e surdez, é comum que os grupos corais de surdos apresentem alguns eventos nas escolas, empresas, governo. As pessoas ficam emocionadas, principalmente ouvintes ficam surpresos em ver a participação dos surdos. Para eles, o prazer é ouvir o “som” que é acompanhado do ritmo e das palavras melodiosas. De onde veio isso? A idéia é produzida por ouvintes que desconhecem ou desconsideram os valores da comunidade surda nas escolas comuns ou de “inclusão”. Já imaginou os surdos, como público, assistindo espetáculo do grupo coral de surdos através de “música” e “imitar sinalizado”? O coral é conduzido por maestro que fica sinalizando enquanto os surdos imitam sem se preocupar com

os sons. A pergunta é: será que os surdos ficam satisfeitos ao ver o coral? Entendem o ritmo sinalizado e o significado? Isto não é natural no processo e nas práticas da comunidade surda.

Cito Lulkin (1998, p. 46):

O papel dessa condução, deste tipo de maestro, está ligado à produção sonora, portanto, a audição continua impondo a sua *forma e sentido* para o surdo. Outra possibilidade, raramente posta à disposição, é dar lugar a um processo de criação, seleção, tradução, e condução mobilizado pela *cultura visual*, sensibilizada pela plasticidade no espaço. O som se impõe ao fornecer o *input* para estes espectadores ouvintes que talvez fossem levados a uma outra percepção sem os componentes sonoros, numa produção que privilegiasse as linguagens visuais, onde não houvesse uma imposição da fonte sonora e, sim, uma opção de acesso à apresentação cênica: onde fosse oferecido um código visual, um código dos corpos, das configurações do espaço, das possibilidades estéticas que estariam mais centradas na imagem, na produção corporal dessa “música” e menos centrado no som.

Além disso, como o surdo é posicionado nessas apresentações? Ele está ali para copiar o maestro? Qual a participação dos surdos nos ensaios e seleção do tipo de espetáculo que quer apresentar?

Cito Mourão e Silveira (2009, p. 2):

(...) já se sabe há bastante tempo que a literatura tem poder de influenciar o público que lê, fazendo as pessoas viverem suas histórias e acreditarem nas representações que traz.. Mesmo que seja difícil comprovar como os livros produzem opiniões e comportamentos, o fato é que isso acontece com frequência.

Paralelo a tais apresentações, podemos assistir às produções culturais de comunidades surdas, disponíveis em alguns artefatos culturais. Principalmente penso que professores surdos podem trabalhar com Literatura Surda com os alunos surdos, sejam crianças ou adolescentes. Quem sabe! Como dizem Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 116):

Uma das contribuições principais da poesia sinalizada para o empoderamento do povo surdo é a maneira com que os poemas retratam a experiência das pessoas surdas. (...) Diante de (...) ameaça à identidade pessoal e cultural dos surdos, os poemas que descrevem e validam a experiência surda são fortemente usados para o empoderamento do povo surdo.

## 2.3 TRADUÇÃO – APROFUNDANDO O TEMA

O que é tradução? Qual é diferença entre traduzir e interpretar? Não é fácil explicar especificamente, ou seja, não há uma única definição. Vamos começar analisando o significado de traduzir, citando Guerini (2008, p. 02):

A palavra *traduzir* deriva do latim *traducere* e, segundo o dicionário *Aurélio*, etimologicamente significa “conduzir além”, “transferir”. Atualmente, seu leque de significados é muito amplo e além do original “transferir” quer dizer, entre outras coisas, também “transportar, trasladar de uma língua para outra”, “revelar, explicar, manifestar, explanar”, “representar, simbolizar”. *Traduzir* no sentido de “passar de uma língua a outra” é uma metáfora do ato físico de transferir.

Tradução é passar de uma língua para outra; é ato de interpretação, por exemplo: são traduzidos filmes, livros, produtos comerciais, entre outros. Especificamente, o intérprete de língua de sinais é o profissional que atua na tradução/interpretação da forma oral para gestual (e vice-versa), em escolas, seminários ou congressos internacionais, entre outros. Tradução/interpretação abrange também outras possibilidades, outros significados; não somente entendemos tradução de uma língua para outra língua, mas também a tradução no mesmo território nacional considerando as variações regionais (dialetos) e as diferenças individuais (idioletos)! Não irei aprofundar estudos na área de lingüística/tradução, apenas apresento algumas reflexões importantes, para o propósito desta pesquisa. Então, conforme Jakobson (1975, p. 64-5):

Para Roman Jakobson, existem três tipos de tradução:

- 1) A tradução intralingual, ou reformulação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais

Vamos esclarecer um pouco os tipos de tradução:

A tradução intralingual ocorre dentro da mesma língua e a palavra “intra” quer dizer “dentro”. Cito dois exemplos que ocorrem na língua portuguesa: (a) as variações regionais que ocorrem nos estados brasileiros para se referir a uma fruta: BERGAMOTA, no Rio Grande do Sul; TANGERINA, no Maranhão; MEXERICA, no Rio de Janeiro; (b) as

diferenças entre a fala infantil e fala do adulto, sabendo que frequentemente é necessário simplificar ou dar outros sentidos para tornar claros alguns conceitos. No caso da língua de sinais, há também variações regionais (Fig. 13), por exemplo o uso de configurações de mão, para os números cardinais. As fotos a seguir sinalizam o número UM da forma como é produzido no Rio de Janeiro (RJ) e no Rio Grande do Sul (RS). Um outro exemplo é o sinal para VERDE produzido com sinais diferentes nesses estados. O sinal verde apresenta o mesmo significado, mas o sinal é articulado de forma diferente no RJ e no RS. Um último exemplo é o sinal de BANCO (instituição financeira), articulado também de forma diferente, conforme variantes regionais.

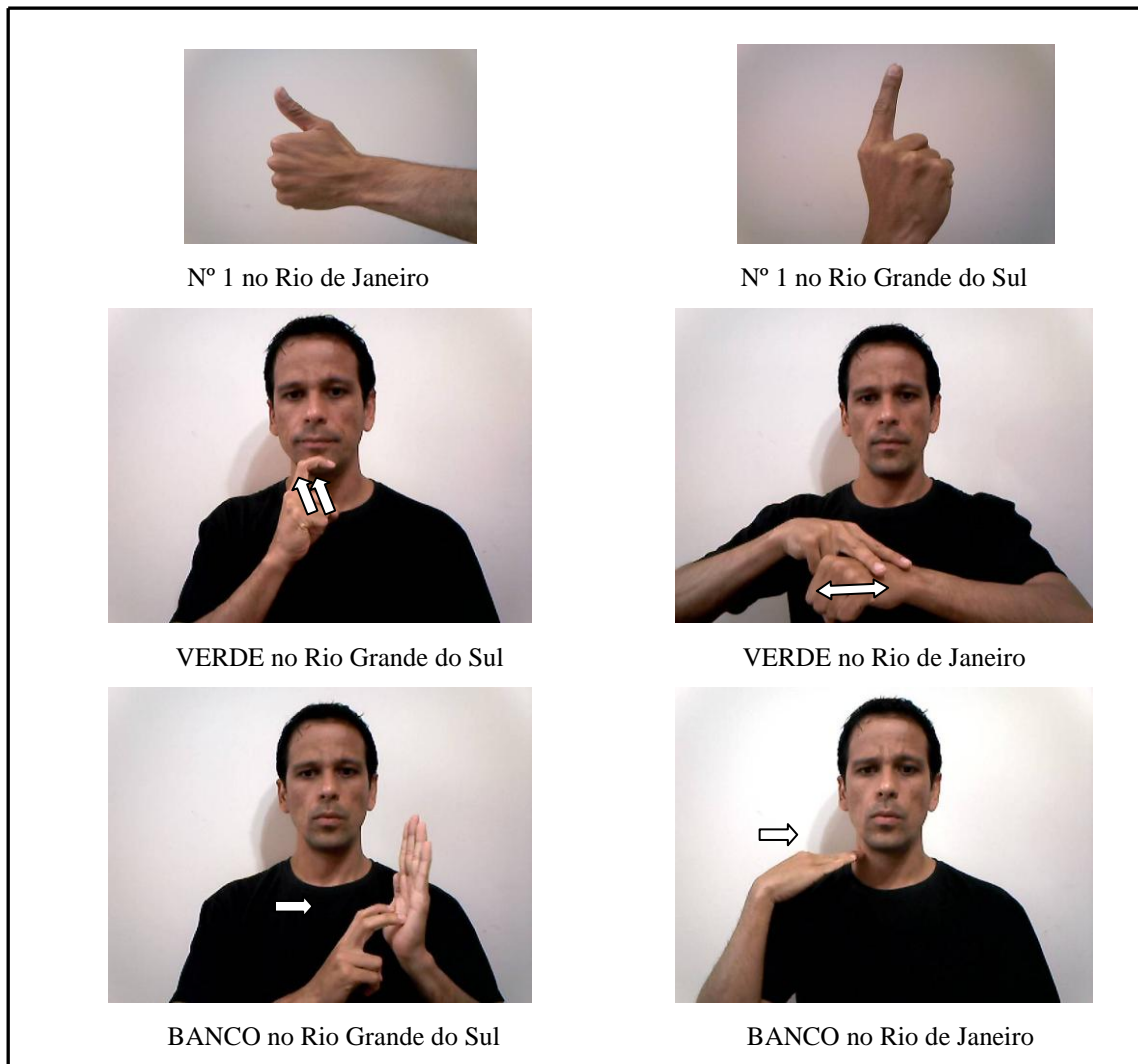


Figura 13: Variações em sinais de Libras

Ao trazermos os conceitos de compreensão e interpretação, no processo de tradução intralingual, podemos perceber a complexidade e a constante mudança que ocorre em uma

única língua. Não queremos, portanto, explicar de forma simplificada o que ocorre na tradução de uma língua para outra, mas evidenciar alguns dos pontos de complexidade. Nesse sentido, citamos Larossa (2004, p. 67-68 apud Octávio Paz, 1971):

Aprender a falar é aprender a traduzir; quando a criança pergunta a sua mãe pelo significado desta ou daquela palavra o que realmente pede é que traduza a sua linguagem o termo desconhecido. A tradução dentro de uma língua não é, neste sentido, essencialmente distinta à tradução entre duas línguas.

Na tradução interlingual, “inter” quer dizer “entre”, ou seja, é uma tradução entre línguas diferentes, por exemplo: da Língua Portuguesa para Língua de Sinais; da Língua Japonesa para Língua Espanhola etc. Em geral, não ocorre uma tradução literal, palavra por palavra, mas uma interpretação ou tradução, para que as pessoas que usam uma língua possam compreender e interpretar os processos sociais que se desenvolvem em uma outra língua, em uma outra cultura.

Na tradução intersemiótica, “inter” quer dizer “entre” e semiótica<sup>23</sup> quer dizer sistema de signos. Para Guerini, na tradução intersemiótica:

A forma mais frequente se dá entre um sistema verbal e um não-verbal, como acontece com a passagem da ficção ao cinema, vídeo e história em quadrinhos; com a ilustração de livros; com a passagem de texto a publicidade. No entanto, ela pode acontecer também entre dois sistemas não-verbais, como por exemplo, entre música e dança e música e pintura. (...) Para Rónai, a tradução intersemiótica é “aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico mesmo desacompanhados de palavras”. (2008, p. 23)

Como comentei anteriormente, trago algumas noções sobre “tradução”, mas saliento que não há uma única definição, sendo esse um tema investigado por grupos de pesquisa de tradutores e intérpretes, principalmente na área de lingüística e educação, por exemplo, o Grupo de Estudos Surdos (GES)<sup>24</sup> da Universidade Federal de Santa Catarina; a Federação Brasileira dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guias-intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS)<sup>25</sup>, a Associação Gaúcha de Intérpretes de Língua de Sinais (AGILS)<sup>26</sup>; entre outros. Nos parágrafos anteriores, não objetivei aprofundar conceitos, mas apontar alguns

<sup>23</sup> Semiótica – Informações disponíveis em: <http://www.semiotic.com.br/conceito/semiotica.htm>

<sup>24</sup> GES – Informações disponíveis em: <http://www.ges.ced.ufsc.br/ogrupos.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

<sup>25</sup> FEBRAPILS – Informações disponíveis em: <http://www.febrapils.org/>. Acesso em 05 de janeiro de 2011.

<sup>26</sup> AGILS – Informações disponíveis em: disponível site: <http://www.agils.org.br/>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

tipos de tradução antes de continuar analisando a tradução de textos literários na comunidade surda, já que temos materiais produzidos por intérpretes e tradutores de língua de sinais para língua portuguesa e vice-versa, bem como outras possibilidades.

Os surdos brasileiros vivem em diferentes regiões, intensificam a convivência no território local, possibilitando a construção de processos sociais e simbólicos. A comunidade surda convive com, no mínimo, duas línguas, favorecendo o bilingüismo, pois surdo e ouvinte convivem no mesmo território. É comum o encontro para lazer, educação e esportes como em igrejas, eventos, escolas, universidades, etc. Nesses grupos, encontram-se os surdos, intérpretes e tradutores. Nos eventos sociais, em programas de inclusão social, em escolas... enfim, onde estiverem os surdos, os intérpretes de língua de sinais também estarão lá.

Nossa rotina de casa envolve o convívio com ouvintes, também assistimos programas da televisão nacional como jornal nacional, novelas, filmes, propagandas, sendo que alguns deles já disponibilizam legenda (*closed caption*<sup>27</sup>) e também alguns intérpretes de língua de sinais para que a comunidade surda possa assistir aos programas televisivos. Quanto mais legendas na TV, melhor para a comunidade surda ter acesso às informações e entendimento, pois isso proporciona o aumento do conhecimento da língua portuguesa como segunda língua. Neste sentido Mourão (2009, p. 5) relata:

Quando começou a ter legenda na televisão, como o *closed caption*, houve uma grande oportunidade de entendimento, tornando satisfatória a recepção dos programas. Quando começou a ter legenda na novela das 21h, as perguntas aos familiares ou colegas diminuíram! Atualmente, a situação é bem diferente: após a novela, temos assunto para conversar.

Após novelas nacionais ou filmes estrangeiros, a gente se encontra para fazer comentários sobre o que assistimos, sobre a positividade e negatividade em nossa rotina, possibilitando a reflexão, entendimento e lazer. E os filmes brasileiros? Somente alguns mostram legenda em português (disponíveis em DVD), por isso os “filmes brasileiros” não são muito discutidos, pois os surdos não têm acesso à tradução, perdendo a oportunidade de conhecer o universo dos filmes brasileiros. Segundo Mourão (2009, p. 5): “Nós, surdos, raramente assistimos filmes brasileiros, por isso não temos acesso a uma parte da cultura brasileira, pela falta de acesso aos filmes brasileiros. Espero que em breve, seja disponibilizada legenda em português, em todos os programas.”

---

<sup>27</sup> *Closed caption* (legenda oculta) é um sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão.



Voltando à tradução, atualmente, temos algumas traduções, disponíveis em DVDs, de textos literários da língua portuguesa para Libras, que repassam para comunidade surda, o trabalho realizado pelo grupo de tradutores e intérpretes de língua de sinais da Editora Ararazul, entre outros. Temos diferentes tipos de tradução e no caso da produção de filmes (DVD), o grupo de tradutores e intérpretes (inclusive surdos) desenvolve o trabalho de tradução do texto com maior tempo, realizando as filmagens em lugares abertos ou cabines fechadas.

Um dos problemas que pode ocorrer é a tradução palavra por palavra ou palavra para sinal, tornando o texto sem sentido ou incompreensível. Portanto, alguns tradutores podem prejudicar o entendimento para a comunidade surda. Importante é que os tradutores/intérpretes de língua de sinais conheçam o sentido e contexto das palavras (sinais), com conhecimento da cultura surda e com participação social na comunidade surda, enfim dentro do círculo surdo.

Profissionalmente, os tradutores/intérpretes de língua de sinais não são somente ouvintes; há também surdos que atuam como tradutores/intérpretes de língua de sinais. Por exemplo, para filmar textos da literatura clássica, os surdos interpretam da língua portuguesa para língua de sinais. Veja os exemplos em *Iracema* (2002); *Alice no País das Maravilhas* (2002); *As Aventuras de Pinóquio* (2003); *O Alienista* (2004), na Figura 14 a seguir:





Figura 14 – Tradução de Português/ Libras.

Estranho dizer isso para o leitor, mas para nós, comunidade surda, há diferentes experiências visuais/gestuais, uma comunicação espontânea, expressa no rosto, no uso do corpo com diferentes funções, como mudança de posição e posicionamento discursivo na língua. É claro que muitos ouvintes que também convivem na comunidade surda, se tornam fluentes e profissionais, não contando somente com cursos ou formação acadêmica.

Então, como funciona o trabalho de filmagem (tradução) da literatura clássica para a Libras? Os intérpretes podem pesquisar, ler, saber aspectos da cultura; enfim, penso que o estudo e o ensaio, antes da filmagem, sejam necessários. Após isso, pode-se ver na TV ou no computador a interpretação feita. Em geral, a tela é dividida em dois quadros: em um lado da tela aparece o intérprete de língua de sinais e do outro lado está a escrita em língua portuguesa. “As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais/Português” (2003) e “Iracema” (2002), de José de Alencar, traduzidos para a Língua de Sinais (em CD-ROM/DVD), foram produzidos pela editora Arara Azul. No vídeo com a tradução em Libras, os intérpretes são surdos, Nelson Pimenta e Heloíse Gripp Diniz (Fig. 15).

Já a produção feita por uma outra editora mostra ilustrações, com intérpretes de língua de sinais e com legenda opcional na língua portuguesa. O DVD “Piadas em Libras”, de Sandro dos Santos Pereira, editora Confederação Brasileira de Surdos (CBS), publicado em 2009 (Fig. 16), apresenta muitas piadas inventadas, com 19 piadas, sem legenda, o intérprete/apresentador é surdo e de São Paulo, SP.

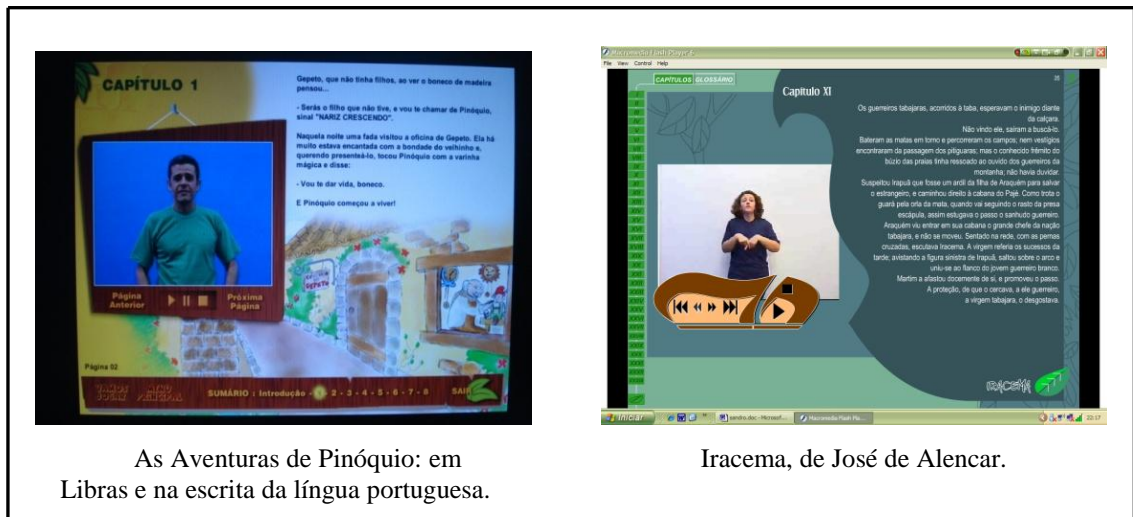


Figura 15 – Exemplos de tradução para a Libras



Figura 16- Exemplos de piadas em Libras.

Uma das experiências que registro relativo à tradução é aquela que faz parte de nosso cotidiano, como surdos e usuários da Libras. Em situações de interpretação/tradução, frequentemente encontramos problemas e limitações na tradução, fato que é comum em muitas línguas, seja em situações de tradução entre línguas de modalidades diferentes (de línguas de sinais para línguas orais ou vice-versa) ou na mesma modalidade (de língua oral para outra língua oral/ de uma língua de sinais para outra língua de sinais). No entanto, em muitas situações verificamos a necessidade de profissionalização na área do intérprete de Libras, já que é freqüente o desempenho dessa função por pessoas que ainda não têm formação ou experiência suficiente na área.

Comentei anteriormente sobre “A carta”, então, apresento o segundo texto intitulado “Diário” em continuação às aulas com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana da Silva Thoma, na disciplina *A Constituição de Identidades e da Diferença Surda no Campo da Educação* no PPGEDU/UFRGS, 2009/01. Essa carta relata uma das tantas experiências vivenciadas nesse contexto de línguas diferentes, de limites de tradução, de inexperiência do intérprete/tradutor.

### *DIÁRIO*<sup>28</sup>

*No dia 07 de abril, tive aula, com Prof<sup>a</sup> Adriana Thoma e intérprete de Língua de Sinais, pois temos três surdos na sala de aula, inclusive eu. Naquela aula, houve troca de cartas com os colegas em que todos puderam ler as cartas, quebrando “intimidade” ou “segredos da vida” ou “segredos em parte” sobre como se relacionar com as pessoas e compartilhar com os outros. Interessante que podemos ver como é relação entre as colegas, às vezes, sinto curiosidades em conhecer todas as cartas e também as pessoas podem ler a minha carta, queria ver as mentes deles, o que pensam ou o que sentem ao ver a minha escrita da carta.*

*Cada um pode ler a carta com a voz, enquanto intérprete de Língua de Sinais traduz para surdos. No início da carta, achei interessante comentar a vida, o que eles faziam ou suas experiências de vida, etc. Finalmente, meu colega começou a ler a minha carta, com voz para que todos pudessem ouvir enquanto eu fixava o olhar no intérprete de língua de sinais. Naquele momento, os colegas ouviram a minha carta, ouviram a escrita das minhas palavras, mas eu percebia que o intérprete de língua de sinais não completava algumas frases ou algumas palavras sumiram... ou faltou contexto... ou faltou explorar o espaço como referência..., Eu conhecia a carta, eu mesmo a escrevi, com minha própria mão, então, fiquei decepcionado e até pensei assim: será que todas as cartas que leram em voz alta, também tiveram essa perda?(As palavras do autor não são as mesmas do tradutor!)*

*Não é que estou criticando a pessoa que é “intérprete de língua de sinais”, estou falando que perdemos informações ou elas não são completas, mas nós precisamos saber e ter informações. Quanto mais informações, melhor para todos nós.*

*Por outro lado, a carta um foi desafio para todos, tomei a decisão de escrever a carta e colocar na escrita “Quem sou eu?” ou “... segredo em parte”. Foi importante que nós aprendemos e tivemos coragem de escrever uma carta em forma de autobiografia. Isso é como um livro de literatura!*

-----

---

<sup>28</sup> DIÁRIO: continuação da escrita de cartas, orientada pela prof<sup>a</sup> Adriana Thoma, durante aulas no PPGEDU.

### 3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

#### A LITERATURA SURDA PRODUZIDA PELOS ACADÊMICOS PESQUISADOS

(...) se LS<sup>29</sup> é a primeira língua que os surdos usam, maior é a importância do conhecimento de literatura surda, que possui uma longa e rica história.  
Silveira (2006, p. 55)

A presente pesquisa tem o propósito de investigar as produções culturais dos surdos em histórias que são contadas em Libras, através da análise da forma como os surdos vêm apresentando e construindo a Literatura Surda, com foco na língua de sinais. A partir disso, os objetivos são desdobrados na análise das temáticas e do uso da língua de sinais em tais produções, ou seja:

- Verificar quais histórias os surdos têm contado, como são caracterizadas essas histórias e quais são os temas apresentados.
- Analisar o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados.

O material empírico que subsidia a investigação proposta foi obtido através das atividades desenvolvidas por alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras e por entrevistas realizadas com esses alunos. Optei pela coleta de materiais produzidos (filmados, disponíveis em DVDs), na disciplina de Literatura Surda por alunos do curso de Letras/Libras, Ensino à Distância (EAD) da Universidade Federal de Santa Catarina, pólo de Santa Maria, tendo em vista que todos os alunos desse curso são surdos e estiveram envolvidos com a produção de histórias em Libras. Além disso, realizei entrevistas que subsidiam a análise dos textos produzidos em Libras, verificando o depoimento dos alunos sobre as temáticas selecionadas para histórias apresentadas, o uso da língua de sinais e dos recursos expressivos utilizados. Na próxima seção, explico algumas especificidades do local selecionado para a pesquisa.

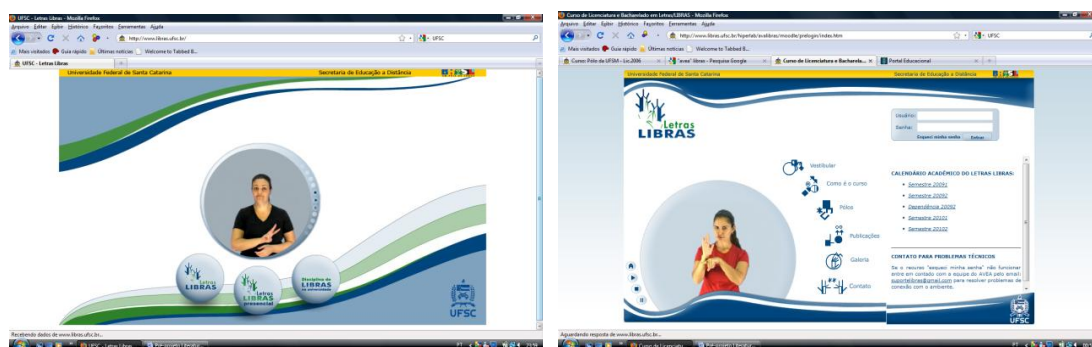
#### 3.1 CURSO DE LETRAS-LIBRAS

---

<sup>29</sup> LS – Língua de Sinais.

Inicialmente explicarei alguns detalhes sobre o local e contexto em que realizei a pesquisa. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2006, abriu o curso de Letras/Libras, na modalidade de Ensino a Distância - EAD. No total, são 500 (quinhentos) alunos e alunas, distribuídos em 09 (nove) pólos de universidades do Brasil, sendo que a UFSC tem 60 alunos e as demais instituições têm 55 alunos cada uma. Os pólos em que o curso é realizado na sua 1º edição, são: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Ceará (UFCE), Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Goiânia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade de São Paulo (USP).

Como funciona o curso? A cada 15 dias, sempre aos sábados, ocorre aula presencial obrigatória nos pólos, com a presença dos alunos e tutores, com o objetivo de desenvolver as atividades propostas nas disciplinas, tirar dúvidas, assistir as aulas ao vivo com o(s) professor(es) da(s) disciplina(s), através de vídeo-conferência. Durante a semana, os alunos devem acessar o site [www.libras.ufsc.br](http://www.libras.ufsc.br) e entrar no AVEA - Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – onde estão todas as informações, disciplinas, fórum, Cyber Café, vídeos, dúvidas, tabelas (atividades), email, perfil, e outros para desenvolver as atividades propostas. A figura a seguir mostra a abertura do site (Fig. 17): no círculo central há um vídeo com uma pessoa sinalizando as informações e dando as boas-vindas. A segunda abertura mostra novamente uma pessoa que sinaliza as informações e, ao lado direito, aparece um texto na escrita de sinais e na língua portuguesa. No canto à direita, os alunos têm acesso ao AVEA, digitando o nome do usuário e a senha, tendo nesse ambiente acesso às disciplinas, leituras e atividades. Na Figura 18 apresento exemplos de atividades da disciplina de Literatura Surda.

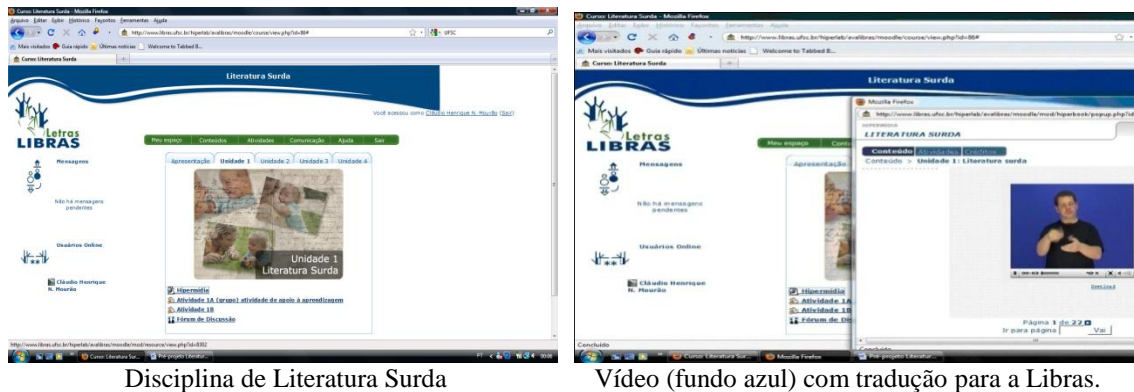


Abertura do site

Segunda abertura e login para usuário e senha

---

 Figura 17: Abertura e usuário / senha



Disciplina de Literatura Surda

Vídeo (fundo azul) com tradução para a Libras.

Figura 18: Disciplina de Literatura Surda

A disciplina Literatura Surda aconteceu no quinto semestre do curso de Letras-Libras, sendo ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lodenir Karnopp. Dentre as atividades realizadas, os alunos fizeram trabalho de contação de histórias em Libras, em grupos, com filmagem, gravação em DVD, como atividades de apresentação aos colegas e parte do processo avaliativo.

O material que irei analisar são as narrativas em Libras, disponibilizadas em DVD, das atividades dos alunos do Curso de Letras-Libras, realizadas no pólo da Universidade Federal de Santa Maria. A justificativa para a análise do material empírico do pólo UFSM deve-se ao fato de que somente esse pólo entregou as atividades em DVD, além do fato de que a pesquisa nesse local é de fácil acesso para a realização das entrevistas com os alunos, tendo em vista a distância geográfica dos outros pólos. Assim tais materiais estão disponíveis para análise das produções de narrativas em Libras por surdos que estão cursando o Letras-Libras.

### 3.2 ANÁLISE DOS MATERIAIS – NARRATIVAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

Descreverei a seguir alguns aspectos de tais materiais, analisando o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados, em narrativas que são apresentadas pelos alunos. As características gerais que apareceram nos materiais que foram filmados e produzidos em DVD são as seguintes:

**1- Ilustrações / Imagens** – Apresentação da história era feita somente em Libras e/ou com a utilização de ilustrações durante a apresentação de narrativas. Descrevo as ilustrações

utilizadas e aspectos da visualidade que são incorporados nas histórias que são contadas. Verifico se há recursos da escrita utilizados para contar a história.

**2. Cenário** – Verifico se o cenário é fixo (um único plano de fundo do início ao fim da história) ou móvel (diferentes planos de fundo utilizados na história, por exemplo, cenas ao ar livre que vão mudando o cenário, modificando o ambiente em que a história é contada). Descrevo se o contador utiliza algum cenário previamente construído para a história (ou para o poema) e se a história é contada por um aluno ou pelo grupo.

**3. Processo de produção literária** – Verifico se a história é caracterizada como **adaptação** (história é baseada em outra história com mudanças/adaptações), **tradução** (história apresentada é uma tradução interlingual) ou **criação** (texto inédito) de um aluno ou do grupo de alunos.

Para iniciar a pesquisa, fiz um primeiro levantamento de materiais do pólo UFSM, disponibilizados pela professora Lodenir Karnopp e autorizados pelos alunos, assistindo aos trabalhos de cada grupo, os quais foram filmados em DVD. No total, foram 11 grupos e 47 alunos.

Após a análise desses materiais, realizei entrevista com os alunos para analisar conjuntamente (pesquisador e alunos) o processo de produção literária. As entrevistas foram feitas através de filmagens e de registros escritos (por email) e os alunos apresentaram depoimentos relacionados ao processo de produção literária, contando a forma como cada grupo se organizou para contar a história/poema.

Antes de proceder à análise dos dados, apresento um breve resumo que fiz para esta Dissertação, a partir dos materiais que recebi de cada grupo.

**Tema:** O cavalo e as amigas Hienas – Fábula (Fig. 19)

**Grupo 1:** Alexandre Couto, Gustavo Lemos, Ian Nicolau, Renata Heinzelmann e Ricardo Goes.



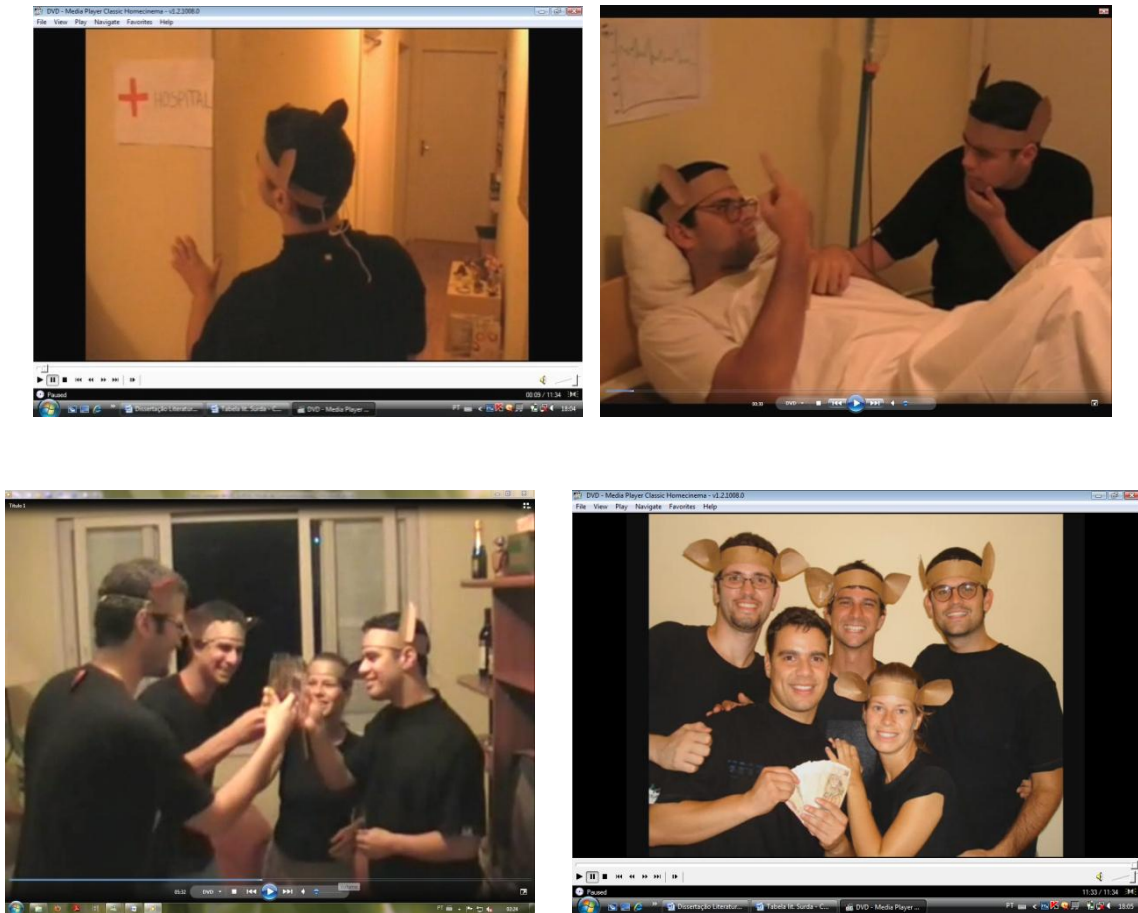


Figura 19: Cenas de “O cavalo e as amigas Hienas” (Grupo 1)

O grupo se apresenta através de cinco personagens, dois cavalos e três hienas, todos vestem camisa preta, com orelhas de cavalo ou de hienas, cenário livre, filmagem feita dentro de casa. Na história, o cavalo vai visitar o pai, que estava prestes a morrer, no Hospital. O pai conta que ele (o filho) era a única herança que tinha na vida. Se, eventualmente, o cavalo perdesse o dinheiro e arruinasse sua vida, deveria procurar a casa velha que o cavalo conhecia bem e que ficava em um local distante, para então se suicidar com uma corda no pescoço. O cavalo entendeu o conselho do pai e, de repente, o pai faleceu. O cavalo ficou triste, mas recebeu toda a herança. As amigas Hienas<sup>30</sup> souberam que o pai do cavalo havia falecido, sabiam que o cavalo tinha muito dinheiro na mão e resolveram visitar o cavalo. Convidaram insistentemente o cavalo para uma festa, em que ele gastaria com garotas e pagaria bebidas para as amigas Hienas. Uma semana após o falecimento do pai, o cavalo gastara todo dinheiro recebido como herança. Logo, foi pedir ajuda das amigas Hienas, mas elas nem ligaram e foram embora. O cavalo percebeu que as Hienas eram falsas amigas. Lembrou do comentário feito pelo pai sobre a casa velha e foi para lá. Preparou a corda, colocou-a no pescoço e deu

<sup>30</sup> Na dramatização, dois homens e uma mulher representam as amigas hienas.

adeus, pulou... Mas a corda se soltou e ele encontrou milhões em dinheiro, com uma carta do pai que dizia: “Meu filho, estou escrevendo esta carta, pois chegou a hora da vida arruinada e você perdeu tudo o que tinha. A vida não é fácil, agora é sua segunda chance, usa a consciência e controla a vida, evita amizades falsas. Saiba que seu pai está dando outra oportunidade, uma segunda chance para você. Seu pai lhe ama muito. Assim, ao terminar de ler a carta, o cavalo entendeu a mensagem e agradeceu essa segunda chance. O pai tinha toda a razão; o filho aprendeu a lição!”

**Tema:** Chapeuzinho Vermelho (Fig. 20)

**Grupo 2:** Ana Cláudia, Bruna Antunes, Cláudia Fialho e Patrícia Rodrigues

**Autora:** Vera Southgate, Editora Livro Educativo Caramelo, 2005.



Figura 20: Cenas de “Chapeuzinho Vermelho” (Grupo 2)

Produção em forma de filme, com ilustrações e cenário típico, todos os surdos usavam roupas, figurino baseado na história de Chapeuzinho Vermelho, com máscara de lobo, com

decorações para as casas. A história acontece dentro de uma casa, a mãe fala (oraliza) para Chapeuzinho Vermelho e pede-lhe para levar uma cesta de comida para vovó, seguindo o mesmo caminho, como de costume, indo direto para casa da vovó. Chapeuzinho Vermelho entende e sai; enquanto isso, o lobo está no meio das árvores, espiando Chapeuzinho Vermelho. O Lobo apareceu repentinamente, fazendo-a parar e começou a conversar usando língua de sinais. Ele perguntou a Chapeuzinho Vermelho: “Para onde vais?” Ela ficou surpresa que o Lobo sabia a língua de sinais, então, disse que estava indo para casa da vovó. Lobo disse que o melhor era seguir outro caminho. Chapeuzinho Vermelho seguiu o conselho e foi por outro caminho. Enquanto isso, o Lobo entrou na casa, pegou a vovó e a colocou no armário. O Lobo vestiu a roupa da vovó e ficou deitado na cama. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou, ficou surpresa por saber que “vovó” sabia a língua de sinais para se comunicar com ela. Então, ela perguntou:

- Por que está diferente seu rosto?

Lobo – Estou doente.

Por que orelha comprida?

Lobo – Porque antes escutava som alto, orelha aumentou e perdi um pouco de audição.

Por que nariz comprido?

Lobo – Porque antes cheirava muita comida, por isso, aumentou e fiquei doente.

Por que os dentes grandes?

Lobo – Porque... quero comer você!

O lenhador ouviu que Lobo gritava, entrou na casa da vovó e descobriu tudo. Todos ficaram a salvo, ninguém foi preso. Chapeuzinho Vermelho e Lobo são surdos, o lenhador é intérprete de língua de sinais, vovó é ouvinte que não sabia se comunicar na língua de sinais. Os surdos conversam enquanto intérprete de língua de sinais passa a informação para vovó, que também aprende a sinalizar.

**Tema:** João surdo pé de feijão (Fig. 21)

**Grupo 3:** Ana Paula Lara, Elisabete Camargo, Erika Lima e Willian Silveira.

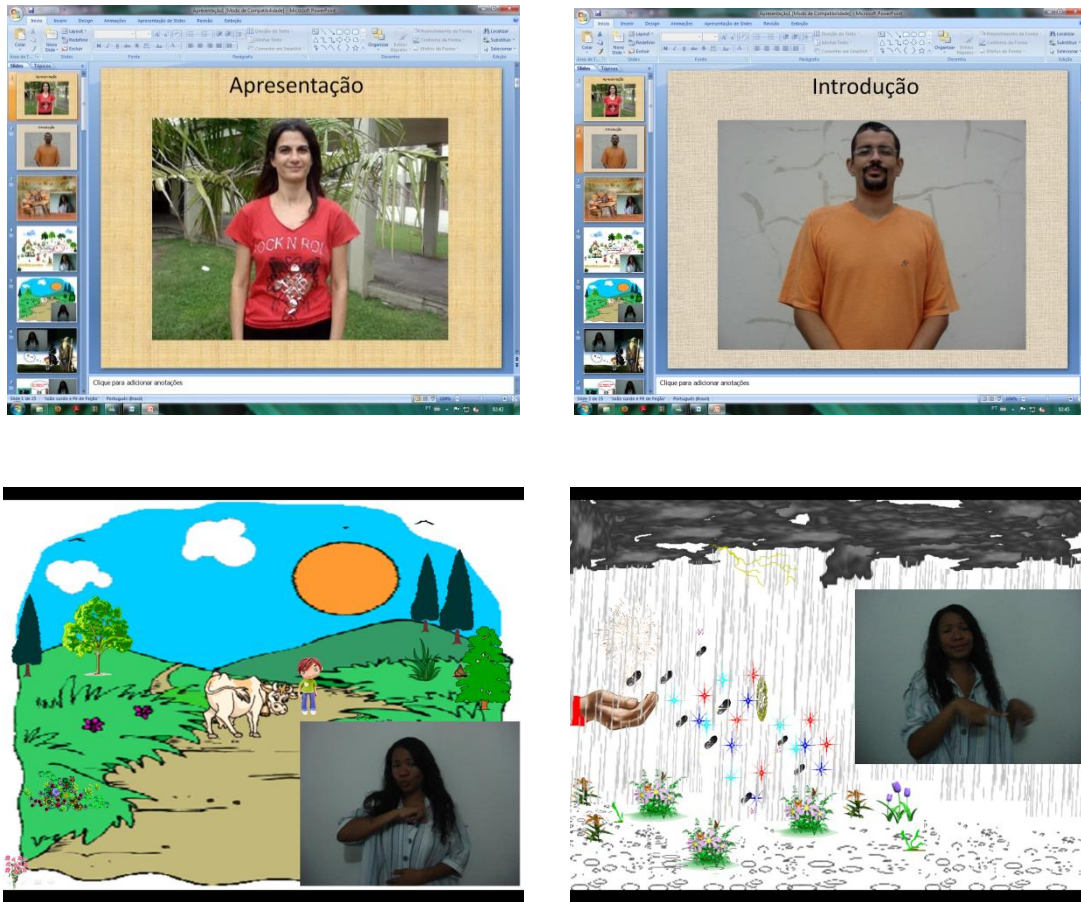


Figura 21: Cenas de “João surdo pé de feijão” (Grupo 3)

O grupo fez uma apresentação da narrativa, em PowerPoint (PPT) com utilização de vídeo e ilustrações, mas os vídeos nas cenas 3 e 4 travaram.

Na história, a mãe de João pediu para que ele levasse a vaca para vender. No meio do caminho, João [surdo] encontrou um homem que lhe propôs trocá-la por alguns grãos de feijão mágicos. João aceitou a oferta, mas não soube como se comunicar para dizer que queria dinheiro e não os grãos de feijão. Quando sua mãe viu a troca, ficou enfurecida, jogou os grãos pela janela e ficou xingando. Até o chamou de “burro”, mas João não entendia nada.

E resto das cenas não se consegue assistir, pois todas “trancaram”. Mas, mesmo assim, resolvemos permanecer com essa história na análise, pois a apresentação está disponibilizada em *power point* e filmagem, garantindo o entendimento de grande parte da história.

**Tema:** A festa no céu (Fig. 22)

**Grupo 4:** Aline Kaster, Bianca Peter e Francielle Martins.

**Autor:** Luís Câmara Cascudo

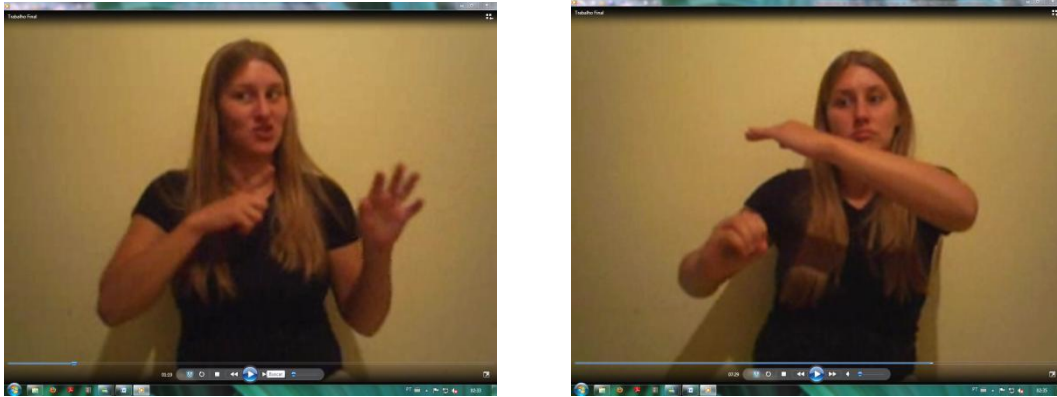


Figura 22: Cenas de “A festa no céu” (Grupo 4)

O grupo se apresenta em contação individual, cenário fixo, sem ilustrações. A história acontece na floresta e existem diferentes animais. Certo dia espalhou-se a notícia de uma festa no céu. As aves ficaram loucas para ir à festa já que os bichos da terra eram incapazes de voar. O Sapo gordo, incapaz de saltar, resolveu ir à festa mesmo sem saber como chegar lá e ninguém acreditava que ele conseguiria. O sapo passeou no mato e encontrou um Urubu. De repente, de tanto conversarem se tornaram bons amigos. Mais tarde, o Sapo avisou que voltaria pra casa para se preparar para a festa no céu. O Urubu achou estranho e perguntou como ele iria chegar até lá. Ele respondeu que não sabia, mas iria mesmo assim porque tinha sido convidado. Então, foi para casa, trocou de roupa e saiu, mas fez uma visita na casa das aves. Encontrou a viola na cama e se escondeu dentro dela. O Urubu apareceu, pegou a viola, amarrou e bateu asas para o céu. Chegando ao céu, o Urubu largou a viola e foi procurar as outras aves. O Sapo, percebendo que não tinha ninguém por perto, deu um grande pulo e conseguiu chegar à festa ficando extremamente satisfeito. As aves ficaram surpresas ao ver o Sapo no céu e começaram a perguntar como ele tinha conseguido chegar até o céu, mas o sapo só fazia conversa fiada e continuava curtindo a grande festa. Pela madrugada, sabendo que só poderia voltar do mesmo jeito que tinha vindo, o Sapo voltou a esconder-se na viola sem que ninguém o visse. O sol começou a nascer e as aves começaram voar para casa. O Urubu agarrou a viola e voou de volta à Terra. No meio do caminho, ele percebeu algo de errado com a viola e, desconfiado de que o Sapo estaria dormindo ali dentro, resolveu jogá-la

ao ar. O Sapo caiu na água, batendo as costas, mas por sorte conseguiu sobreviver, só que ficou com a cicatriz. O Sapo é esperto, mas o coração é bom!

**Tema:** Três Porquinhos e um Lobo. (Fig. 23)

**Grupo 5:** André Paixão, Bianca Pontin, Cláudio Mourão, Marcelo Lemos e Roger Prestes.



Figura 23: Cenas de “Três Porquinhos e um Lobo” (Grupo 5)

O grupo se apresenta através de dramatização pelo grupo, cenário ao ar livre com figurinos do início até fim (três camisas cor de rosa, bermudas com cores diferentes, com nariz de porcos e um nariz de lobo). Na história, havia três porquinhos surdos que viviam felizes. Um deles, fluente em Língua de Sinais (LS), comentou que estava preocupado com os estudos. O outro, que usava gestos, comentou que estava com fome. Entre os três porquinhos, o do meio fazia a mediação na comunicação entre eles. A mãe porca chamou os porquinhos para o almoço e todos ficaram alegres. Estava um lindo dia, a mãe porca despediu-se dos seus filhos e disse:

- Sentirei saudades! Cada um segue seu caminho com a responsabilidade de construir sua própria casa. Qualquer coisa, me avisem! Como? O porquinho (gestos) vem a pé até aqui, o segundo porquinho manda carta e o porquinho fluente em língua de sinais envia um email ou mensagem de celular, ok?

Os porquinhos disseram:

- Tá! tudo bem!

Os três porquinhos partiram pela floresta em busca de um bom lugar para construírem suas casas. Cada porquinho tinha um espaço diferente e foram para lá.

O primeiro porquinho (Gesto) construiu sua casa com palha. O Lobo estava escondido observando a construção da casa. O porquinho (Gesto) descansava na casa quando, de repente, o Lobo bateu à porta várias vezes, mas ele não atendeu. Logo, o Lobo percebeu e tocou a campainha que fez a luz piscar. O porquinho atendeu a porta e o Lobo disse (sinalizou):

- Oi, meu nome é L-O-B-O, meu sinal é esse.

O Porquinho (Gesto) não entendia, pois desconhecia a Língua de Sinais.

O Lobo respondeu:

- Minha mão é perigosa.

E o Porquinho (Gesto) colocou o dedo no nariz e mostrou para Lobo.

- Assim?!

O Lobo ficou furioso, dizendo que ele não sabia se comunicar em Língua de Sinais, mas que era importante. As mãos “sopraram”, a casa de palha caiu e o porquinho desesperado correu em direção à casinha de madeira do seu irmão porquinho (SC)<sup>31</sup>. Ele explicou com gestos, meio confuso. Em seguida, o Lobo tocou a campainha luminosa e o porquinho (Gesto) ficou tremendo de medo quando percebeu que era o Lobo na porta.

Então, o porquinho (SC) atendeu a porta com calma e o lobo disse (sinalizou):

- Quero falar com o porquinho (Gesto)!

O porquinho (SC) respondeu:

- Sinaliza devagar, pois não entendo rápido.

O Lobo, furioso, sinalizou devagar:

- Quero falar com ele!

---

<sup>31</sup> SC – Sinais caseiros

Assim, o Lobo percebeu que os porquinhos não sabiam Língua de Sinais e fez as mãos “soprarem” com força e eles correram na direção da casa de tijolos do seu irmão porquinho (LS) que tinha de tudo, como notebook, internet, TV LCD e outras tecnologias.

Os dois porquinhos explicaram tudo com gestos e sinais caseiros. Na casa de tijolos, quando piscou a campainha, os porquinhos ficaram tremendo enquanto o porquinho (LS) sinalizou:

- Confiem em mim. Calma!

E atendeu a porta, perguntando quem era.

O Lobo sinalizando rápido disse:

- Oi, meu nome é L-O-B-O e meu sinal é esse.

O porquinho (LS) sinalizou:

- Oi, tudo bem! Meu nome é P-O-R-Q-U-I-N-H-O e meu sinal é esse.

O Lobo ficou surpreso ao ver que ele sabia Língua de Sinais.

O porquinho (LS) sinalizou:

- O que você quer?

O Lobo respondeu:

- Quero conversar com eles!

O porquinho (LS) respondeu:

- Hum! Pode falar que eu interpreto para você.

E Lobo sinalizou:

- Não, quero falar diretamente com eles, pois eles não sabem Língua de Sinais.

Hahah...

O porquinho (LS) disse:

- Olha, eles não sabem, mas tenha respeito! Então, por que não escreve em português?

- Hum! Não sei escrever! disse o Lobo.

O porquinho (LS) respondeu:

- Sinto muito!

E o Lobo ficou furioso e os dois começam a discutir irritados. O porquinho (LS) defendeu os irmãos porquinhos. Assim, logo no início da discussão, sinalizaram devagar, como em câmera lenta. Finalmente, o Lobo perdeu a discussão na sinalização. Percebeu que o porquinho (LS) tinha mais competência e riqueza linguística, por isso o Lobo foi embora. Os porquinhos ficaram alegres e fizeram uma dança de roda. O porquinho (LS) disse que iria ensinar seus irmãos a serem fluentes em Língua de Sinais e eles aceitaram.



**Tema:** A Cigarra e as Formigas (Fig. 24)

**Grupo 6:** Carilissa Alba, Daniel Romeu, Diogo Madeira e Valéria Scangarelli.

**Autor:** Monteiro Lobato



Figura 24: Cenas de “A Cigarra e as Formigas” (Grupo 6)

A história é apresentada por uma pessoa (contação individual), com cenário fixo e ao ar livre, sem ilustrações. São duas histórias: uma sobre a formiga boa e outra sobre a formiga má.

#### Formiga boa

As formigas trabalhavam carregando “comida” pelo caminho. Em uma árvore, havia uma cigarra tocando violino. E tocava muito bem; bem suave. As formigas gostavam da música. A música acalmava as formigas enquanto levavam toda aquela comida para guardarem para o próximo inverno. A cigarra não trabalhava; nem tinha casa própria. No dia em que o inverno chegou, a cigarra sentiu frio e foi até a casa das formigas pedindo para ficar lá, porque elas tinham casa para se proteger do frio e também comida. A formiga que atendeu a porta perguntou: - O que você faz? E a cigarra respondeu: - Eu só sei tocar violino. A formiga respondeu que todas as formigas gostavam muito de sua música e isso ajudava a relaxar e evitar o estresse delas enquanto trabalhavam. Então, elas aceitaram que a cigarra ficasse na casa até acabar o inverno. A cigarra teria, então, que tocar música até que virasse uma festa dentro da casa das formigas.

#### Formiga má

As formigas trabalham carregando “comida” pelo caminho. Em uma árvore, havia uma cigarra tocando violino. As formigas não gostam da música dela, porque incomodava

enquanto elas pegavam comida para guardar para todo o próximo inverno. A cigarra não trabalhava; nem tinha casa própria. No dia que chegou o inverno, as formigas tinham sua própria casa e sua comida. A cigarra sentiu frio e, ao procurar comida, não encontrou nada. Pensou: - Vou à casa das formigas. Perguntou se podia ficar lá durante o inverno. Uma das formigas, que não gostava da cigarra, foi atender e perguntou o que ela queria. A cigarra pediu para ficar na casa delas até acabar o inverno porque estava muito frio lá fora. A formiga respondeu que não, porque não gostava de sua música, que ela se virasse e ficasse na rua; fechando a porta na cara dela. A cigarra ficou na rua, desesperada até sua morte. As formigas ficaram em casa e fizeram a maior festa.

Comparação entre as histórias. A primeira evidencia a gratidão; a segunda, a falta de gratidão.

**Tema:** Shrek (Fig. 25)

**Grupo 7:** Carine Diesel, Cristian Strack, Gaspar Scangarelli e Giovana.



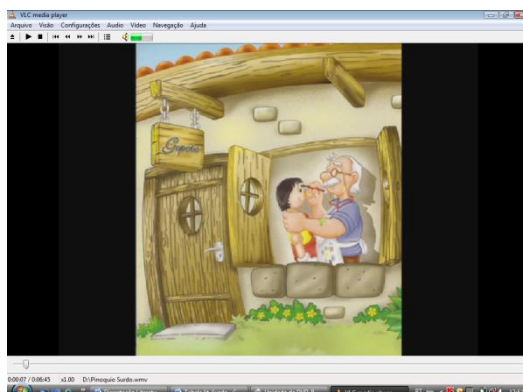
Figura 25: Cenas de “Shrek” (Grupo 7)

O grupo se apresenta através de dramatização feita pelo grupo, cenário ao ar livre, com ilustrações, sem figurinos. Na história, Shrek é um surdo feio que vivia sozinho. A sociedade ouvinte não gostava dele, por isso ele foi tomar banho de lama, o que era comum na sua cultura. O castelo tinha todos os tipos de animais mágicos, mas o Rei não gostava de animais. Então decidiu expulsar todas as criaturas mágicas para a casa do Shrek. Ele ficou muito irritado porque o Rei jogou tudo na casa dele por não gostar de animais. O burro mágico foi falar com Shrek sobre amizade, só que Shrek não sabia se comunicar com os animais por usar Língua de Sinais, estar acostumado a ficar sozinho, ser feio e ser perigoso. O burro mágico se ofereceu para acompanhar e tentar falar com os animais. Ele aceitou.

O Shrek chegou a um acordo com o Rei: ele iria buscar a mulher dos sonhos do Rei, a Princesa Fiona, que estava num castelo guardada por um dragão e o Rei tiraria todas as criaturas mágicas da casa dele e colocaria em outro lugar na floresta. O que aconteceu foi que Shrek, acompanhado do burro mágico ao qual ele tinha salvo a vida, consegue salvar a princesa. Saíram correndo porque o Dragão vinha atrás deles. No meio da floresta, descansando, Shrek explicou todos os detalhes sobre o acordo com o Rei, mas a Princesa Fiona não gostava do Rei e, sim, do Shrek e pediu para aprender Língua de Sinais. Shrek trouxe a Princesa Fiona para entregar ao Rei como tinha prometido, mas Shrek estava apaixonado pela Princesa. O burro mágico o aconselhou a pegá-la de volta. No final, Shrek pega de volta a Princesa e fica surpreso ao ver que ela é surda igual a ele, ogro, e sabia se comunicar em Língua de Sinais. Casaram e foram felizes para sempre.

**Tema:** Pinóquio Surdo (Fig. 26)

**Grupo 8:** Andre Luis da Silva, Carla Kles, Claudia Sarturi, Jeferson Miranda, Nelson Goettert e Sonia Messerschmidt.



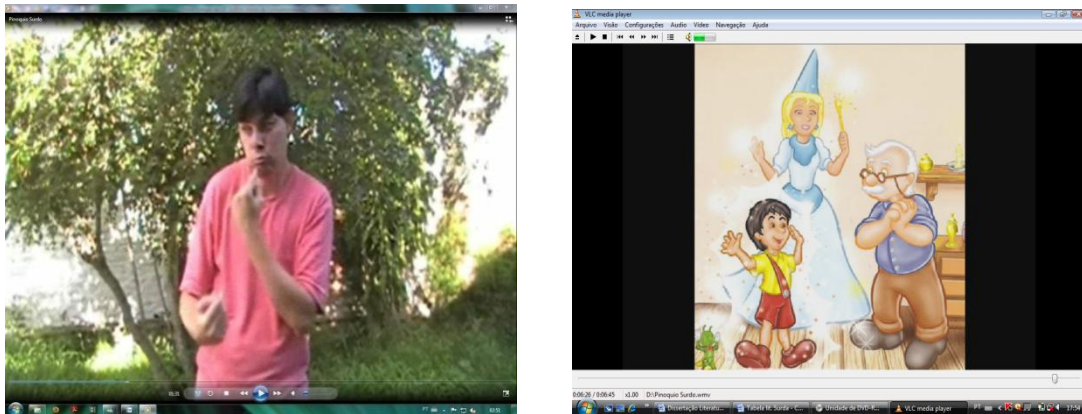


Figura 26: Cenas de “Pinóquio Surdo” (Grupo 8)

O grupo apresenta uma contação individual, usa cenário fixo (ao ar livre) e com ilustrações. Na história, Gepeto, surdo, sentia falta de alguém para conversar. Teve a idéia de construir um boneco de madeira que chamou de Pinóquio. Numa noite estrelada, uma fada azul apareceu e deu vida ao Pinóquio que ficou em pé, vivo, como gente. A fada azul o aconselhou a acompanhar Gepeto, ser educado e ser oralizado. No dia seguinte, Gepeto acordou e viu que Pinóquio tinha ganhado vida e estava respirando. Ficou feliz, mas mal se comunicavam, Gepeto usava Língua de Sinais e Pinóquio usava a Língua Oral. Gepeto, em respeito ao Pinóquio, chamou o Grilo para acompanhá-lo até a Escola de Surdos para aprender Língua de Sinais, mas Pinóquio não o obedeceu e se envolveu em uma confusão na rua. O nariz de Pinóquio cresceu e ficou tão comprido que precisou ser salvo por Gepeto, que estava preso dentro da barriga de uma baleia. Pinóquio se arrependeu e quis aprender a Língua de Sinais. Gepeto ensinou Língua de Sinais para ele, mas ele teve muita dificuldade de aprender. Certa noite, a fada azul apareceu e Pinóquio pediu uma mágica: queria saber Língua de Sinais para se comunicar com Gepeto e ser respeitado por ele. A fada azul fez a mágica. No dia seguinte, Gepeto acordou e ficou surpreso ao ver Pinóquio sinalizando. Ficou muito feliz de poderem conversar para sempre.

**Tema:** Paixão dos Gatos (Fig. 27)

**Grupo 9:** Carolina Sperb, Caroline Garcia, Carlos Oya, Cristiano Vaz e Luciana Vaz.

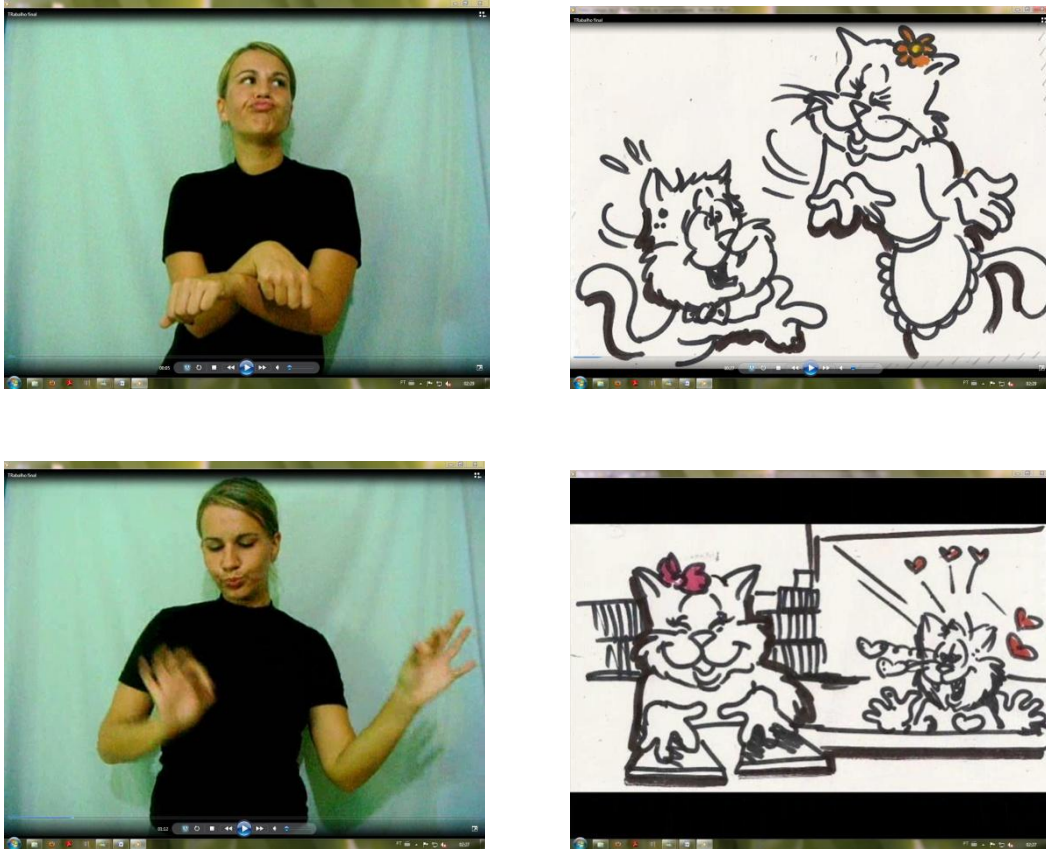


Figura 27: Cenas de “Paixão dos Gatos” (Grupo 9)

O grupo apresenta uma contação individual, cenário fixo e com ilustrações. Na história, um gato estava deitado sem fazer nada, enquanto a mãe do gato limpava a casa. Então, o gato resolveu sair de casa. No caminho, havia muitos restaurantes e lojas. De repente, o gato viu uma gata linda através do vidro, uma vendedora de uma loja de CDs (músicas), e, por ter se apaixonado, resolveu entrar na loja. A gata (a vendedora) o atendeu e começou a falar, mas o gato apontou um CD para levar e nem abriu a boca para responder, porque ele era surdo. A gata não percebeu e pegou o CD que ele pediu. Fez o pacote para presente, entregou e ele foi embora. No dia seguinte, o gato voltou à loja e, do mesmo jeito que indicou o primeiro CD para levar, apontou outro, porque estava apaixonado pela gata. Então, o gato voltou à loja várias vezes para comprar CDs pelo mesmo motivo, mas ele não disse que estava apaixonado. A mãe do gato percebeu e perguntou o que estava acontecendo. Ele explicou que estava apaixonado por uma ouvinte, mas como ia se comunicar com ela? Ela deu a dica para que ele escrevesse mensagens para o celular. Em outro dia, o gato foi até a

loja e deixou um bilhete com o número do seu celular na mesa da gata e, sem que ela percebesse, foi embora. Quando a gata viu, ficou surpresa e ligou para ele. Ele recebeu ligação e não atendeu por medo dela descobrir que ele era surdo. A gata ligou várias vezes durante muitos dias até a mãe do gato atender. A gata estranhou a voz feminina e perguntou:

- Quem é você?

A mãe respondeu:

- Sou a mãe dele.

A vendedora disse:

- Posso falar com ele?

E a mãe disse:

- Desculpe, ele faleceu anteontem porque tinha câncer.

A vendedora disse:

- Ah! Por que ele não atendeu, liguei várias vezes?

A mãe respondeu:

- É mesmo? Desculpe, ele era surdo. Você que trabalha na loja CDs?

A vendedora afirmou:

- Sim!

E a mãe disse:

- Ele pedia para você mandar mensagem para ele.

E a vendedora disse:

- Ah...

E desligou! A mãe do gato achou estranho e resolveu ir até o quarto do filho. Abriu o armário e encontrou um monte de pacotes de CDS sem abrir, porque ele não usava por ser surdo. A mãe abriu os presentes e descobriu que tinham vários bilhetes da gata dizendo que queria conhecê-lo.

**Tema:** Os Sete Cabritinhos e o Lobo. (Fig. 28)

**Grupo 10:** Aline Brancalione, Jaqueline Boldo, Lisandra Nova, Tatiane Berte e Tatiane de S. da Anhaia.



Figura 28: Cenas de “Os Sete Cabritinhos e o Lobo” (Grupo 10)

O grupo apresenta uma contação individual, cenário fixo, com ilustrações. Na história, a mãe cabra, que tinha sete cabritinhos, amava-os muito e protegia-os sempre.

Um dia, a mãe viu que a despensa estava vazia, então resolveu buscar alimentos. Antes de sair de casa, aconselhou os cabritinhos, que ficariam sozinhos em casa, da não permissão para abrir a porta a ninguém. Os cabritinhos disseram: “não te preocupes”. A mãe insistiu: “Cuidado com o lobo mau, vocês poderão reconhecê-lo pela voz rouca e pelas patas de cor preta” e partiu.

Mais tarde, o lobo visitou a casa, bateu na porta e disse: “Sou vossa mãe, trouxe comidas para vocês!” Os cabritinhos não acreditaram, pois sua mãe não tinha voz rouca e feia. Então o lobo foi comprar mel e o comeu para amaciar a voz e ela ficar fina, parecida com a da mãe dos cabritinhos e voltou. Os cabritinhos estranharam a voz fina, um verificou a janela, e percebeu as patas negras, que não eram da sua mãe, porque sua mãe tinha patas brancas.

O lobo ficou furioso. Teve a idéia de voltar à loja para comprar farinha branca, colocou-a em cima das patas do Lobo para ver se ficavam parecidas com a da mãe dos cabritos, que tinha patas brancas. Logo que voltou a casa dos cabritinhos, eles acreditaram no lobo, que os devorou, exceto um escondido.

Quando a mãe voltou para casa, ficou assustada, pois os cabritinhos haviam sumido. De repente encontrou um cabritinho escondido, que relatou o acontecido.

A mãe foi à floresta atrás do lobo, encontrou o lobo dormindo, e percebeu que os cabritinhos ainda estavam vivos em sua barriga. Então, pegou uma faca e cortou a barriga do lobo e os cabritinhos saíram vivos. Então, a mãe pega pedras e coloca na barriga do lobo, que não percebe, pois está cansado e com muito sono.

Quando o lobo acordou, sentiu sede e resolveu ir até a lagoa para beber água, aproximando-se, caiu e ficou no fundo da lagoa por causa do peso das pedras em sua barriga.

**Tema:** João e Maria (Fig. 29)

**Grupo 11:** Rejane S. Holz

Autor: Jaci José Delazeri - Paraíso da criança V / Ed. Edelbra



Figura 29: Cenas de “João e Maria” (Grupo 11)

Trabalho individual, realizado por uma aluna que apresenta uma história, com cenário fixo e com ilustrações. Na história, os pais são ouvintes e têm dois filhos: João é surdo e



Maria é ouvinte. O pai é lenhador, vive na floresta, e o rendimento com a venda de madeiras não é bom. A madrasta aconselha o marido a livrar-se dos seus filhos e acrescenta: “Assim teremos condições de sustentar a casa.” O pai insatisfeito, pensou que jamais abandonaria seus filhos.

Os filhos estavam no quarto e Maria ouviu a conversa entre os pais. Maria interpretou tudo ao João, então João teve uma idéia. Foi até a rua, pegar pedrinhas e as colocou no bolso.

Certo dia, os pais convidaram seus filhos para um passeio na floresta. No meio do caminho, João pegou do bolso suas pedrinhas e as jogou no chão, uma por uma, sem que seus pais percebessem.

O pai foi trabalhar, enquanto a madrasta mandou que os filhos ficassem em outro lugar. Disfarçadamente os pais voltaram para casa, foi então que João e Maria já sabendo da estratégia, resolveram voltar pelo mesmo caminho onde haviam jogado as pedrinhas, direcionando-os para casa.

O pai encheu-se de felicidade quando avistou seus filhos voltando para casa e a madrasta ficou furiosa, mas teve a idéia de outro dia ir o mais longe possível.

Na seguinte tentativa, os filhos pegaram pães velhos na hora de sair com os pais. João fingia estar comendo o pão, mas jogava-os no chão, pedacinho por pedacinho. Enquanto o pai dirigia-se para o trabalho, a madrasta foi para a floresta, onde deixou seus enteados e voltou para casa. Já anoitecendo, João e Maria resolveram procurar pedaços de pães, mas os pássaros haviam comido os pedacinhos de pão, deixando-os assim, perdidos pelo caminho. João e Maria estavam com fome quando encontraram uma casa decorada com um monte de doces e chocolates, então foram comer.

De repente, apareceu uma bruxa que os aconselhou a entrar na casa. Assim que eles entraram, a bruxa trancafiou João em uma gaiola e Maria tornou-se sua escrava fazendo a limpeza na casa.

A Bruxa tentou comunicar-se com o João, mas não conseguiu entendê-lo; por isso pediu que Maria interpretasse para a língua de sinais. João sempre deveria mostrar um de seus dedos para a Bruxa verificar se estava no ponto. Foi então que João percebeu que Bruxa tinha problemas de visão. Noutro dia, João pegou um passarinho morto, fingindo ser seu dedo, mostrou o pé do passarinho para a Bruxa que ficou furiosa ao pensar que João ainda estava magro, pois seu interesse era que ele engordasse.

A Bruxa resolveu pegar uma panela grande e cortar legumes para depois colocar João dentro dela. Maria teve a idéia de chamar a atenção da Bruxa perguntando sobre como usar o forno. A Bruxa furiosa foi até o forno, enquanto isso Maria aproveitou que a Bruxa estava de

costas, empurrou-a para dentro do forno e a fechou dentro dele. Maria abriu o cadeado da gaiola e fugiu com João pela floresta.

Os passarinhos que estavam ali voando perceberam que os meninos estavam perdidos, e os ajudaram a voltar para casa. O pai preocupado ouviu os passos de seus filhos. Alegre e feliz os reencontrou. A madrasta por sua vez ficou emocionada e arrependida de tê-los deixado na floresta.

Pais e filhos, a partir disso, ficaram sempre em família, unidos e não abandonam seus filhos novamente.

**Tema:** Chapeuzinho Vermelho Surda (Fig. 30)

**Grupo 12:** Andréa Figueiredo

Editor: Jaci Jose Delazeri

Criação e Artes: Sergio Cântara e Miriam Costa

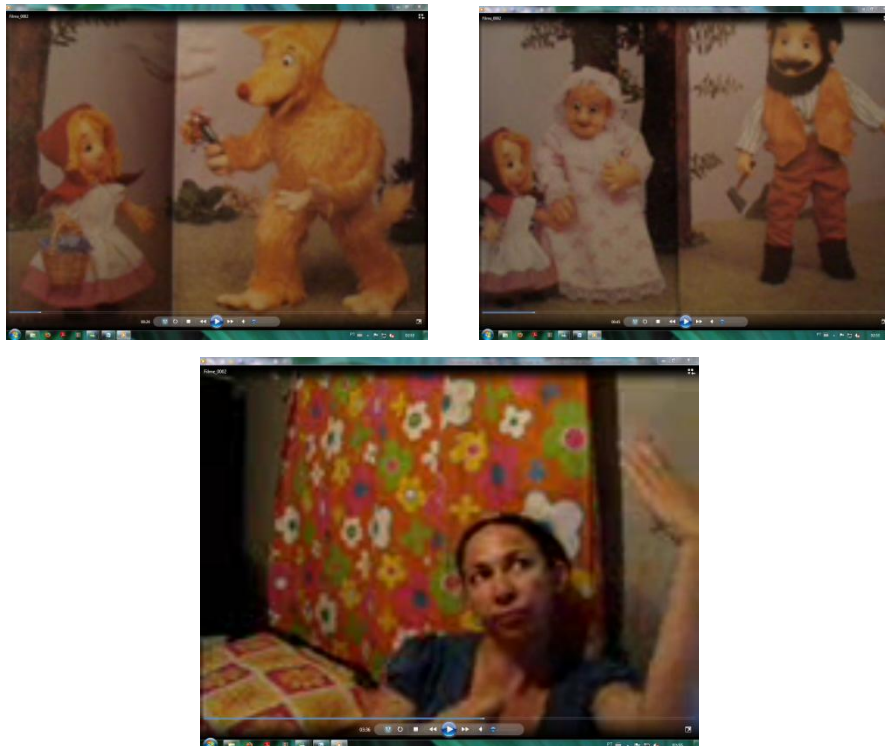


Figura 30: Cenas de “Chapeuzinho Vermelho Surda” (Grupo 12)

Não tem grupo, somente uma aluna fez o trabalho individualmente e apresenta a contação, com cenário fixo e com ilustrações. Na história, Chapeuzinho Vermelho Surda foi visitar sua avó que morava distante e estava doente. Sua mãe mandou a filha lhe fazer uma

visita levando livros de LIBRAS e alguns doces. Aconselhou que ela fosse por uma rua conhecida e que jamais passasse por rua desconhecida. O caminho era muito longo e deveria passar por uma floresta. O Lobo estava na floresta e abordou a menina no caminho fingindo ser amigo, mas sua curiosidade era a bolsa da menina e onde ela a levaria. O Lobo aconselhou a menina a ir por outro caminho, pela rua desconhecida, pois tinha flores lindas. A menina acreditou e seguiu por aquele caminho. O Lobo foi na casa da avó, colocou a avó no armário e vestiu sua roupa deitando em sua cama para esperar a menina aparecer. Ao chegar à casa da avó, foi tomada de surpresa, pois a achou um tanto diferente. A menina perguntou:

- Vovó, por que esses olhos tão grandes?

O Lobo respondeu:

- Os olhos grandes significam que estava chorando de saudade da sua mãe que não aparece aqui.

Ela faz outra pergunta:

- Mas, vovó, por que essas mãos e boca tão grandes?

E o Lobo respondeu:

- Porque eu sinalizava muito e aumentou o tamanho das mãos e das unhas. A boca oralizava bastante e também aumentou e ficou comprida.

O Lobo ficou admirado ao ver que ia ser fácil pegar a menina, mas, de repente, ela saiu correndo e gritando! Encontrou a polícia, que sabia Língua de Sinais, e eles pegaram o Lobo. Depois, foram à casa da vovó e a encontraram no armário sã e salva. A menina lembrou que sua mãe tinha razão, que não deveria ter ido pela rua desconhecida.

### 3.3 DOCUMENTAR AS ENTREVISTAS...

Para dar continuidade à investigação de produções culturais dos surdos, através de histórias que são contadas em Libras, entrevistei os alunos do curso de Letras-Libras que produziram as histórias descritas anteriormente. Inicialmente, enviei uma solicitação à participação na pesquisa e também algumas questões que abririam a discussão, o relato e o depoimento em grupos organizados conforme o trabalho realizado na disciplina de Literatura Surda, na turma do Pólo UFSM. Primeiro, enviei o texto em Libras, pois todos os alunos usam a Libras como primeira língua. Usei os recursos de *webcam* através de meu notebook, sinalizei tudo para explicar aos meus colegas sobre minha pesquisa de mestrado e formulei

perguntas, gravei uma edição de vídeo com programa Windows Movie Maker, depois converti para Windows Media Player (avi). Repassei para Intérprete de Língua Sinais, Quetlin Camargo Ribeiro, para que ela olhasse o vídeo e fizesse a tradução para escrita de português. Logo criei site, usando minha conta do Google (Fig. 31) para que meus colegas pudessem abrir site, assistir ao vídeo (lado esquerdo, clicando no vídeo) ou ler a escrita portuguesa.

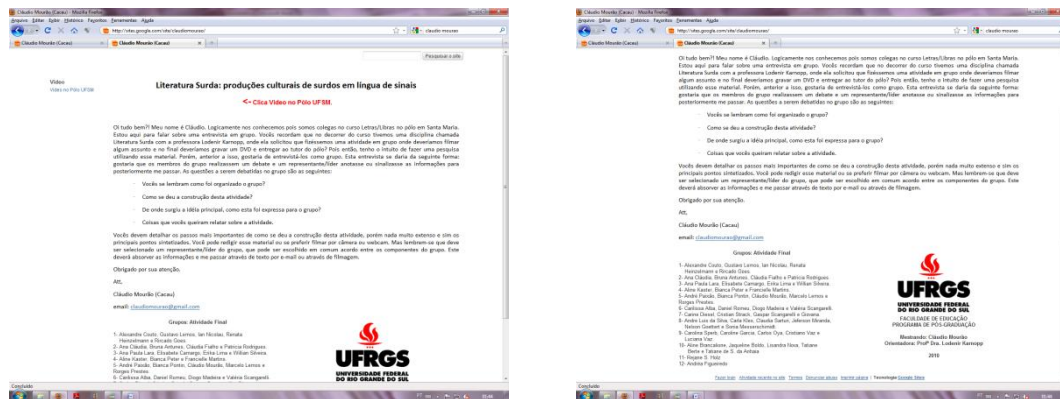


Figura 31: Site: <http://sites.google.com/site/claudiomourao/>

*Oi tudo bem?! Meu nome é Cláudio. Logicamente nos conhecemos pois somos colegas no curso Letras/Libras no pólo em Santa Maria. Estou aqui para falar sobre uma entrevista em grupo. Vocês recordam que no decorrer do curso tivemos uma disciplina chamada Literatura Surda com a professora Lodenir Karnopp, onde ela solicitou que fizessemos uma atividade em grupo onde deveríamos filmar algum assunto e no final deveríamos gravar um DVD e entregar ao tutor do pólo? Pois então, tenho o intuito de fazer uma pesquisa utilizando esse material. Porém, anterior a isso, gostaria de entrevistá-los como grupo. Esta entrevista se daria da seguinte forma: gostaria que os membros do grupo realizassem um debate e um representante/líder anotasse ou sinalizasse as informações para posteriormente me passar. As questões a serem debatidas no grupo são as seguintes:*

- *Vocês se lembram como foi organizado o grupo?*
- *Como se deu a construção desta atividade?*
- *De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?*
- *Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.*

*Vocês devem detalhar os passos mais importantes de como se deu a construção desta atividade, porém nada muito extenso e sim os principais pontos sintetizados. Você pode redigir esse material ou se preferir filmar por câmera ou webcam. Mas lembrem-se que deve ser selecionado um representante/líder do grupo, que pode ser escolhido em comum acordo entre os componentes do grupo. Este deverá absorver as informações e me passar através de texto por e-mail ou através de filmagem.*

*Obrigado por sua atenção.*

*Att,*

*Cláudio Mourão (Cacau)*

*email: [claudiomourao@gmail.com](mailto:claudiomourao@gmail.com)*

As entrevistas estão em anexo. Aquelas que foram enviadas na escrita do português estão no anexo B e a entrevista em Libras está no Anexo A. E Termo de Consentimento está no anexo C.

### 3.4 REALIZANDO ANÁLISES

Nesta seção, apresento as análises dos vídeos/filmes e das entrevistas realizadas em cada grupo do Pólo UFSM, disponíveis no anexo A, com algumas cenas (trailer) das atividades desenvolvidas pelos grupos.

#### **3.4.1 Analisando os Materiais (DVDs)**

Faço uma síntese das características gerais – Ilustrações/Imagens, Cenário e Processo de Produção Literária – encontradas no material que foi filmado e produzido em DVDs, com o objetivo de verificar as histórias que os surdos têm contado, como são caracterizadas essas

histórias e quais são os temas apresentados. Além disso, busco elementos para analisar o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados.

### Quadro de Ilustrações / Imagens

Verifico que todos os grupos apresentam a história somente em Libras e alguns utilizam ilustrações durante a apresentação de narrativas. Os quadros descrevem as ilustrações utilizadas para contar a história e aspectos da visualidade que são incorporados nas histórias que são contadas. Verifico e descrevo se as ilustrações contêm legendas em português e se algum recurso da escrita é utilizado para contar a história.

É importante salientar que são recorrentes expressões faciais e corporais acentuadas no uso da língua de sinais e são utilizados movimentos, configurações de mão e locações com efeitos estéticos e expressivos, articulados com formas artístico-literárias de uso da Língua de Sinais. A partir disso, sistematizo a presença desses **recursos expressivos e estéticos em Língua de Sinais** através da sigla **REE**.

**Observação:** \*CSC – Cenas (ilustrações) diferentes, na sequência da narrativa exibidas como \*Cena/Sinal/Cena. Pode haver variações em algumas sequências, por exemplo: Cena-Sinal (CS), Sinal-Cena (SC), etc...

Quadro 1 – Utilização de Ilustrações e Recursos Expressivos

Nº	Título da história	Ilustrações e recursos expressivos
01	O cavalo e as amigas Hienas	Não há ilustrações. Utiliza recursos expressivos e estéticos em Língua de Sinais. Sem legenda.
02	Chapeuzinho vermelho	Algumas cenas das ilustrações da autora do livro. Utiliza a cena *CSC. Utiliza recursos expressivos e estéticos em Língua de Sinais. Sem legenda.
03	João surdo pé de feijão	Com programa PowerPoint (ppt), há ilustrações feitas pelo grupo, sem escrita de português. Todos os slides com ilustrações animadas, ao mesmo tempo vídeo no canto (janela) com sinalização.
04	A festa do céu	Não há ilustrações. Utiliza a Língua de Sinais para contar a história com alguns recursos expressivos e estéticos. Sem legenda.
05	Três porquinhos e um lobo	Não há ilustrações. Utiliza recursos expressivos e estéticos em Língua de Sinais. Sem legenda.

06	A Cigarra e as Formigas	Não há ilustrações. Utiliza a Língua de Sinais para contar a história. Sem legenda.
07	Shrek	Utiliza algumas ilustrações, como *CSC. Utiliza a Língua de Sinais para contar a história com alguns recursos expressivos e estéticos. Sem legenda.
08	Pinóquio surdo	No início, apresenta somente uma ilustração, retirada de um livro, entre Pinóquio e Gepeto. Depois utiliza a Língua de Sinais para contar a história. No final, há duas ilustrações, todas as ilustrações sem escrita e legenda em português.
09	Paixão dos Gatos	Algumas cenas são ilustrações feitas por desenhista, como *CSC. Utiliza recursos expressivos e estéticos em Língua de Sinais. Sem escrita e legenda.
10	Os sete cabritinhos e o lobo	Apresentou o livro do autor utilizado, mostra as ilustrações em cada página, com a escrita de português. Depois utiliza a Língua de Sinais para contar a história. Sem legenda.
11	João e Maria	Apresenta ilustrações do livro do autor, sem escrita de português. Utiliza a *CSC. Usa a Língua de Sinais para contar a história com alguns recursos expressivos e estéticos. Sem legenda.
12	Chapeuzinho Vermelho Surda	Primeiro apresenta ilustrações do livro do autor, sem escrita de português. Depois utiliza a Língua de Sinais para contar a história. Sem legenda.

### Quadro sobre Cenário

Verifico, a partir do material produzido em vídeo, que alguns surdos utilizaram cenário fixo (um único plano de fundo do início ao fim da história) ou móvel (diferentes planos de fundo utilizados na história, por exemplo, cenas ao ar livre em que vai mudando o cenário, modificando o ambiente em que a história é contada). Alguns contadores de história utilizam cenários previamente construídos para a história ou para o poema. A história é contada em Libras, por um aluno ou pelo grupo, sendo que alguns apresentam dramatização, outros narram a história com o sinalizador em primeiro plano, entre outras possibilidades, conforme descrito a seguir.

Quadro 2 – Utilização de Cenário e tipo de apresentação

Nº	Título da história	Característica do cenário e tipo de apresentação
01	O cavalo e as amigas Hienas	Móvel, em cenas diferentes dentro de casa, com figurinos. Dramatização pelo grupo.
02	Chapeuzinho Vermelho	Móvel, em cenas diferentes dentro de casa e no quintal, com figurinos. Dramatização pelo grupo.
03	João surdo pé de feijão	Fixo, é contado principalmente por uma aluna nos slides com ilustrações animadas, sendo que ela aparece em uma janela. As outras alunas dividem, sendo que uma faz a apresentação e outra faz a introdução.
04	A Festa do Céu	Fixo. É contada por uma aluna.
05	Três Porquinhos e um Lobo	Móvel em cenas diferentes, com figurinos. Dramatização pelo grupo.
06	A Cigarra e as Formigas	Fixo. É contado por um aluno.
07	Shrek	Móvel em cenas diferentes. Dramatização pelo grupo.
08	Pinóquio surdo	Fixo. É contado por um aluno.
09	Paixão dos Gatos	Fixo. É contado por uma aluna.
10	Os Sete Cabritinhos e o Lobo	Fixo. É contado por uma aluna.
11	João e Maria	Fixo. É contado por uma aluna sem grupo.
12	Chapeuzinho Vermelho Surda	Fixo. É contado por uma aluna sem grupo.

### Quadro sobre o Processo de Produção Literária

Verifico aqui se a história é caracterizada como **adaptação** (história é baseada em outra história com algumas mudanças/adaptações), **tradução** (história apresentada é uma tradução interlingual) ou **criação** (texto inédito) de um aluno ou do grupo de alunos



Quadro 3 – Tipos de Produção Literária

Nº	Título da história	Tradução	Adaptação	Criação
01	O cavalo e as amigas Hienas	Sim	-	-
02	Chapeuzinho vermelho	-	Sim	-
03	João surdo pé de feijão	-	Sim	-
04	A festa do céu	Sim	-	-
05	Três porquinhos e um lobo	-	Sim	-
06	A Cigarra e as Formigas	Sim	-	-
07	Shrek	-	Sim	-
08	Pinóquio surdo	-	Sim	-
09	Paixão gato	-	Sim	-
10	Os sete cabritinhos e o lobo	Sim	-	-
11	João e Maria	-	Sim	-
12	Chapeuzinho Vermelho Surda	-	Sim	-

### 3.4.2 Analisando os quadros

Fiz levantamento das características gerais, separei todos os detalhes e achei interessante como eles produziram, construíram o processo de trabalho pela filmagem, pois não são atores profissionais, sim alunos com vontade de aprender. Analisei as características do Quadro 1 e comprovei que alguns utilizam ilustrações e imagens para contar a história, sendo que cada grupo tem seus objetivos. As ilustrações ajudam a visualizar e identificam os contextos das histórias pelas páginas dos textos, sendo ligadas ao propósito de identificar e compreender a situação e como forma de propiciar entendimento. Verifiquei que a maioria dos grupos utilizou ilustrações dos livros adaptados. Alguns livros têm escritas de português, mas, ao contar as histórias os surdos não focalizam a escrita, só mostram as ilustrações, como uma forma de leitura da imagem e como forma de dar sequência à narrativa. As ilustrações, em geral, têm por objetivo o público-alvo.

**Quadro 4 – Síntese de utilização de diversos recursos de apresentação de histórias**

Nº	Presença de Ilustração	Presença de *CSC	Presença positiva de REE	Presença de legenda / escrito de Português
1			X	
2	X	X	X	
3	X		X	
4			(x)	
5			X	
6			(x)	
7	X	X	(x)	
8	X		(x)	
9	X	X	X	
10	X		(x)	
11	X	X	(x)	
12		X	(x)	

X – positivo

(x) – pouca utilização.

\*CSC – cena / sinalizar / cena

REE – Recursos Expressivos e Estéticos

É comum dizer que os surdos usam a visão para entender e compreender os significados, mas não somente os surdos fazem isso, também as crianças (e adultos) ouvintes pouco letrados, por exemplo: as crianças ouvintes não-alfabetizadas usam visualizar as ilustrações, portanto a professora ou os pais mostram as ilustrações e contam a história ou vão virando as páginas, primeiro vendo as ilustrações e depois os pais (ou professora) contam a história para as crianças que ouvem histórias antes de dormir ou mesmo na escola. Igualmente, as crianças surdas usam visualizar as ilustrações enquanto os pais ou professores contam (sinalizam) as histórias. As crianças podem refletir, desenvolver a imaginação, conhecer histórias de mistérios, aventura... . Tanto os surdos como os ouvintes têm as mesmas oportunidades, a diferença está na língua. Também devemos lembrar que vivemos numa época em que a visualidade é muito importante.

Através da sequência cena-sinal-cena (\*CSC), as ilustrações e a língua de sinais favorecem essa ligação entre a história e as imagens e as crianças adquirem o entendimento.

As crianças compreenderem as narrativas sem ilustrações, somente através da contação da história, é mais difícil, pois poderia talvez surgir um pouco de desinteresse ou cansaço, dependendo da criança. Os recursos expressivos e estéticos em língua de sinais se juntam às ilustrações, em geral para atrair a atenção tanto de crianças surdas quanto de adultos, sem precisar de legenda.

Por fim, é possível concluir pela análise do Quadro 4, que a utilização de ilustrações e o uso de recursos estéticos e expressivos da Libras foram as formas mais frequentemente utilizadas pelos surdos para contar uma história. Por último, não há legendas em Língua Portuguesa no vídeo, pois a língua própria dos surdos é usada para contar a história. Como o foco do trabalho é Literatura Surda, o público deveria conhecer Libras para acompanhar a história que está sendo contada. Esses são vídeos que, em geral, estão centrados na língua de sinais, podendo ser utilizados em cursos de Libras, para crianças ou jovens surdos ou ouvintes, aprendizes dessa língua.

**Quadro 5 – Analisando Cenário e forma de apresentação**

Nº	Móvel	Fixo	Figurinos	Dramatização pelo grupo	Contação Individual
1	X		X	X	
2	X		X	X	
3		X			X
4		X			X
5	X		X	X	
6		X			X
7	X			X	
8		X			X
9		X			X
10		X			X
11		X			X
12		X			X

Analisando os dados do Quadro 5 sobre figurinos, cenários e formas de apresentação. Vê-se claramente a escolha entre duas alternativas: contação com língua de sinais e dramatização.

Oito grupos têm cenário fixo e a história é contada por um único surdo individualmente, posicionado em frente à filmadora. Admiro que eles representem ser surdo, sem se preocupar em frente à câmera, e simplesmente continuam sinalizando naturalmente. Já os outros quatro grupos apresentam cenário móvel, em cenas diferentes, com figurinos e dramatização. Minha maior surpresa foi que eles se preocuparam em representar as ações as imagens, figurinos, posição e movimento, construídos pelo próprio grupo, não somente focalizando o ator ou atriz que conta a história. Isso me esclareceu bastante algumas histórias, refletindo sobre elas. Algumas histórias eu não conhecia e a construção do cenário me fez entender e compreender – até posso sorrir enquanto olho na TV, histórias simplesmente construídas pelo grupo com uma rica valorização do ser surdo.

Além das análises que apresentei até agora, destaco a presença de personagens surdos nas histórias contadas pelos grupos. Do total de doze grupos, nos quatro grupos de tradução, não há personagens surdos. Dos oito grupos que fizeram adaptação, em cinco grupos existe um personagem surdo; em três grupos, toda a família é surda.

**Quadro 6 – Analisando o Processo de Produção Literária**

Nº	Tradução	Adaptação	Criação
1	X		
2		X	
3		X	
4	X		
5		X	
6	X		
7		X	
8		X	
9		X	
10	X		
11		X	
12		X	

X - Positivo

Como já expliquei anteriormente sobre adaptação, tradução e criação (no capítulo 2.2), então, podemos ver na tabela do Processo de Produção Literária, que analisei (Quadro 6), que

a maioria das histórias são caracterizadas como adaptação, seguido de tradução e, por fim, não houve criação. Podemos ver que eles reconhecem a importância da literatura brasileira e estrangeira, que propicia sentimentos, emoção e reflexão; logo, fizeram adaptação dentro da cultura surda tornando relevante a comunidade surda. Além disso, para a tradução reconhecem uma rica literatura e sabem que são outras fronteiras e outras culturas. No caso da criação, vê-se que não foi uma tarefa fácil, pois ainda é cedo, já que estão aprendendo a investir em idéias. Além disso, nem todos os ouvintes são também autores literários.

### 3.4.3 Análise das entrevistas

Antes de analisar as entrevistas feitas, saliento o retorno das respostas de oito grupos. Todos responderam por email: sete grupos responderam pela escrita de português e um grupo (individual) respondeu em Libras, pelo vídeo gravado (Media Player). E quatro grupos não enviaram as respostas. No caso do vídeo gravado (anexo A – Grupo 11), repassei para Intérprete de Língua de Sinais (ILS), Luiz Daniel (UFRGS/FACED), que traduziu o vídeo para escrita de português.

Analisei as perguntas e comparei as respostas (veja anexo B), para me certificar sobre como os alunos trabalharam e as idéias que surgiram em seus próprios grupos. Lembre-se de que esses alunos estão estudando no curso de Letras/Libras, disciplina de Literatura Surda, sendo que alguns colegas têm formação acadêmica em outro curso ou têm profissão como professor de Libras nas escolas de surdos, cursos e universidades. Então, vamos analisar e comparar as respostas dos grupos, sendo a primeira pergunta: **Vocês se lembram como foi organizado o grupo?** Analisei as respostas dos oito grupos, todos com respostas semelhantes e verifiquei a comparação, percebendo que a maioria afirma ter elaborado as idéias no grupo, através da ajuda, reflexão, interação, acréscimos, sugestões, etc; quanto mais se trabalhou em equipe, melhor, pois houve mais rapidez e criatividade. Esses grupos procuraram e pesquisaram várias produções literárias, em livros, sites, etc., para obterem entendimento, conhecimento das narrativas e enredos, e depois poderem adaptar ou traduzir, por exemplo. Outro impressionante destaque foi o uso da tecnologia, como internet, que ajuda mais para ter contato, informações, pesquisar, buscar vídeo e outros, até editar filme. Isso foi considerado ótimo para a comunidade surda no Brasil e no mundo, já que cada um pode entrar em contato com outro(s) por MSN ou e-mail, sem precisar de encontro presencial para fazer grupo de

trabalho. O grupo 6, por exemplo, afirmou: (...) *A parte mais difícil é que os colegas do meu grupo não moram na mesma cidade que moro, porém tivemos sucesso ao combinar tudo pela internet que foi eficiente! Ficamos lendo uns livros e vídeos pela internet... Aí tivemos a idéia de construir aquele trabalho o qual apresentamos na aula.*

Sobre a segunda questão: **Como se deu a construção desta atividade?**, analisei as respostas e comparei umas às outras, mas não há semelhanças. Cada grupo construiu de forma diferente; eles foram construindo baseados em seus conhecimentos; veio a idéia do grupo, assim foram acrescentando para construir as atividades da disciplina. Percebi que a maioria dos alunos estudou em escolas de surdos, bilíngües, e principalmente encontram surdos em associações de surdo, convivendo com a comunidade surda, onde recebem mais informações. Os alunos sabem como organizar grupos, através da experiência que tiveram em colaborar ou trabalhar em vários eventos como seminários, esportes, educação, por exemplo: Encontro de Jovens Surdos, Olimpíada de Surdos, e outros. Eles mesmos têm experiência de construir grupos e obter conhecimento através de leitura ou informações, principalmente no curso de Letras/Libras.

Podemos ver que eles tiveram experiências de construção da identidade cultural, através de letramento cultural<sup>32</sup>. Um grupo narra que conheciam uma fábula, melhor ainda, que uma colega traduzia para as colegas do seu grupo. Segundo o grupo 1 (O cavalo e as amigas Hienas): “(...) *é o Alexandre, que saiu do curso, conhece esta fábula e gosta muito desta história... E nós pensamos que vale a pena passar para outros.*”

E outra importância também foi que o grupo 2, que fez uma adaptação do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, se preocupou em apresentar a história através de personagens surdas, ligando idéias à identidade surda, esclarecendo sinalização para que as crianças surdas ou adultos surdos tivessem entendimento durante a narrativa apresentada no vídeo. Cito o que dois grupos comentam:

- **Grupo 2:** *Nós escolhemos esta história que tem personagens fortes diretamente em uso de LIBRAS, que existem expressões e movimentos.*
- **Grupo 6 (A Cigarra e as Formigas):** *(...) um colega do nosso grupo seguiu a idéia de desenhar as mãos por causa da nossa famosa Libras.*

---

<sup>32</sup> Letramento cultural – significa o conhecimento dos valores, história, herança e experiências compartilhadas do povo surdo. Isso foi feito pelo currículo de ASL (Silveira 2006, p. 55)

Podemos ver que existe preocupação em melhorar a educação de surdos, como no exemplo acima; isso significa que a gente usa Literatura Surda, produz representações sobre surdos e sobre a língua de sinais, dentro de um círculo com resultado de empoderamento cultural. É, da mesma forma, essa a preocupação dentro do Brasil e de outros países, em relação à educação de surdos. Cito Silveira que refere um site de uma escola de surdos nos Estados Unidos, mostrando exemplos e explicações:

(...) currículos e métodos da CLEARY SCHOLL FOR THE DEAF, do estado de Nova Iorque (EUA). Lá existe o programa de ASL – American Sign Language, sendo que o objetivo das aulas expresso é de encorajar os alunos a entenderem a estrutura de ASL; desenvolver sua própria auto-estima através de habilidades de comunicação (habilidades de expressão e recepção); tornar-se consciente da cultura surda, da história e da comunidade surda. As atividades incluídas são: gramática, aumento de vocabulário, poesia, classificadores, interações, jogos, identificação de principais eventos e pessoas. (2006, p. 54)

Um grupo, que fazia a atividade individualmente, se preocupou com a questão da produção literária para crianças surdas, já que a maioria das produções literárias são voltadas para ouvintes, trazendo representações de surdos vinculadas à deficiência, falta, incapacidade. Os grupos 10 (Os sete cabritinhos e o lobo) e 11 (João e Maria) mostram o perfil de maneira a trabalhar com as crianças surdas, para desenvolver outras representações de surdos; cito o que os dois grupos comentam:

- **Grupo 11:** *Eu penso em como criar maneiras para que, no ensino de crianças surdas possa haver o despertar para essa literatura. Trabalhar com fábula, conto, contos de fadas, todos esses tipos de textos são muito interessantes e me dão muito o que pensar, o que pesquisar em termos de subjetividade. Essa literatura traduzida para os surdos, quando adaptadas à maneira deles pensarem, me interessa muito. Também o que desperta o meu interesse é a questão do que é criado, as idéias que partem da comunidade surda. (...) da Rapunzel e da Cinderela surda, então, isso é criação dos surdos, é o que desperta nas crianças essa admiração e faz com que eles se apropriem do que está sendo apresentado, compreendendo que, como surdos, também são capazes.*
- **Grupo 10:** *Literatura surda é muito importante para surdas, porque elas não tinham informação sobre Literatura, outros ouvintes, criança, adolescente, jovem, adulto e idoso já informa muito e conhecimento no mundo do que surdas.*

Quanta à preocupação com os figurinos e filmagem, dois grupos afirmaram buscar equipamentos, cenários e figurinos, para a visualização do contexto entre narrativa e cenário. Pelo que vejo, além das atividades, percebi que queriam qualidade de vídeo, figurinos, até se preocuparam com a iluminação. Simplesmente, eles tiveram experiências através de estudos ou escolas, tal como teatro, edição de vídeo, sites e outros. Veja o que os grupos comentam:

- **Grupo 5 (Três porquinhos e o lobo):** *Antes de realizarmos as filmagens, foi necessário procurarmos nas lojas a máscara em forma de nariz do porco e do lobo, para igualar a cor de todos os porcos como identificação, tivemos que comprar também as camisetas de cor rosa.*
- **Grupo 9 (Paixão do Gatos):** *Foi muito trabalho, porque não tinha um local adequado para filmar, utilizamos um quarto de casal, penduramos lençol na parede e ajustamos o abajur para ficar bem claro, infelizmente o efeito de luz não se deu bem, ficou um pouco escuro, mas mesmo assim filmamos.*

Sobre a terceira questão: **De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?** fiz levantamento das respostas, todas são relevantes; em cada grupo surgiram idéias diferentes que foram desenvolvidas pelo grupo, e isso envolveu autoestima.

Vamos analisar alguns comentários relevantes. Todos sabem que no gênero fábula tem histórias diferentes, impressionantes, cada uma tem uma moral e, portanto, é importante repassar para outros para que percebam isso, como grupo 1 (O cavalo e as amigas Hienas) comenta: *A idéia principal que cada um tem um MORALLLLL, todos gostaram muito da idéia do Alexandre. Por isso, já fizemos esta fábula com outras disciplinas... Portanto decidimos apresentar para o grupo do curso.*

Outro relevante destaque, que o grupo 9 discutiu, foi sobre a vida e a idéia era mostrar “aproveita, antes que seja tarde demais”, e também convidar a desenhista Maristela Alano para fazer os desenhos. Maristela é surda, conhecida da comunidade surda no Rio Grande do Sul, por fazer desenhos. O grupo pediu que ela fizesse as ilustrações, que ficaram perfeitas e esclareciam a expressão, proporcionando entendimento através da leitura da imagem; depois eles fizeram filmagem e realizaram uma emocionante narrativa. Perguntei à colega do grupo 9, Carolina Sperb, por email, de onde tinham retirado a história Paixão dos Gatos? Considerava adaptação ou criação? Ela respondeu que foi uma adaptação, que era baseada em uma história sobre pessoas, e que o grupo resolveu mudar um pouco o enredo. Informou também que recebera a história por email e que o autor era desconhecido.



Sobre identidades surdas, cada sujeito tem identidade diferente como sujeito surdo, apresentando marcas de territórios ou variações regionais, como exemplo, os três porquinhos representam identidades diferentes. Portanto, no grupo 5 (Três Porquinhos e um Lobo), os alunos tiveram a idéia de adaptar texto dentro da diversidade das identidades surdas. Segundo relato do grupo 5: *Para cada porquinho atribuímos as diferentes identidades dos surdos, onde um só sabe de gestos referindo-se a ausência ou pouco contato de LIBRAS, outro que teve aquisição pobre e/ou tardia da língua de sinais e por último, o outro porquinho que é fluente e bem desenvolvido na língua.*

Por último é relevante destacar que três grupos apresentaram histórias diferentes, mas esses enfatizaram o uso de língua de sinais e com isso mostraram empoderamento – em manter em pé as árvores, as mãos abriam como se fossem folhas abertas, logo fechavam as mãos como se fossem manter raízes eternamente. Vejam abaixo o que comentaram:

- **Grupo 2 (Chapeuzinho Vermelho):** (...) *por isso nós discutimos e inventamos para adaptação em uso de LIBRAS.*
- **Grupo 6 (A Cigarra e as Formigas):** *Exatamente as mãos que é um vínculo da nossa comunicação.*
- **Grupo 8 (Pinóquio surdo):** (...) *apresentar a história adaptada na cultura surda na Língua de Sinais.*

Última questão direcionada aos grupos foi “**Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade**”. Eu queria identificar as novidades, verificar sugestões, críticas e comentários, pois cada sujeito foi adquirindo aprendizagens e o processo de constituição do conhecimento seguiu caminhos diferentes. Além disso, verificar o que eles narram sobre a circulação de suas produções, dentro do círculo da sociedade e sobre como ocorre o processo de consumo dessas produções diferentes. Analisei as respostas, houve muitas surpresas; para nós é importante saber o que eles têm a dizer. Três grupos foram semelhantes, pois organizaram cenário, espaços adequados, filmagem e figurinos e todos afirmaram ser isso indispensável por causa da qualidade do vídeo. Eles aprenderam, na primeira parte, por exemplo, com os erros, como editar o vídeo, a posição, etc.; na segunda parte, relatam que sabiam melhor ainda e houve melhora na qualidade de vídeo. Veja o que eles relataram:

- **Grupo 2 (Chapeuzinho Vermelho):** *Coisas que queríamos relatar: fantasia oficial, imagem perfeita e lugar na praça que combina Chapeuzinho Vermelho. Queremos as roupas lindas de Chapeuzinho, vovó e lobozinho, filme perfeito (nossas câmeras são*

*fracas), imagens perfeitas, escolhemos praça mais bela e dia claro. Precisamos usar lugar como floresta.*

- **Grupo 9 (Paixão dos Gatos):** *Nós grupos achamos que precisamos ter um espaço próprio para filmar, ou seja, um estúdio onde possamos filmar com as luzes bem claro para podermos trabalhar corretamente.*

Mais um comentário! Acredito que existe algo divertido e prazeroso no processo de produção de vídeos, por exemplo na organização do cenário, durante os intervalos, o fato de tirar fotos ou brincar; as falhas humanas como ação durante a filmagem, tais como na sinalização, posição, figurinos, tempo, ensaios, risos... Pesquisar e fazer o roteiro, produção, iluminação, trabalhar em equipe produz confiança; isso é algo novo para o grupo (aumenta conhecimentos, autoestima). Cito relato do grupo 5 (Três Porquinhos e um Lobo): “A filmagem foi realizada várias vezes durante toda a tarde, pois tivemos várias falhas, erros, esquecimentos, confusões, etc. A experiência foi ótima, nos divertimos trabalhando juntos!”

E outro importante registro foi sobre a produção de livros; como expliquei anteriormente, são poucos registros publicados sobre Literatura Surda. Os entrevistados consideram relevante ter modelos, como professor surdo e língua própria, sendo exemplos para as crianças surdas. Veja o que grupos relataram:

- **Grupo 10 (Os Sete Cabritinhos e o Lobo):** *Precisamos criar livro literatura surda mais. Aqui literatura surda poucos livros, precisa mais nova literatura surda.*
- **Grupo 8 (Pinóquio Surdo):** *Quanto à atividade, o professor surdo dá a história de conto de fadas sobre o livro, a fim de adaptar a Língua de Sinais, quando as crianças surdas conseguem compreender e transmitir conhecimentos. Elas adquirem mais rápido a própria língua naturalmente. O professor pode realizar o trabalho do jogo de memória, relacionado a ilustração e a ELS (Escrita de Sinais), para as crianças aprenderem.*
- **Grupo 6 (A Cigarra e as Formigas):** *Queremos deixar aqui escrito que a literatura surda brasileira tem muito a construir, pois são poucos os materiais manualmente, pois na escola não seria bom só ter vídeos em sinais, sim os livrinhos com desenhos, escrita em língua portuguesa, sw (Sign Writing<sup>33</sup>) e mais os sinais no livrinho. Assim, é mais fácil às crianças, pois nos vídeos é um pouco difícil para as crianças acompanhar!*

---

<sup>33</sup> Escrita de Sinais

Grupo 6 comentou “...nos vídeos é um pouco difícil para as crianças acompanhar!”. Isso pode ser porque se trata de vídeo para adulto surdo, e seria difícil compreender para as crianças surdas. É importante saber que em todos os casos, existem níveis diferentes como público alvo, e se deve ter objetivo nos vídeos para diferentes níveis e categorias, como atores ou professores ouvintes que usam materiais adequados para diferentes públicos. Livros e vídeos são fundamentais para construir as identidades surdas e ajudar no processo de reflexão. Cada um pode sentir e expressar as idéias, assim que se recomenda a ampliação de livros através da Literatura Surda. Cito Silveira (2006, p. 56):

(...) aqui no Brasil tem pouca mídia de surdo, como vídeo de Literatura Infantil e Surda, poesias, livros para educação de surdos, não apenas bibliografia para pesquisa, mas também para escolas, onde estão as crianças surdas, para as quais esses livros são importantes para mostrar a construção identidades. (...) tem pouco material em outras mídias, na Perspectiva Surda, o que dificulta trabalhar com as crianças surdas. (...) há pouco vídeos, como “As Aventuras do Pinóquio em LSB” com Nelson Pimenta. Nas férias escolares, as crianças surdas vão para casa, onde estão suas famílias ouvintes, e como podem continuar sua vivência de Língua de Sinais, Cultura Surda, etc? Nesse sentido, a mídia pode ajudar, ver vídeo, ler livros infantis como “Cinderela Surda” e “Rapunzel Surda”.

Portanto, os grupos afirmaram se preocupar em trabalhar com as crianças surdas e também querem evitar que se percam os registros das histórias. Na escola de surdos onde há materiais e livros da Literatura Infantil e Surda, principalmente vídeo em língua de sinais, as crianças aumentam vocabulário, desenvolvem a imaginação e compreensão de narrativas, constroem significados e desenvolvem práticas de leituras, adquirem rapidamente a língua de sinais e cultura surda. Veja abaixo o que relatou o representante de um dos grupos, o grupo 11 (João e Maria):

- *Eu sempre me preocupo muito com isso porque são poucas publicações, apesar de que agora, com o curso de Letras/Libras, como um curso de graduação, as produções estão aumentando, trazendo novidades. (...) eu espero que futuramente as coisas sejam melhores, que aumentem as publicações, porque as crianças surdas irão se sentir felizes com isso, que aumente também as produções em Sign Writing. No entanto as crianças precisam de visualização, precisam de imagem, da janela do intérprete. Também o teatro surdo deve ser mostrado para elas, como parte desse despertar, para que eles percebam que também são capazes de atuar, (...) Os surdos precisam se enxergar como capazes, capazes de se desenvolverem, coisas que eu aprendi com a Lodenir Karnopp e a Carolina Hessel.*

Como antes eu não sabia que existia Literatura Surda, isso motivava falta de auto-estima e aquisição de conhecimentos... imagina as crianças surdas também desconhecerem? Hoje me interessa muito, faço leituras da literatura brasileira, busco vídeos através do site youtube e DVD(s) como poesia surda, narrativas surdas, piadas surdas e outros, como os colegas do curso de Letras/Libras que também despertaram para Literatura Surda. Cito, finalmente, o grupo 10 (Os Sete Cabritinhos e o Lobo): *Temos muito interesse, antes nem sabia que tinha literatura surda só sabia literatura própria de ouvintes e mais tarde descobri que tem literatura surda.*

#### 4 REPRESENTAÇÃO DOS SURDOS E LITERATURA SURDA (DA LÍNGUA DE SINAIS)

O processo de construção de significados resulta também no modo como pessoas usam a língua, que está ligado ao momento histórico em que os interlocutores vivem e aos espaços em que vivem (contextos culturais). (...) os significados não estão encarcerados nos textos, mas são construídos pelas pessoas no ato de ler, escrever, interagir. (FLORES, KARNOPP; GEDRAT 2006, p. 29)

Veja uma parte de frase “... são construídos pelas pessoas no ato de ler, escrever, interagir.”! Como expliquei anteriormente sobre história da comunidade surda, os valores das pessoas surdas e ricas experiências linguísticas se expressam na própria língua do surdo. Eles, os surdos, construíram seu processo da vida em meio a vivências e experiências, repassadas de geração a geração pelo povo surdo. Portanto, eu confirmo que os significados “são construídos pelas pessoas surdas no ato de sinalizar, visualizar e interagir, depois em uma segunda língua no ato de ler, escrever e interagir na comunidade ouvinte para se tornarem bilíngues em fronteiras culturais.”

Portanto, a comunidade surda – em meio a pessoas surdas, simpatizantes, pessoas ouvintes ou filhos ouvintes com pais surdos, que participam dessa comunidade – favorece a convivência e interação entre eles, o bate-mãos! As comunidades surdas foram construídas em contextos culturais específicos e seus conhecimentos e significados estão presentes também em gêneros literários. Como exemplo, sabemos que o povo ouvinte, antes, fazia circular sua literatura somente pela oralidade, repassado para outras pessoas, de geração a geração, sem registro. Mais tarde, surgiram textos escritos que registraram a literatura. O mesmo acontece com o povo surdo que vai repassando os sinais, depois registram nos vídeos, fotos, ilustrações, escritas e outras possibilidades.

A Literatura Surda pode ser categorizada da mesma forma que outras literaturas, por exemplo, brasileira, japonesa, indiana, francesa, etc. Lembro também que Literatura Surda se faz presente em territórios diferentes, como surdo brasileiro, surdo japonês, surdo francês, etc., pois os surdos convivem com membros da comunidade surda em variados lugares. A Literatura Surda expressa essas diferenças, essas especificidades também, ou seja, experiências de surdos brasileiros, experiências de surdos franceses etc, e também tem muito

em comum com a literatura dos ouvintes. Basta ver as adaptações de contos clássicos ou tradicionais que nós examinamos.

A Literatura Surda faz parte de um círculo em forma de discurso, onde foi construído o processo de conhecimento, seus objetos culturais transmitem significados, sendo assim construída e produzida. Isso me lembra Hall (1997, p. 53) “*Representação é o processo pelo qual os membros de uma cultura utilizam a língua (amplamente definida como qualquer sistema que empregue signo, qualquer sistema significante) para produzirem significados.*” Então, esses sujeitos surdos compartilham uns com os outros, no mesmo sentido, no mesmo círculo aconchegante e agradável, garantindo o entendimento através de sua forma de comunicação espontânea, sem esforços, de forma a visualizar e transmitir significados. Duas pessoas (ou em grupo) adquirem interpretação e compreensão pela forma de comunicação, de crianças surdas até adultos surdos que vão construindo suas próprias identidades surdas, de forma a aceitar ser surdo e ter orgulho de sua própria identidade. Cito Hall (2007, p. 2):

(...) a cultura tem a ver com a produção e intercâmbio de significados – o “dar e receber de significados” – entre os membros de uma sociedade ou grupo. Dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo de maneira mais ou menos parecida e podem se expressar, seus pensamentos e sentimentos concernentes ao mundo, de forma que seja compreendida por cada um. Assim sendo, a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e “entendam” o mundo de forma geral semelhante.

No mesmo círculo, dentro da representação, onde há circulação, consumo e produção, o que representa ser surdo no discurso? Um pequeno círculo é a minoria, o mundo surdo, esse círculo surdo está dentro do círculo do mundo ouvinte, sendo parte de um território nacional e mesmo, global, portanto, círculo surdo faz parte da fronteira, entre duas culturas e os surdos atravessam uma ponte. Não existe muro ou barreiras, não existem limites definidos, mas os surdos têm fronteiras abertas, fazendo parte da globalização, de vários e diferentes círculos sobrepostos, conjugados, interligados... Só que a maioria desconhece o pequeno círculo da minoria - o mundo surdo - como representação surda. Existem minorias culturais em seu território, com fronteiras e vizinhos e devemos respeitar o território. Segundo Hall (2007, p. 1): (...) *a cultura tem a ver com “significados partilhados”. (...) Os significados só podem ser partilhados através de um acesso comum a linguagem. Assim sendo, a linguagem é central para o significado e a cultura e sempre tem sido considerada como o repositório chave dos valores e significados culturais.* Como Hall comentou sobre o circuito da cultura, acredito que dentro das representações, pode haver uma literatura em seu território,

envolvendo idéias e expressões, que podem se tornar narrativas e grandes obras literárias. Cito Hall (2007, p. 3):

O significado é também produzido sempre que nos expressamos, fazemos usos, consumimos ou apropriamo-nos de “coisas” culturais; isto é, quando as incorporamos de diferentes maneiras aos rituais do dia-a-dia e às práticas da vida cotidiana e desta forma damos-lhes valor ou significância. Ou quando tecemos narrativas, histórias – e fantasias – em torno delas.

Podemos imaginar que, quando duas pessoas se encontram, elas vão produzindo as palavras pelas mãos, que logo vão parar na visão; automaticamente as palavras e frases circulam no cérebro e adquirem sentidos, significados integram práticas discursivas, que estão ligados ao discurso, onde ocorre compreensão.

Mais uma vez, podemos imaginar que quando duas pessoas se encontram, elas são sementes, plantam em seu território, onde são produzidos, conhecimentos que adquirem significados entre a terra, a água e o sol, em forma de prática discursiva; assim, surge o discurso, finalmente, que brota e sai pela terra, onde estão as representações (Fig. 32).

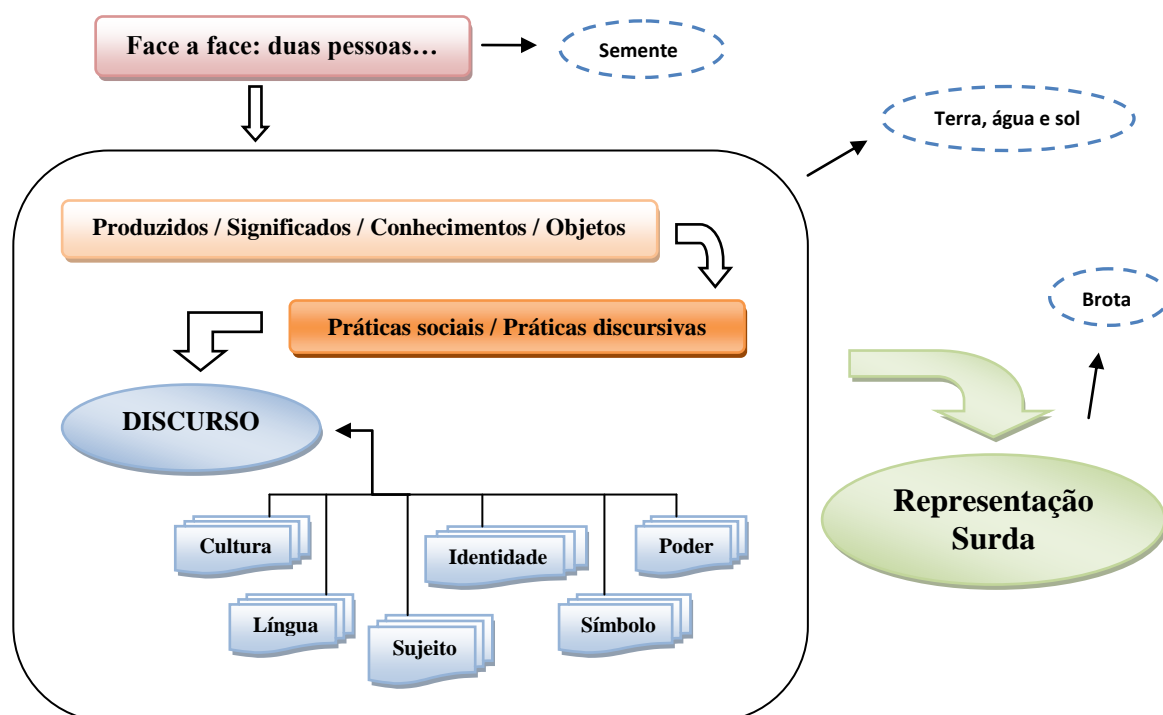


Figura 32: Representação Surda em desenho de Cláudio Mourão

A Literatura Surda está relacionada às representações produzidas por surdos, onde se produzem significados partilhados, em forma de discurso - sem eles, não há representação surda. Portanto, dentro de representações surdas se produzem idéias, significados partilhados, principalmente, onde há movimento surdo para manter as raízes da nossa pátria de sinais, passando de geração a geração através do povo surdo. Por isso, os sujeitos surdos desenvolvem as suas práticas sociais, em seu espaço de tempo modificando seu tempo, de forma discursiva. Os significados modificados dentro do círculo da cultura, o sujeito não cria sozinho a cultura, pois não há movimento de pensar ou idéia, nem aproximar ao seu redor significação. Sempre há o coletivo produzindo significados e sua cultura. Cito Strobel (2008, p. 19):

(...) um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

A Literatura Surda envolve representações de surdos de forma discursiva. A pesquisa que desenvolvi está ligada a esse conceito, vinculado aos Estudos Surdos, que fazem parte do campo dos Estudos Culturais, onde os pesquisadores e acadêmicos buscam analisar as características da Literatura Surda e também as representações surdas construídas pelos sujeitos surdos.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS MÃOS NÃO TERMINAM AQUI.

Em minha experiência através desta pesquisa e dissertação, naveguei com barco em alguns oceanos, chegando em salas de livros, onde havia chuva e raios de trovão; em outras, sol e escuridão; em outras, neblinas e arco íris; em outras, ar puro e poluídas leituras. Pesquei as palavras e palavras desconhecidas, ingeri conhecimentos, mas ainda estou com fome! Portanto, neste barco havia depósito de palavras, inclusive palavras desconhecidas e materiais, para distribuir à tripulação dos pesquisadores e acadêmicos, passando para territórios desconhecidos.

Agora é com vocês a reflexão. Observo que não há fim na minha dissertação, ainda há muito pela frente; os próximos pesquisadores ou acadêmicos podem acrescentar algo, nesse caso, há tempo e espaço. Haverá próximas gerações, construindo e “atualizando” as práticas sociais (não há fim...), neste mesmo círculo, tornando a acrescentar partes para dentro do discurso.

Como sabemos, os territórios foram construídos em suas práticas discursivas, em sua língua e cultura, através de narrativas e vários gêneros literários. Assim o povo surdo e a comunidade surda, inclusive comunidade surda brasileira, passaram de geração a geração a sua pátria de sinais e vêm construindo a “Literatura Surda”.

Para povo surdo e comunidade surda, em décadas passadas, tudo era sinalidade, passando e repassando histórias de geração a geração; finalmente, surgiram os sistemas de escrita e os vídeos (Fitas de vídeo/CD/DVD), e livros e acervo podem ir para bibliotecas e universidades, com comprovação, registro e segurança.

Já existem outros pesquisadores brasileiros como Dra. Gladis Perlin, Dra. Lodenir Karnopp, Ms. Carolina Hessel Silveira, Dra. Karin Strobel, Dra. Adriana Thoma, Dra. Rosa Maria Hessel Silveira, Dra. Madalena Klein, Dra. Maura Corcini Lopes, Dr. Alfredo Veiga-Neto, Dra. Ronice Quadros, Dra. Patrícia Luiza F. Rezende, Ms. Shirley Vilhalva, Ms. Heloise Gripp, Ms. Janaina Claudio, Ms. Augusto Schallenberguer e outros, e pesquisadores estrangeiros como Marta Morgano, Sherman Wilcox, Owen Wrigley, Rachel Spence-Sutton, Carol Padden, Tom Humphries, Thomas Holcomb, e outros, que desenvolvem investigações sobre “surdos”, a língua, cultura, identidade, sujeito e subjetividade, representação surda entre outros temas.

Sabemos que foi através da Lei de Libras no Brasil, Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e Decreto Lei Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que surgiu o curso de Letras/Libras em

2006, inédito no Brasil, e que entrou na história brasileira, onde os alunos buscam aprendizagens e conhecimentos, de maneiras diferentes; cada um em seu caminho, com direito de aprender e educar, enfim, sobre a Educação de Surdo. Nesse caso específico, a disciplina de Literatura Surda no curso de Letras/Libras, desenvolveu variadas aprendizagens.

Na minha proposta, que apresentei à banca, analisei a atividade final desenvolvida pelos alunos, em materiais de DVD(s) que coletei em dois pólos: UFSM e UnB. Após aprovação, a proposta de continuidade da pesquisa esteve focada no curso de Letras/Libras, turma 2006, tendo como material empírico as atividades finais da disciplina de Literatura Surda. Os convidados da banca deram sugestões brilhantes, conselhos, idéias, críticas e desafios. Isso me ajudou bastante, e senti que algo me empurrava a engatinhar, em um processo de novos passos pela frente. Neste caso, pesquisei algo desconhecido e diferente; logo plantei sementes ao digitar texto e brotaram escritas. Por isso, nesta dissertação analiso somente os materiais e as entrevistas do Pólo UFSM. Modifiquei alguns escritos de textos da minha dissertação, em razão das sugestões dos convidados da banca.

Durante a pesquisa, analisei as atividades em DVD(s) e entrevistas feitas com os alunos, em sinais e escritas. Caminhei no deserto da escrita e enfrentei tempestades de areia, dia e noite, não foi fácil para mim, procurei pensar positivamente, embora tivesse algumas respostas negativas. Algo que descobri foram sinais da terra, frutas escritas e ares visuais, principalmente desconhecidos, coletei pedaços de terra, frutas e ar, nesse caso, coloquei tudo no liquidificador e bebi. Então no meu corpo e mente, algo me inspira, emociona, proporcionando imaginação e reflexão.

Pelo que observei em uma primeira análise e entrevistas, percebo que os grupos, que apresentaram a nossa Literatura Surda, estão cada vez mais empenhados na produção de um trabalho com qualidade visual e focalizado na Libras; também querem ampliar, aumentar a circulação e produção de livros ou vídeo da Literatura Surda.

Na primeira parte, das características gerais, Ilustrações/Imagens, Cenário e Processo Produção Literária, percebi que tudo isso está ligado às preocupações maiores dos grupos. Cada um identifica uma forma de trabalho, um objetivo e público-alvo. Suponho que se algo tem objetivo, a preocupação dos grupos está ligada a uma proposta de articular seu contexto de experiência visual e sinalização, principalmente favorecendo a compreensão (tradução), entendimento e reflexão.

Na análise da utilização de ilustração/imagens para contar as histórias, percebi que os grupos priorizam o uso equilibrado de ilustrações e Recursos Expressivos e Estéticos (REE). No entanto, na ausência de ilustrações, os contadores de histórias permanecem utilizando

REE, provando com isso que a língua de sinais é suficiente para garantir entendimento e compreensão da narrativa. Impressionante, do mesmo modo que em REE, os Cenários Fixos e Contação Individual, todos articulados em contextos sinalizados e visuais. Em Ilustrações/Imagens e REE, a primeira coisa é a definição do público-alvo (surdo e/ou ouvinte; criança e/ou adulto), sendo que essa definição influencia na forma da contação da história e no uso dos sinais.

Outra análise relevante é de Cenários com Figurinos, Dramatização pelo grupo e cenário Móvel, junto com REE. Tais fatores são semelhantes a roteiros de filmes curtos ou novelas. Eles representam o ser surdo, em uso de sua língua, e esclarecem a narrativa mostrando as suas imagens e explorando a visualidade, com o objetivo de conseguir apresentar às pessoas surdas e ouvintes, representação surda. Em alguns grupos, os entrevistados relataram que queriam espaços de filmagens, para focalizar os sinais. Ainda mais, destacaram que durante filmagens e produção de cenários e ensaios, através de falha humana na produção, algo divertido ocorria, ao mesmo tempo em que experiências eram produzidas durante a construção de “Roteiro/Filme/Produção”.

Sobre registros das histórias, alguns grupos se preocuparam em contar as histórias para as crianças surdas, pois sabem que é necessário aumentar os materiais da Literatura Surda, como vídeo e livros, envolvendo a circulação e consumo da cultura surda.

Como relatei nos capítulos anteriores eu não conhecia Literatura Surda. Mas, não sou o único, também com os outros, aconteceu o mesmo. Para nós como acadêmicos, profissionais ou pais, é importante repassar às crianças surdas histórias que ampliam os conhecimentos literários e principalmente favorecem a auto-estima, o empoderamento, a perspectiva surda e construção do orgulho de ser surdo.

No pólo UFSM, analisei DVD(s), que apresentam 12 temas que se caracterizam como tradução e adaptação, sendo focalizados textos com tradução da língua portuguesa para a Libras e adaptação de textos clássicos com a inserção de elementos da cultura surda. Como expliquei, os grupos reconhecem a importância da literatura clássica e outros gêneros literários que fazem parte da tradução, sabendo que faz parte da cultura ouvinte, também aumentam conhecimentos gerais. A maioria das produções é reconhecida como adaptação, com o objetivo de manter a cultura surda e a “Literatura Surda”.

Nas adaptações das histórias que foram apresentadas, percebi que um ou mais personagens são surdos (geralmente os personagens principais), o enredo é modificado e marcadores da cultura surda são inseridos (língua de sinais, avisos luminosos...). A preocupação dos contadores de histórias não é somente inserir personagens surdos, mas

também trazer experiências do cotidiano, apresentando as identidades surdas e uma imagem positiva do ser surdo, ricas experiências e o orgulho de ser surdo. As adaptações enfatizam prioritariamente as experiências das pessoas surdas, a vida em comunidade, o uso da língua de sinais. No entanto, nas narrativas analisadas, adaptações que contemplem outras diferenças (personagens idosos, gordos, pessoas com deficiência visual/ motora... ou mesmo a presença de surdos negros, surdos gays, surdos-cegos etc...) não são trazidas para a história. Parece que a preocupação é privilegiar as experiências estritamente no campo da diferença surda.

No curso de Letras/Libras, disciplina de Literatura Surda, produzimos momentos importantes de aprendizagem de forma discursiva literária. Esses discursos atravessam diversas fronteiras, levando reconhecimento e valorização da cultura surda. Portanto, a forma de representação surda, sempre ocorre “coletivamente” ou “face a face” (duas pessoas), onde são produzidos significados compartilhados, onde são produzidos também conhecimentos e objetos, de forma que passam pela circulação e consumo. Subjetividades são fabricadas, nesse círculo de práticas sociais ou práticas discursivas, isso é, formas de representação surda, através de uma bandeira “Literatura Surda”, em cidades ou estados, pois cada região, sempre conta e reconta as suas narrativas em várias formas literárias.

Por incrível que pareça, recebi email de notícia de um evento através da comunidade surda brasileira, quando vi notícia “I Mostra Literatura Surda<sup>34</sup> (Fig. 33) , realizada em Natal/RN, em novembro de 2010. Fiquei orgulhoso e tive muita vontade de comprar passagem aérea para Natal/RN, e assistir ao espetáculo, fico imaginando que as crianças surdas se divertiram durante espetáculos, queria estar lá para sorrir e sentir emoção, alegria e diversão.

Como sou pesquisador do Projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira, coordenado por Prof<sup>a</sup> Dra Lodenir Becker Karnopp (UFRGS), Prof<sup>a</sup> Dra Madalena Klein (UFPel) e Prof<sup>a</sup> Dra Marcia Lise Lunardi-Lazzarin (UFSM), pertencente ao Programa Pró-cultura, objetivamos coletar dados em diversos gêneros literários, presentes em livros, vídeos, fotos e sites, todos ligados às produções culturais de surdos. Percebemos que são crescentes as atividades de Literatura Surda, pelo site youtube, em que os surdos produzem e sinalizam poemas, piadas, narrativas e outros, além de produzirem materiais e atividades

---

<sup>34</sup> Fonte: Divulgado, disponível site: [http://www.feneis.com.br/page/eventos\\_detalhe.asp?categ=1&cod=748](http://www.feneis.com.br/page/eventos_detalhe.asp?categ=1&cod=748). Acessado em 10 de janeiro de 2011.

durante o curso de Letras/Libras (2008)<sup>35</sup>, disciplina de Literatura Surda, em 15 pólos de universidades do Brasil. Cito Karnopp, (2010, p. 172):

Dos materiais analisados, percebe-se que surdos contadores de histórias buscam o caminho da auto-representação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

**I MOSTRA LITERATURA SURDA**

**Adaptação em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**

LOCAL: INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE-IFRN (ANTIGO CEFET/RN)  
 ENDEREÇO: AV. SENADOR SALGADO FILHO,  
 (FRENTE AO SHOPPING MIDWAY MALL) NATAL – RN  
 DATA: 13 DE NOVEMBRO DE 2010  
 HORAS: 08h até 12h – 14h até 17h – Mini – auditório do IFRN  
 CONTATOS:  
[sptricia70@hotmail.com](mailto:sptricia70@hotmail.com) (Simone Souza)  
[arnorjr\\_brasil@hotmail.com](mailto:arnorjr_brasil@hotmail.com) (Arnor Júnior)  
[gollocarrs@hotmail.com](mailto:gollocarrs@hotmail.com) (Alexandre Gollo)  
[adrianatorres\\_31@hotmail.com](mailto:adrianatorres_31@hotmail.com) (Adriana Torres)  
[denylzaperes@hotmail.com](mailto:denylzaperes@hotmail.com) (Denilza Peres)

Figura 33: Divulgando “I Mostra Literatura Surda”

<sup>35</sup> Em 2008, UFSC abriu segunda turma do curso de Licenciatura em Letras-Libras e de Bacharelado em Letras-Libras, modalidade de ensino a distância, 900 alunos (30 para cada pólo de ensino, total: 15 pólos), distribuídos em Florianópolis (USFC), Porto Alegre (UFRGS), Belém (UEPA), Belo Horizonte (Cefet-MG), Brasília (UnB), Campinas/SP (Unicamp), Curitiba (UFPR), Dourados /MS (UFGD), Fortaleza (UFC), Goiânia (Cefet-GO), Natal (Cefet-RN), Recife (UFPE), Rio de Janeiro (INES), Salvador (UFBA) e Vitória (UFES).

No ano de 2011, de janeiro a abril, será a formatura da primeira turma do curso de Letras/Libras, modalidade Ensino a Distância, em 9 pólos de universidades do Brasil. Isso entra para a história brasileira, uma história importante que nós aprendemos, melhorando a Educação de Surdos, principalmente a Literatura Surda. Segundo Silveira:

Acredito que este curso LETRAS/LIBRAS represente um empoderamento na Educação de Surdos: é um caminho de ouro, seriam quatro anos de ouro (não de prata), para que surdos possam se desenvolver muito. Espero que, após quatro anos, o curso represente uma grande mudança na educação de surdos no Brasil – eterno ouro. (Silveira, 2006, p. 55)

Percebo que é crescente a produção de Literatura Surda, com os sujeitos surdos trazendo suas narrativas e registros. Assim, espero que quando todos visitarmos a Biblioteca Nacional em nosso território, possamos pegar livros ou vídeos, em que abrindo a primeira página, possamos ver com nossos próprios olhos os nossos registros e como efeito circule em nosso sangue com velocidade rápida, com neurônios elétricos, com pele em emoção, olhos brilhantes e lágrimas caindo no rosto, isto é, são ouros de Literatura Surda!

**REFERÊNCIAS:**

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. – São Paulo: Editora Scipione, 2002.

APOLINÁRIO, Andréia Aléssio. *O QUE OS SURDOS E A LITERATURA TÊM A DIZER? — Uma Reflexão sobre o Ensino na Escola ANPACIN do Município de Maringá/PR*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras. 2005 Acessado em: <http://www.surdo.org.br/estudos/cp000436.pdf>

BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

CAMARGO, Dilan. *Leitura em casa e na escola*. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 06 de novembro de 2010. Artigo. p. 21.

CARVALHO, Paulo. *Breve História dos Surdos – no Mundo e em Portugal*. Lisboa, Surd`Universo, Livraria Especializada Lda., 2007.

COELHO, Nelly. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.

Coleção Clássicos da Literatura em CD-ROM em LIBRAS / Português. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

COUTO, Cleber. *Casal Feliz*. Ilustrações: Cleber Couto, Belém – Pará, 2010.

FLÔRES, Onici; KARNOPP, Lodenir; GEDRAT, Dóris. *Teorias do texto e do discurso*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

GONZAGA, Sergius. *Manual de Literatura Brasileira*. 5ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

GUERINI, Andréia. *Introdução aos Estudos da Tradução*. 2008. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Curso de Letras - LIBRAS à distância).

HONORA, Márcia. *O Canto de Bento*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Família Sol, Lá Si... .* São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

HALL, Stuart. *The Work of Representation*. In: HALL, Stuart (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

\_\_\_\_\_. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JAKOBSON, Roman. Aspectos Linguísticos da Tradução. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1975. Tradução de Izodoro Blikstein e José Paulo Paes, p. 64-5.

KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Porto Alegre, PUC: *Dissertação de Mestrado*, 1994.

\_\_\_\_\_. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda. Porto Alegre, PUCRS: *Tese de Doutorado*, 1999.

KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

\_\_\_\_\_. *Literatura Surda*. Literatura, Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006

\_\_\_\_\_. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: LUNARDI-LAZZARIN, Márcia; LOPES, Maura; MACHADO, Fernanda (org.). *Cadernos de Educação: Educação de Surdos*. Ano 19, n.36, Maio – Agosto 2010 – Publicação Quadrimestral da FAE/PPGE/UFPEL.

KARNOPP, Lodenir; MACHADO, Rodrigo N. - *Literatura surda: ver histórias em línguas de sinais*. Anais do 2º. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006. CD-ROM.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Professoras moralizadoras, normalizadoras ou ausentes - a literatura infantil retratando as diferenças*. In: Anuário de Literatura. V. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/issue/view/1117/showToc> . Acesso em 20 de janeiro de 2010.

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. Surdez: um território de fronteiras. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.14-26, jun. 2006.

LABORIT, Emmanuelle. *O vôo da gaivota*. São Paulo: Best Seller/Círculo do Livro, 1994.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEBEDEFF, T. B. Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda. In: Graciela Ormezzano; Márcia Helena S. Barbosa. (Org.). *Questões de intertextualidade*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005, v., p. 179-188.

LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva (org.). *A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo de educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LULKIN, Sérgio Andres. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

LUNARDI, Márcia. Cartografando Estudos Surdos: currículo e relações de poder. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

MORGADO, Marta. *Sou Asas*. Lisboa/Portugal: Surd´Universo, 2009.

MEGALE, Nilza B. - *Folclore Brasileiro*. Petrópolis, RJ. 2ª Edição. Editora Vozes, 2000.

MOURA, Maria. *O Surdo: Caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro/RJ: Livraria e Editora REVINTER Ltda, 2000.



MOURÃO, Cláudio. *Investigar o Perfil de Profissional de Educação Física para surdos*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: Centro Universitário Metodista - IPA, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ensinando Educação Física para surdos: análise de caso*. Anais do 3 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 3º SBECE. Canoas: ULBRA, 2008. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *“Léo, o puto surdo” – analisando uma obra*. IV Congresso Internacional de Educação. Educação, Tecnologias: Sujeiros (des)conectados?. Anais do 6. Congresso Internacional de Educação. – n.1, 2009. São Leopoldo: Casa Leiria: Unisinos, 2009. CD ROM.

MOURÃO, Cláudio; SILVEIRA, Carolina. *LITERATURA INFANTIL: música faz parte da cultura surda?* Anais do Seminário Nacional: EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E DIVERSIDADE – Taquara/RS: FACCAT - Faculdades Integradas de Taquara, 2009. CD-ROM.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. *Deaf in America: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. *Curso de LIBRAS 1*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. V.1.104p.

PEREIRA, Sandro dos Santos. *PIADAS EM LIBRAS*. São Paulo: CBS – Confederação Brasileira de Surdos, 2009. 1 DVD-Video.

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana; LOPES, Maura (org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo de educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

\_\_\_\_\_. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. MIRANDA, Wilson. *Surdos: o narrar e a política*. Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 217-226, 2003. Disponível em: [www.periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249). Acesso em: 14 out. 2009

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. *Fundamentos da Educação de Surdos*. Curso de licenciatura em Letras – Libras, na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. São Paulo. ARTMED Editora, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SUTTO-SPENCE, Rachel Mara. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; MASSUTTI, Mara. CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice Müller e PERLIN, Gladis (org.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

Rachel Sutton-Spence, [RachelSpence@aol.com](mailto:RachelSpence@aol.com) Europeias do Patrimônio Cultural Online (ECHO), <http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/docs> Dezembro 2003.

RICAO, Antonio Gascón. GRACIA Y ASENSIO, José Gabriel Stoch de. *Historia De La Educación de los Sordos en España y su influencia em Europa y América*. Espanha: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2004.

ROSA, Emiliana Faria. *Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas*. Dissertação de Mestrado em Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. *Patinho Surdo*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

\_\_\_\_\_. *Adão e Eva*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Tradução Laura Texeira Motta. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Carolina Hessel. *O currículo de Língua de Sinais na Educação de surdos*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

\_\_\_\_\_. O Currículo de Língua de Sinais e os professores surdos. In: QUADROS, Ronice Müller e PERLIN, Gladis (org.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Cinderela Surda*. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Rapunzel Surda*. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_ (org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Raquel Silva. Multiculturalismo e Linguagem: Literatura Surda, O Caminho Contrário ao Esquecimento. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.34-46, jun. 2006.

SOSA, Jesualdo. *A literatura Infantil*. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Língua de Sinais. In: QUADROS, Ronice Müller; VASCONCELLOS, Maria Lúcia (org.). *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

\_\_\_\_\_. European Cultural Heritage Online (ECHO), <http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/docs> December 2003. Disponível site: <http://www.let.ru.nl/sign-lang/echo/docs/Dorothy%20Miles.pdf> . Acessado em 15 de novembro de 2010.

SUTTON-SPENCE, Rachel e QUADROS, Ronice Müller. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

STUMPF, Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, Ronice Müller e STUMPF, Marianne Rossi (org.). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa. *Os surdos, os ouvintes, e a escola: narrativas, traduções e histórias capixabas*. Vitória, ES: EDUFES, 2010.

\_\_\_\_\_. *Narrativas surdas capixabas*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, DVD, 2008.

VILHALVA, Shirley. *Kinikinau: Valorizando a História e a Pedagogia de um Povo*. Seminário “Povo Kinikinau: Persistindo a Resistência”. Ed. Arara Azul. Bonito-MS: 16 a 18 de junho de 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo11.pdf> . Acesso em: 17 dez. 2009.

WILCOX, S., & WILCOX. P. P. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.

WRIGLEY, Owen. *The politics deafness*. Washington: Gallaudet University, 1996.

Sites consultados:

<http://www.ntd.org/index.html>

[http://en.wikipedia.org/wiki/Laura\\_Redden\\_Searing](http://en.wikipedia.org/wiki/Laura_Redden_Searing)

## **ANEXOS**

**ANEXO A**

1 – Título de História: “*Deusa Ronice & Virgem Santa Maria*” (presencial na aula do Pólo UFSM, 2007)

Autor: Cláudio Mourão, 2007.

Tempo de duração: 01min22seg (um minuto e vinte e dois segundos)

2 – Título de História: “*Uma mão com 5 dedos*”, sobre Romantismo - (presencial na aula no Pólo UFSM, 2007)

Autor: Cláudio Mourão, 2007.

Tempo de duração: 01min16seg (um minuto e quinze segundos)

3 – Título da História: “A Mulher e sua Galinha” (presencial na aula no Pólo UFSM, 2009)

Autor: André Paixão, Bianca Pontin, Cláudio Mourão, Marcelo Lemos e Roger Prestes, 2009.

Tempo de duração: 04min38seg (quatro minuto e trinta e oito segundos)

4 – Vídeo no Pólo UFSM 2010 (Trailer) - Gravados no DVD(s) através das atividades com disciplina Literatura Surda no Pólo UFSM – 2006.

Autor: Cláudio Mourão, 2010.

Tempo de duração: 9min4seg (nove minuto e quatro segundos)

5 – Entrevista em Libras, grupo 11.

CD-ROM (1)

## ANEXO B

### ENTREVISTAS REALIZADAS

**GRUPO 1:** Alexandre Couto, Gustavo Lemos, Ian Nicolau, Renata Heinzemann e Ricardo Goes.

**Tema:** O cavalo e as amigas Hienas

**1. Vocês se lembram como foi organizado o grupo?**

Simplesmente fomos formar o grupo numa boa, sem saber se eles terem boa cabeça, ou bom aluno, ou boa colega, risos!!!! Nós sempre trabalhamos juntos varias disciplinas e estamos acostumando...

**2. Como se deu a construção desta atividade?**

Ah construção a atividade, é o Alexandre, que saiu do curso, conhece esta fabula e gosta muito esta história... E nós pensamos que vale a pena passar p outros...

**3. De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?**

A ideia principal que cada tem um MORALLLLL, todos gostaram muito da idéia do Alexandre. Por isso já fizemos esta fabula com outras disciplinas... Portanto decidimos apresentar p o grupo do curso.

**4. Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.**

Não tenho mínima palavra p relatar...

**GRUPO 2:** Ana Cláudia Antunes, Bruna Antunes, Cláudia Fialho, Patrícia Rodrigues

**Tema:** Chapeuzinho vermelho

**1. Vocês se lembram como foi organizado o grupo?**

Organizado foi grupo juntamente com nós.

**2. Como se deu a construção desta atividade?**

Construção em literatura foi principal: história de chapeuzinho vermelho – com uso de gramática (configuração de mãos, movimento, orientação, locação) em LIBRAS: expressão facial e corporal, classificador. Nós escolhemos esta história que tem personagens fortes diretamente em uso de LIBRAS que existem expressões e movimentos.

**3. De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?**

Idéia foi nosso grupo, nos inventamos e discutimos a história de chapeuzinho vermelho para virar a história surda. Nós escolhemos esta história com colorido e visual, tem personagens virar surdos e interpretes em uso de estratégia em uso de clareza e animação. Usamos o livro para adaptação, pois tem várias versões como lobo comeu vovó em dentro de barriga que ta viva ou escondendo vovó no armário, por isso nós discutimos e inventamos para adaptação em uso de LIBRAS.

**4. Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.**

Coisas que queríamos relatar: fantasia oficial, imagem perfeita e lugar na praça que combina chapeuzinho vermelho. Queremos as roupas lindas de chapeuzinho, vovó e loboquinho, filme

perfeito (nossas câmeras são fracas), imagens perfeitas, escolhemos praça mais bela e dia claro. Precisamos usar lugar como floresta.

**GRUPO 5:** Bianca Pontin, Roger Prestes, André Paixão e Marcelo Lemos

**Tema:** Três Porquinhos e um Lobo.

**1. Vocês se lembram como foi organizado o grupo?**

Lemos um pequeno livro de literatura infantil chamado Os três porquinhos, reunimos as idéias e fizemos várias adaptações. Após as idéias postas no papel, organizamos um encontro na Ulbra de Canoas num galpão bem isolado para realizar as filmagens.

**2. Como se deu a construção desta atividade?**

Antes de realizarmos as filmagens, foi necessário que procuremos nas lojas a máscara em forma de nariz do porco e do lobo, para igualar a cor de todos os porcos como identificação, tivemos que comprar também as camisetas de cor rosa.

**3. De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?**

Para cada porquinho atribuímos as diferentes identidades dos surdos, onde um só sabe de gestos referindo-se a ausência ou pouco contato de LIBRAS, outro que teve aquisição pobre e ou tardia da língua de sinais e por último, o outro porquinho que é fluente e bem desenvolvido.

**4. Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.**

Para o lobo, colocamos como o personagem ouvinte que ficam tomando conta e ou espaço do surdo, achando que sabe de tudo, que é melhor ou mais capaz do que os surdos e que este tente a achar que os surdos sempre vão se submeter e ou precisar dele.

A filmagem foi realizada várias vezes durante toda a tarde pois tivemos várias falhas, erros, esquecimentos, confusões, etc ... A experiência foi ótima, nos divertimos trabalhando juntos!

**GRUPO 6:** Carilissa Dall Alba, Daniel Romeu, Diogo Madeira e Valéria Scangarelli.

**Tema:** A Cigarra e as Formigas

**1. Vocês se lembram como foi organizado o grupo?**

Foi assim, o meu grupo tinha combinado em nos encontrar numa tarde para preparar as atividades antes de apresentar durante na aula. A parte mais difícil é os colegas do meu grupo não moram na mesma cidade que moro, porém tivemos sucesso ao combinar tudo pela internet que foi eficiente! Ficamos lendo uns livros e vídeos pela internet... Aí tivemos a idéia de construir aquele trabalho na qual apresentamos na aula.

**2. Como se deu a construção desta atividade?**

Foi difícil em alguns momentos pois não temos a literatura surda suficiente aqui no Brasil, temos que fazer muito mais ainda para melhorar isto no nosso Brasil. Bom, um colega do nosso grupo seguiu a idéia desenhar as mãos por causa da nossa famosa Libras.

**3. De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?**

Exatamente as mãos que é um vínculo da nossa comunicação. A idéia foi um colega do nosso

grupo.

#### **4. Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.**

Queremos deixar aqui escrito que a literatura surda brasileira tem que muito a construir pois são poucos os materiais manualmente, pois na escola não seria bom só ter vídeos em sinais sim os livrinhos com desenhos, escrita em língua portuguesa, sw e mais os sinais no livrinho. Assim, é mais fácil às crianças, pois nos vídeos é um pouco difícil para as crianças acompanhar!

**GRUPO 8:** André da Silva, Carla Klein, Cláudia de Arruda Sarturi, Jeferson Miranda, Nelson Goettert, Paulo Gauto, e Sonia Messerschmidt.

**Tema:** Pinóquio Surdo

#### **1. Vocês se lembram como foi organizado o grupo?**

O nosso grupo já discutiu o trabalho procurando vários livros de conto de fadas, pois escolheu um livro chamado “Pinóquio” para trabalhar a adaptação “Pinóquio Surdo” no contexto da cultura surda.

#### **2. Como se deu a construção desta atividade?**

Quanto à compreensão, primeiramente ler o livro, organizando a adaptação da cultura surda na Língua de Sinais bem simples e básico para as crianças surdas.

#### **3. De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?**

O nosso grupo inventou a idéia para apresentar a história adaptada na cultura surda na Língua de Sinais.

#### **4. Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.**

Quanto à atividade, o professor surdo dá a história de conto de fadas sobre o livro, a fim de adaptar a Língua de Sinais, quando as crianças surdas conseguem compreender e transmitir conhecimentos. Elas adquirem mais rápido a tua própria língua naturalmente. O professor pode realizar o trabalho do jogo de memória relacionado a ilustração e a ELS (Escrita de Sinais) com as crianças aprendem.

**GRUPO 9:** Carolina Sperb, Caroline Garcia, Carlos Oya, Cristiano Vaz e Luciana Vaz.

**Tema:** Paixão dos Gatos

#### **1. Vocês se lembram como foi organizado o grupo?**

Sim lembramos. Nós grupos discutimos lá do apartamento da Carolina, pensando para quais histórias que deveríamos fazer para salvar o CD e entregar o tutor e apresentar no pólo. Usamos o lençol de cama cor azul para expor do fundo da parede para visualizar melhor na hora de filmar o vídeo, também, usamos muita luzes para clarear o estúdio porque era noite que nós filmamos.

#### **2. Como se deu a construção desta atividade?**



Foi muito trabalho, porque não tinha um local adequado para filmar, utilizamos no quarto de casal, penduramos lençol na parede e ajustávamos o abajur para ficar bem claro, infelizmente o efeito de luz não se deu bem, ficou um pouco escuro, mas mesmo assim filmamos.

### **3. De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?**

Nós grupos discutindo, conversando até encontrar uma idéia e uma colega tinha uma história bem interessante falando sobre a vida que temos aproveitar antes de chegar tarde. E começamos a pensar como vamos fazer o filminho e outro colega surgiu outra idéia que podemos pedir para a desenhista que se chama Maristela para desenhar os desenhos que nós pedimos. E depois, fizemos a filmagem e a história se realizou emocionante...

### **4. Coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.**

Nós grupos achamos que precisamos ter um espaço próprio para filmar, ou seja, um estúdio onde possamos filmar com as luzes bem claro para que podemos trabalhar corretamente.

**GRUPO 10:** Aline Brancalione, Jaqueline Boldo, Lisandra Nova, Tatiane Berte e Tatiane de S. da Anhaia

**Tema:** Os Sete Cabritinhos e o Lobo

Literatura surda é muito importante para surdas, porque elas não tinham informação sobre Literatura, outros ouvintes criança, adolescência, jovem, adulto e idoso já informam muito e conhecimento no mundo do que surdas. Mas problema família dos surdos não sabem LIBRAS, as vezes família sabem LIBRAS, não contação para surda.

Literatura surda aproveita contação para surda para escola, associação, comunidade, etc. Surdos já aprendem igualmente com ouvintes.

Precisamos criar livro literatura surda mais. Aqui literatura surda pouco os livros, precisa mais nova literatura surda.

Temos interessada muito, antes nem sabia que tinha literatura surda só sabia literatura próprio os ouvintes e mais tarde descobri que tem literatura surda.

**GRUPO 11:** Rejane S. Holz

**Tema:** João e Maria

- Oi, tudo bem Cacau? Vou falar sobre a literatura. Eu gostei muito da disciplina da Lodenir que eu fiz sobre literatura. Eu me preocupo muito com a questão da produção literária para crianças surdas, pelo fato de a maioria das produções serem voltadas para ouvintes, e, portanto, para a cultura dos ouvintes. Eu penso em como criar maneiras para que, no ensino de crianças surdas possa haver o despertar para essa literatura. Trabalhar com fábula, conto, contos de fadas, todos esses tipos de textos são muito interessantes e me dão muito o que pensar, o que pesquisar em termos de subjetividade. Essa literatura traduzida para os surdos, quando adaptadas à maneira deles pensarem, me interessa muito. Também o que desperta o meu interesse é a questão do que é CRIADO, as idéias que partem da comunidade surda. Há aquilo que o Fabiano explicou, da Rapunzel e da Cinderela surda, então, isso é criação dos surdos, é o que desperta nas crianças essa admiração e faz com que eles se apropriem do que está sendo apresentado, compreendendo que, como surdos, também são capazes. Eu sempre me preocupo muito com isso porque são poucas publicações, apesar de que agora, com o curso de Letras/Libras, como um curso de graduação, as produções estão aumentando,

trazendo novidades. Assim como o Cacau explicou no sábado, (...), e eu espero que futuramente as coisas sejam melhores, que aumentem as publicações, porque as crianças surdas irão se sentir felizes com isso, que aumente também as produções em Sign Writing. No entanto as crianças precisam de visualização, precisam de imagem, da janela do intérprete. Também o teatro surdo deve ser mostrado para elas, como parte desse despertar, para que eles percebam que também são capazes de atuar, até porque o que é produzido é dirigido principalmente para ouvintes e os surdos acabam atribuindo a literatura somente aos ouvintes. Mas não! Os surdos precisam se enxergar como capazes, capazes de se desenvolverem, coisas que eu aprendi com a Lodenir e a Carolina. Está bem?

**ANEXO C****FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa: **Literatura Surda: as produções culturais surdos em Língua de Sinais**, desenvolvida por Cláudio Henrique Nunes Mourão, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp.

Essa pesquisa pretende analisar as atividades produzidas em Libras e disponibilizadas em DVD(s), que foram realizadas por alunos do Curso de Letras-Libras, no Pólo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na disciplina de Literatura Surda.

O objetivo desse projeto é analisar as produções em Libras que representam a Literatura Surda em nosso país. Dentre os objetivos específicos pretendemos (a) coletar os dados e materiais disponibilizados em DVDs em forma de narrativas/poemas; (b) identificar nesses materiais as marcas da Literatura Surda.

Para o desenvolvimento da pesquisa serão usadas as apresentações de trabalhos (filmados e disponibilizados em DVDs) realizados na disciplina de Literatura Surda de alunos do curso de Letras/Libras – Pólo UFSM. Além disso, serão realizadas entrevistas, através de filmagem (em Libras ou em português), com os alunos sobre a produção das narrativas/poemas em Libras.

**GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:**

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a

qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos de apresentação de resultados da pesquisa.

#### CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:

A participação no estudo não acarretará custos para você e não estará disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Em caso de dúvidas você poderá chamar o estudante/pesquisador Cláudio Henrique Nunes Mourão no email: cacaumourao@yahoo.com.br e Dra. Prof<sup>a</sup> Lodenir Karnopp, email: lodenir.karnopp@ufrgs.br.

#### DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPAÇÃO:

Eu \_\_\_\_\_ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. O estudante/pesquisador Cláudio Henrique Nunes Mourão e a Dra. Prof<sup>a</sup> Lodenir Karnopp certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão preservados conforme esclarecimentos neste termo de consentimento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Data: \_\_\_\_\_

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do pesquisador